Luciana da Costa Ferreira

Um personagem chamado Lima Barreto

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura (Teoria Literária) da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência da Literatura (Teoria Literária).

Orientador: Luiz Edmundo Bouças Coutinho.

Rio de Janeiro
2007

FICHA CATALOGRÁFICA

FERREIRA, Luciana da Costa.
Um personagem chamado Lima Barreto / Luciana da Costa Ferreira. Rio de Janeiro, 2007.
147 f; il.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Literatura) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2007.

Orientador: Luiz Edmundo Bouças Coutinho

1. Lima Barreto. 2. Belle Epoque. 3. Crítica Literária
I. COUTINHO, Luiz Edmundo Bouças. (Orient.). II.
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras.
III. Título

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCIANA DA COSTA FERREIRA

UM PERSONAGEM CHAMADO LIMA BARRETO

Rio de Janeiro, 31 de agosto de 2007.

Professor Doutor Luiz Edmundo Bouças Coutinho- Orientador.
Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Professora Doutora Eleonora Ziller Camenietzki
Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Professora Doutora Mônica Amim
Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ás minhas duas estrelas-guia: Jair e Altair.
(in memoriam)

AGRADECIMENTOS:

Muitas vezes, em uma clássica cena de filme, vemos a vida de um personagem se passando em poucos segundos em sua mente. Seja em uma hora de perigo ou em um bom momento há o famoso *"flashback"* que mostra toda a luta de um indivíduo naquilo que chamamos de VIDA.

Mas, por que estou falando nisso, quando deveria utilizar esse espaço apenas para agradecer? Justamente, faço isso guiado por esse sentimento de ver toda a minha trajetória passar aos meus olhos.

No passado, vejo os meus grandes mestres na vida: meus avós Jair e Altair. Seres iluminados que continuam, até hoje, mesmo de longe, a guiarem os meus passos. Recordo, também, de minha "prima filósofa" Rosiris que brilhou no mundo acadêmico e, hoje, brilha no céu. São essas as minhas estrelas. Três seres- humanos que, além da vida, ainda olham por mim. Por eles agradeço a cada dia....

Em outro momento, me recordo de todos os meus amigos. Agradeço por todos "agüentarem" a mim por tantos anos e com a fidelidade que sempre busco nos grandes companheiros. Por isso, lembro de meu grande amigo Bruno, de minha cunhada Raquel e de minhas amigas de faculdade Érica, Maria Patrícia, Ana Paula, Renata, Lívia e de tantas outras que perpassam em minha memória. À Érica e Maria Patrícia dou destaque à preciosa leitura que fizeram do meu trabalho. E tenho certeza que terei sempre o apoio dessa grande dupla no decorrer de minha vida.

Nesse rápido e profundo resumo de minha vida agradeço, também, ao médico e amigo da minha família, Doutor Ari que tanto suporte me deu nessa minha caminhada durante o mestrado.

Vejo, igualmente, todo o apoio recebido de meus vizinhos: Marcílio e Leonor que tanto contribuíram para a minha formação intelectual durante todos esses anos.

Ao mesmo tempo, agradeço a ajuda que recebi nesse trabalho da Professora Doutora Magali Engel (História- UERJ) que me forneceu, no original, um artigo sobre Lima Barreto. Sou grata, similarmente, a minha colega Regina de São Paulo que me ofertou com material sobre Jules de Gaultier.

Destaco, também, a sincera acolhida que recebi de meu orientador Luiz Edmundo que, em um mundo acadêmico marcado por acessos de vaidade, mantêm a humildade como marca maior.

Nesse "pequeno filme" de meu pensamento ainda entram em cena toda a equipe da Biblioteca Popular Lima Barreto que me acolheram e me prestigiaram e deram a mim a honra de ceder um espaço para que eu divulgasse as minhas idéias sobre o grande escritor carioca.

Lembro, também, de toda a minha família que, sempre guiada pelos ideais de companheirismo e solidariedade resgatam, em um mundo tão individualista, os princípios básicos do que seria um lar. Agradeço a todos os membros do "clã" COSTA FERREIRA: Tia Vilma, Tio Almir, Tio José, Tia Renilda, Tia Ayla e a todos os meus primos dos mais diversos graus.

Por fim, em um ritmo mais lento minha mente pára. Penso naqueles que, todo dia, me dão o suporte para minha luta diária. Ao invés de três mosqueteiros tenho a honra de ter quatro: minha mãe Zêila (a que tantas vezes chamo por dia), ao meu pai Wilson (que caminha ao meu lado em todas as minhas batalhas), a minha Tia Meri (que traz a calma necessária ao meu lar) e ao meu grande ídolo na vida, meu irmão Leonardo.

São esses “quatro mosqueteiros” que sejam nas broncas ou nos aplausos fazem com que eu tenha o sustentáculo para continuar a minha caminhada.

No final desse *“flashback”* volto a pensar no TEMPO PRESENTE e vejo que consegui conquistar um sonho. Ideal esse que me torna mais realizada por ter escolhido como tema algo que mexe com minha memória: Lima Barreto. Vivendo em Todos os Santos, agradeço por ter encontrado um mote para ver no cotidiano do meu bairro moradores, ruas, enfim, marcas de um passado que ainda ecoa nos dias atuais.

Sinceramente,

Luciana da Costa Ferreira.

(Rio de Janeiro, 16 de julho de 2007).

qualquer que seja a sua originalidade aparente, uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica.

(Giovanni Levi)

FERREIRA, Luciana da Costa. *Um personagem chamado Lima Barreto.* Dissertação de Mestrado em Ciência da Literatura (Teoria Literária) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007, 147 páginas.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo básico o estudo da figura do escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto. O exame do romancista conduz ao questionamento de conceitos da crítica literária como biografia, ficcionalidade, cânone e relação entre mundo literário e processo social. A proposta da autora é repensar o quanto a crítica literária transforma um autor real em um personagem. E, também, como o próprio escritor pode se transformar em um ser ficcional. Com isso, a análise tem como base a noção de indivíduo concreto (Afonso Henriques) e indivíduo construído (Lima Barreto). Por fim, o alvo de estudo está concentrado nos textos- tutores de Lima Barreto e nas inspirações além do texto: a grande força da literatura barretiana.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Belle Époque carioca, Critica literária, Lima Barreto.

FERREIRA, Luciana da Costa. *A character called Lima Barreto.* Essay of Mastery in Science of Literature (Literary Theory) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007, 147 pages.

ABSTRACT

This essay aims at the study of the profile of the carioca writer Afonso Henriques de Lima Barreto. The analysis of the novelist conducts to the questioning of the concepts relative to Literature critics such as biography, fiction, canon and the relation between the literary world and the social process. The author's proposal is thinking about the way in which the criticism transforms a real writer into a character. And, furthermore, how the author can be transformed himself into a fictional creature. This analyzsis is based on the notion of concrete individual (Afonso Henriques) and constructed individual (Lima Barreto). Finally, the focus is concentrated on the texts of Lima Barreto's formation and the inspirations beyond the text: the greatest source of the barretiana literature.

Keys words: Brazilian Literature, Belle Époque at Rio de Janeiro, Literature critics, Lima Barreto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

I. Reprodução fotográfica do Jornal Correio da Manhã, página 74.

II. Caricatura de Lima Barreto, página 76.

III. Livro *O Bovarismo.* De Jules de Gaultier, página 88.

IV. Caricatura de Lima Barreto 1, página 135.

V. Caricatura de Lima Barreto 2, página 135.

VI. Caricatura de Lima Barreto 3, página 136.

VII. Foto da Biblioteca Popular do Méier Lima Barreto, página 138.

LISTA DE TABELAS:

I. Epípetos e adjetivações de Lima Barreto, página 50.

II. quadro sistemático dos principais teóricos sobre Lima Barreto, página 127-134.

SUMÁRIO:

1. Introdução

2- A biografia e o biografado: reflexões sobre Afonso Henriques de Lima Barreto. **21**

2.1- Lima Barreto: as contradições do intelectual e do indivíduo. **22**

2.2- Lima Barreto: apenas um negro, pobre e suburbano? **48**

3- A visão de biografia pelo biografado: o personagem Lima Barreto e o indivíduo Afonso Henriques **56**

3.1- Os (des)caminhos da crítica barretiana **58**

3.2- Lima Barreto: de cidadão real à personagem de romances. **60**

3.3- Um personagem chamado Lima Barreto **76**

4- Os textos- tutores de Lima Barreto **86**

4.1- O bovarismo barretiano. **88**

4.2- As inspirações de leitura em Lima Barreto **95**

4.3- Lima Barreto: as inspirações além do texto **114**

5- Conclusão **122**

6- Apêndices

A/ quadro sistemático dos principais teóricos sobre Lima Barreto. **127**

B/ A caricatura de Lima Barreto por Hugo Pires **135**

C/Crônica: ***Em busca de uma memória*** **137**
por Luciana da Costa Ferreira

D/ A Biblioteca Popular do Méier - Lima Barreto **138**

7- Referências **140**

1-INTRODUÇÃO

> todas as grandes obras literárias ou inauguram um gênero ou o ultrapassam.[1]
> (Walter Benjamin)

Em 1909, Lima Barreto aguardava com ansiedade a publicação de sua obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha.* Na visão do ficcionista brasileiro esse livro ia romper com os padrões reinantes na literatura da época. Entretanto, a esperança do sucesso se esvaiu com o silêncio da crítica em relação ao aparecimento da polêmica história.

A não menção dos grandes periódicos da época a respeito da publicação desse grande romance de estréia rende até hoje aos pesquisadores de Lima Barreto uma grande e produtiva discussão. O importante é que desse episódio surgiram muitos dos estereótipos ao nosso autor. E foi, exatamente, o estudo desses clichês que conduziram os primeiros passos dessa pesquisa.

As perguntas derivadas desse evento levaram a reflexões sobre o estilo literário do romancista. Lima Barreto, seguramente, tinha uma realização ficcional "problemática" para a crítica da época. A sua escrita simples era associada ao desleixo com a gramática e a caracterização de personagens inspirados em seres reais era vista como falta de imaginação.

Todos os questionamentos à obra e, também, à vida de Lima Barreto desencadearam uma curiosidade intelectual em descobrir qual a imagem que a crítica fez de Lima Barreto. Surgiram perguntas como: Será que essa representação se

---

[1] BENJAMIN, W. "A imagem de Proust", 1993, p. 36.

assemelha ao que de fato Afonso Henriques foi? A crítica poderia estar construindo um outro autor ao analisá-lo sob os parâmetros da ficção?

A característica da obra barretiana de ser profundamente autobiográfica gera outras indagações interessantes: Por que o escritor ficcionalizou a si próprio? Por que motivo Lima Barreto mesmo sendo acusado de pobreza ficcional continuou a transportar para o romance muito das suas angústias da vida real? De que forma o ficcionista, com sua proclamada obra memorialista, contribuiu para a afirmação de seus próprios estereótipos?

Todas essas constatações, tanto do posicionamento dos críticos como o do próprio Lima Barreto, formaram a idéia de trabalhar Lima Barreto como um personagem. Figura ficcional essa construída pelo autor e alimentada por seus críticos. Pode-se dizer, então, que o trabalho a seguir tem como meta produzir uma reflexão sobre o conceito de MEMÓRIA. O percurso a ser realizado investigará a construção da figura de um escritor por parte dele próprio e da crítica.

Como complemento, é sabido que todo ser humano tem um modo particular de ler o mundo. Essas não aceitações desses múltiplos olhares provocam, exatamente, as discórdias entre indivíduos e nações. No que se refere à arte literária, o debate se concentra naqueles que produzem uma literatura adequada aos padrões reinantes e nos que compõem uma escrita que foge ao modelo canônico.

Em vista disso, o estudo a seguir terá como foco a análise da memória de Lima Barreto. Por isso serão investigadas as estratégias que o próprio autor carioca utilizou para construir a sua imagem. A opção do romancista em transportar a sua vida para a ficção sofreu censuras por parte da crítica. O que era uma forma de se postar contra o mundo, foi vista como falta de poder de criação. Todavia, a própria crítica também

fabricou um personagem derivado de Lima Barreto. Ambos –crítica e autor– fizeram a sua leitura do mundo, uns perpetuando as verdades e outros as desafiando.

No capítulo dois será feito uma pequena explanação sobre o que Bourdieu chamou de "A ilusão biográfica"[2]. Desse conceito surgirá a visão de que uma biografia não pode ser vista de modo linear. Com isso, a vida de Lima Barreto será analisada considerando o fato de que toda identidade é múltipla. Além de que, muitas das contradições do biografado, quando inseridas no contexto social, revelam-se mais coerentes do que sugeriria uma leitura precipitada. Serão dadas ênfases em dois aspectos muito criticados em Lima Barreto: sua visão referente ao futebol e as mulheres Em muitas passagens vão ser desconstruídos os diversos rótulos impostos a Lima Barreto. E, por último, será feita uma reflexão sobre o aspecto mais criticado na escrita de Lima Barreto: a autobiografia.

Já no terceiro capítulo será discutido algo que subjaz nas entrelinhas do pensamento do autor de *Os Bruzundangas*: uma teoria da biografia. E, também, um dos grandes (des)caminhos da crítica: confundir o Lima Barreto personagem (o indivíduo construído) com Afonso Henriques (o indivíduo concreto). A forma literária do autor, não compreendida por muitos, mostra-se como um ativo elemento que dialoga com o processo social da época. Outro tema alvo de comentários será o porquê da crítica biografar o Lima Barreto personagem e não o cidadão real. Ao final, o enfoque se destinará a seguinte questão: Que personagem é esse chamado Lima Barreto? Pode-se pensar, ao mesmo tempo, sobre até que ponto esse personagem ajudou a perpetuar os estereótipos atribuídos a Lima Barreto como, por exemplo, o de ter sido um indivíduo louco e um escritor sem reconhecimento.

---

[2] BOURDIEU, "A ilusão biográfica". *In:* AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord). *Usos & abusos da história oral*. 5ª ed., RJ: Editora FGV, 2002, p.183- 191.

Na ultima parte[3], o mote será uma idéia que se faz presente em todo o corpo do trabalho: a concepção de que Lima Barreto construiu, a partir de si mesmo, um ser ficcional em sua produção literária. O que muitos críticos enxergam como pobreza de estilo será analisado como uma rica ferramenta literária empreendida pelo criador de Policarpo Quaresma. Na verdade, toda a concepção do romance liminiano tem profundas influências de leituras, por exemplo, de autores russos como Dostóievski, dos positivistas franceses como Taine e, obviamente, de Miguel de Cervantes. Em vista disso, serão investigados os "textos- tutores" que deram ao autor uma visão filosófica importante para a elaboração de uma polêmica realização literária. O destaque inicial será na obra *O Bovarismo* de Jules de Gaultier. Essa noção de bovarismo permitiu ao escritor uma interpretação mais profunda das contradições do mundo e de si próprio. A seguir, a discussão se encaminhará para as impressões de leitura de Lima Barreto sobre os mais diversos textos da época, apresentando ao leitor um autor extremamente estudioso e bem informado a respeito do que se publicava na Europa e no Brasil. Provando assim que ter um estilo literário simples não é sinônimo de falta de conhecimento teórico. Um outro tópico a ser destacado será a visão que Lima Barreto construiu sobre a Literatura. O autor, que se propôs a realizar uma escrita militante, verá na arte literária o instrumento para despertar a solidariedade entre as pessoas. No tópico final, a discussão migrará para a grande força da literatura de Lima Barreto: as inspirações além do texto. Nessa seção o leitor pode ver um escritor que, apesar da saúde frágil, andava horas a fio a procura de tipos e cenários para os seus escritos. Perceberá que é no cotidiano, tão repetitivo aos olhos do senso comum, que estará a

[3] Capítulo 4: "Os textos-tutores de Lima Barreto".

verdadeira fonte dos romances, crônicas e contos de um dos maiores escritores da Literatura Brasileira.

Nas entrelinhas desse trabalho há uma crítica à visão burguesa da história: o historicismo. Nesse conceito historiográfico, a vida é descrita dentro de um tempo cronológico e linear. Por esse motivo, recorreu-se às idéias de Walter Benjamim para a postura de uma crítica literária que leve em conta não um "tempo homogêneo e vazio", mas sim um tempo "saturado de agoras".[4] Defende-se, então, o ponto de vista da história materialista, em que o passado ainda possui ecos no presente.

Com relação à estrutura do trabalho, o leitor pode perceber que todas as reflexões levantadas em um capítulo se desdobrarão em questões para a seção seguinte. A finalidade da autora é a de que o debate entre um capítulo e outro seja contínuo e que, no virar das páginas, o senso crítico do leitor não se esfrie. Toda a pesquisa faz parte de um só escopo: levar a uma reflexão sobre o próprio processo de crítica literária.

Em complemento ao trabalho principal, encontram-se quatro apêndices. O primeiro consta de um quadro montado pela autora para facilitar a própria[5] e a futuros pesquisadores a terem acesso à opinião sistematizada da crítica barretiana. Logo após, em complemento ao terceiro capítulo, está anexada uma série de esboços da mais famosa caricatura de Lima Barreto. Um terceiro texto mostra ao leitor, sob a forma de uma crônica, os porquês de essa pesquisadora ter Lima Barreto como objeto de estudo. E, por fim, uma justa homenagem à Biblioteca que tem como patrono o nosso grande romancista.

---

[4] BENJAMIN, Walter. "Sobre o conceito da história" *In: Magia e Técnica, Arte e Política:* Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. 5ª ed., SP: Editora Brasiliense, (Obras Escolhidas :vol 1), 1993.

[5] Na medida em que foram realizadas as leituras dos textos críticos sobre Lima Barreto foi elaborado esse quadro. Através desse quadro foi construída a idéia de que Lima Barreto vem sendo analisado pela imagem que perpassa na ficção e não na vida real.

Por último, cabe citar que, recentemente, o premiado escritor irlandês John Banville revelou que "Há dois tipos de escritores: os que aceitam o mundo como ele é, como James Joyce, e os que recusam o mundo, como Samuel Beckett"[6]. O escritor foco dessa dissertação — Lima Barreto — estaria, certamente, inserido no rol dos escritores que recusam o mundo. E será essa rejeição da realidade que o enquadrará em um tipo de intelectual que produz uma escrita que foge ao cânone.

Portanto, lembrando o que Benjamin anunciara na epígrafe desse texto, Lima Barreto com sua escrita que fugia aos padrões parnasianos ultrapassou o estilo literário de então. O seu posicionamento é o de um autor provocador que, no lugar de se contentar com o mundo, deseja transformá-lo. E foi nessa transformação que produziu um dos mais ricos debates sobre a arte literária, provando que a simplicidade é mais profunda do que possa aparentar em uma primeira olhadela.

---

[6] MARTINS, Marília ."Nas ondas da memória" (entrevista com John Banville) *in: Prosa e Verso, O Globo,* 14/04/2007, p. 1-2.

2- A biografia e o biografado: reflexões sobre Afonso Henriques de Lima Barreto.

> Tentar compreender uma vida como acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um "sujeito" cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede
>
> **Bourdieu**[7]

Na teoria crítica moderna, muito se tem discutido sobre o uso que alguns pesquisadores fazem da vida de uma figura histórica. A biografia, isto é, a escrita da vida de um indivíduo como, por exemplo, a do romancista Lima Barreto vem sendo analisada de modo fundamentalmente linear. Essa linearidade deixa de fora algo que não deveria ser ignorado: a descontinuidade do real.

Muitos biógrafos querem dar uma unidade ao biografado. A vida se torna, dessa maneira, uma estrada com algumas curvas rumo a um destino final que é a própria morte. Porém, em uma trajetória de vida não há somente "retas" e "curvas". Há, de fato, bifurcações, caminhos que não foram seguidos, outros que nem sequer foram avistados. O fundamental é que a vida não é uma via de mão única. Os seres- humanos tropeçam, vacilam, desistem, retornam. Com isso, a biografia é um terreno instável em que incoerências, indecisões devem ser levadas em conta. As aparentes contradições do biografado permitem ao pesquisador um estudo mais complexo do que uma simples narração de uma sucessão de acontecimentos dispostas de modo linear.

A própria especificidade da trajetória de um indivíduo está ligada ao sistema social que o cerca. Por isso, é importante analisar a "superfície social" que rodeia o

---

[7] BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica". *In:* AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord). *Usos & abusos da história oral*. 5ª ed., RJ: Editora FGV, 2002, p. 189.

biografado. Muitas críticas a poetas e romancistas não levam em consideração contextos históricos que não são meros panos de fundo. Além de que a identidade de um indivíduo é constituída por elementos contraditórios e representada de modos diversos com o passar dos tempos. Muitas vezes o olhar de hoje modifica a natureza do indivíduo a ser biografado.

Cabe comentar que nessa grande complexidade do real todo indivíduo acaba tendo a sua individualidade multiplicada. Há, então, a figura do INDIVÍDUO CONCRETO e a do INDIVÍDUO CONSTRUÍDO[8]. O primeiro é a personalidade ligada ao que de fato a pessoa foi. Já o segundo é a imagem que a sociedade faz de um indivíduo. Visão essa que, como foi dito anteriormente, é constantemente modificada por uma ideologia de uma certa época.

Assim, feitas colocações sobre a complexidade de se realizar um trabalho memorialístico, percebe-se que todo indivíduo é contraditório. E que, também, a vida não é algo linear. Por esse motivo, a seguir serão exploradas as contradições da personalidade de um dos escritores que tem a maior parte de sua biografia posta em uma estrada reta e com acentuadas curvas.

2.1- Lima Barreto: as contradições do intelectual e do indivíduo.

Como foi destacado na seção anterior, todo biografado tem contradições. E o grande equívoco de muitos teóricos é a não-exploração dessas incoerências. Dessa forma, é importante aprofundarmos o estudo da complexidade da identidade do autor de *Clara dos Anjos.*

---

[8] Os termos INDIVÍDUO CONCRETO e INDIVÍDUO CONSTRUÍDO foram retirados de BOURDIEU, 2002, p. 190.

Primeiramente, pela sua tão divulgada biografia, sabe-se que Lima Barreto se mostrava como um incompreendido, um ressentido com o não reconhecimento de seu trabalho. E examinando a sua personalidade, observa-se um indivíduo extremamente fragmentado. E era, justamente, por não saber lidar com essa fragmentação que o escritor tanto se julgava derrotado: "Seria uma grande vida, se tivesse feito grandes obras; mas nem isso fiz"[9]. Essa citação revela, em uma primeira leitura[10], que o não reconhecimento do talento de Barreto por boa parte da intelectualidade da época, fazia com que o romancista tivesse uma visão amarga do mundo e de si mesmo. Aliás, a pesquisadora Maria Zilda Cury ressalta um fatalismo extremo na obra[11] de Lima Barreto e acrescenta que "No decorrer de toda a sua obra, quando faz uso dos termos ´humanidade' , ´vida' , ´mundo' , ´homens' , estes são sempre adjetivados de modo pessimista"[12].

Observa-se que Lima Barreto, na sua vasta produção literária, registrava ora um orgulho de sua inteligência e outras tantas vezes lamentava o seu fracasso. Dois sentimentos opostos corroíam o escritor: a certeza de sua inteligência excepcional se chocava com o desprezo dos literatos de prestígio. O próprio quarto onde o romancista de Todos os Santos dormia e trabalhava simboliza essa alma atormentada, confusa, que não consegue conviver com as injustiças do mundo em sua volta. As paredes do "quarto- escritório" do romancista eram tomadas por recortes de revistas e jornais[13]. Isso denuncia certa ânsia pela busca do conhecimento, uma certa fragmentação do

---

[9]BARRETO, *Diário Íntimo*, p. 172.

[10] Em uma segunda leitura, que será realizada no capítulo 4 dessa dissertação, o leitor verá que esse sentimento de derrota também pode ser visto como o "bovarismo" de Lima Barreto.

[11] A intelectual afirma que esse fatalismo está mais presente nos romances barretianos e que nas crônicas reveste-se de diferentes formas. *In:* CURY, 1981, p. 31

[12] CURY, 1981, p.47

[13] Um dos passatempos preferidos de Lima Barreto era o de colecionar fragmentos de notícias de jornais e revistas. O escritor tinha, também, um caderno de recortes de jornais e revistas que se intitulava "Retalhos". Esse material pode ser consultado na sessão de Manuscritos da Biblioteca Nacional.

sujeito e uma mente nervosa e conturbada que não conseguia por ordem em um mundo tido pelo escritor como tomado pelo caos.

Uma das contradições que mais incomodavam Barreto era a de ter que ser burocrata e literário[14]. Para o autor era penoso redigir portarias, decretos e avisos quando, na verdade, desejava ter todo o seu tempo dedicado às letras[15]. Ter uma vida burocrática, como popularmente se diz, era algo que agravava seu ressentimento. Em pleno mar de papéis burocráticos a pena do escritor repetia um sufocante ritual. No emprego, inclusive, era comum gozarem de sua mania de ser escritor. Em seu Diário Íntimo, por exemplo, Lima Barreto relata que, durante o trabalho, sentiu vontade de escrever uma pequena cena para o seu livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, mas sentiu-se desanimado: "Agita-me a vontade de escrever já,mas nessa secretaria de filisteus, em que me debocham por causa da minha pretensão literária, não me animo a fazê- lo. Fá- lo- ei em casa"[16]. Da mesma forma, o trabalho como contínuo na Secretaria de Guerra contradizia com a consciência pacífica e crítica de Barreto. Irritava-se, constantemente, com histórias de militares que tanto ouvia e lia na sua repartição: "O que mais me aborrece na vida é esta secretaria. Não é pelos companheiros, não é pelos diretores. É pela ambiência militar, onde me sinto deslocado e em contradição com a minha consciência"[17].

---

[14] Monica Veloso, ao comentar essa relação entre ser escritor e ser burocrata, nos traz a lembrança um depoimento de José do Patrocínio: "Em 1922, ao prefaciar as crônicas de seu companheiro Orestes Barbosa, ele observa consternado que no Brasil é impossível ser apenas poeta. Começa-se no jornalismo, depois cai-se na burocracia e, no melhor dos casos, acaba-se amanuense. A falência do escritor é um fato, constata Patrocínio" *In:* VELLOSO, 1996, p.46.

[15] Como nos conta Francisco de Assis Barbosa, antes da doença de seu pai, Lima Barreto tinha tempo para freqüentar cafés e bibliotecas. Com isso, mantinha contato com intelectuais. Depois que se tornara burocrata a rotina cruel o sufocava. Como o dinheiro era escasso era obrigado a dar aulas particulares a alunos que desejavam prestar exames para o Colégio Militar ou o Pedro II. Desse modo, "Tudo isto, porém, estava muito longe do que havia sonhado:ser romancista, viver da inteligência e para a inteligência, sem outra preocupação que a de escrever os seus livros" *In:* BARBOSA, 1975, p. 136.

[16] BARRETO, *Diário Íntimo,* 31/01/1905, p. 97.

[17] BARRETO, *Diário Íntimo*, p. 171.

Convém acrescentar que há uma característica na personalidade de Lima Barreto que merece comentários. O romancista que escrevia com boa desenvoltura para as massas tinha pavor da multidão. Seria essa uma contradição ou apenas um elemento comum de vários indivíduos? Um exemplo para ilustrar esse debate seria o episódio ocorrido na conferência "O Destino da Literatura"[18]. Na análise do texto, o leitor pode perceber que das dezenove páginas, cinco são ocupadas por hesitações do escritor em se expressar em público: "Tenho, para mim, que, mais do que outros motivos, foi este pavor de auditório que me fez até hoje fugir às conferências"[19]. E mostra que, embora seja um homem de vida social intensa, possui uma timidez profunda:

> /.../eu, apesar de ser um sujeito sociável e que passo, das vinte e quatro horas do dia, mais de quatorze na rua, conversando com pessoas de todas as condições e classes, nunca fui homem de sociedade: sou um bicho-do-mato.[20]

Essas passagens retiradas da conferência parecem se configurar como um prenúncio do desfecho real do evento que seria realizado em Rio Preto, cidade próxima a Mirassol. O temor da multidão de Lima Barreto levou o romancista a preferir a companhia da bebida em um bar do que a das pessoas que iam assisti-lo. Nota-se que, na descrição do romancista — de ser um "indivíduo social" e, ao mesmo tempo, ter pavor de multidão — há um tom adversativo ("Apesar de ser um sujeito sociável /.../ sou um bicho do mato"). Sendo assim, o próprio escritor as vê como elementos contraditórios de sua personalidade, algo, inclusive, negativo, tanto que o levou a desistir de realizar a conferência no interior paulista.

A imagem que o indivíduo Afonso Henriques de Lima Barreto fazia de si era, em muitos momentos, marcada por uma forte negatividade. Apesar de se reconhecer

---

[18] BARRETO, "O Destino da Literatura" *In: Impressões de Leitura.*
[19] BARRETO, *Impressões de Leitura*, p. 54.
[20] BARRETO, *Impressões de Leitura*, p. 54-5.

como um escritor de talento[21], via-se esmagado pelo preconceito. Ao viver certas situações tomava algumas atitudes que - aos olhos de outras pessoas - não tinham sentido algum. Certa vez, quando ainda era estudante da Escola Politécnica, Lima Barreto não seguiu os seus colegas em uma aventura: pular o muro de um teatro para assistir a um espetáculo. Como contou seu antigo colega de quarto Nicolau Ciancio o escritor hesitou em realizar a empreitada, pois "preto que salta muros de noite só pode ser ladrão de galinhas!"[22]. Ao passo que para os "rapazes brancos" isso seria visto pela sociedade apenas como uma "estudantada", ou seja, como uma simples brincadeira de estudantes. Já para o jovem Barreto, "um pretinho", o destino seria a prisão.

A posição de Afonso Henriques de Lima Barreto de ser negro e intelectual era algo que lhe causava muitos transtornos. Apenas alguns anos após a libertação dos escravos, ser negro na Capital Federal ainda era associado à idéia de escravidão, ou seja, de um ser submisso, inferior. Principalmente em uma sociedade ainda dominada por ex-senhores de escravos. De encontro a isso, o Lima Barreto negro, taxado de submisso, era um intelectual. E a figura do "homem de letras" é relacionada a um sujeito que exerce uma grande influência sobre outras pessoas. Como ficava nosso escritor nessa posição de ser negro/dominado e intelectual/dominador? Certamente, essa "aparente contradição" inquietava o autor suburbano. Na sociedade da *Belle Époque* ou o indivíduo era negro ou intelectual. E Lima Barreto, na verdade, não conseguia dissociar uma categoria de outra. Muitos autores negros até conseguiram penetrar no mundo dos intelectuais como, por exemplo, Machado de Assis e João do Rio. Porém, Barreto os via com desconfiança. Pensava que tanto o criador de *Dom Casmurro* como o de *A alma*

---

[21] Lima Barreto tinha a plena convicção que era um escritor superior a muitos outros.
[22] *Op cit:* BARBOSA, 1975, p. 92.

encantadora das ruas se desgarraram de suas origens. Seriam, então, mais intelectuais do que negros. Na opinião de Gilberto Freyre, Lima Barreto era

> pobre e obrigado, pela sua condição econômica, a ser, em grande parte, sociologicamente homem de cor: sem oportunidade de transformar-se em mulato sociologicamente branco como, na sua mesma época o igualmente negróide evidente — embora bem mais claro de pele do que Barreto— Machado de Assis.[23]

Essa dualidade entre ser negro ou intelectual é bem exemplificada na própria linguagem de Lima Barreto. Ao mesmo tempo em que possui uma escrita simples voltada para o povo, muitas vezes, há a introdução de elementos rebuscados, inacessíveis a grande parte da população. De acordo com Maria Zilda Cury, Lima Barreto utiliza provérbios populares em suas crônicas para aproximar o seu texto da fala popular[24]. Contudo, em várias produções barretianas há uma infinidade de frases, palavras e expressões em língua estrangeira. Em uma crônica denominada "O meu conselho", publicada no semanário *A. B. C*[25], Barreto começa o seu texto com um comentário sobre um anúncio escrito em francês em que um rapaz inglês procura uma brasileira rica para casar. Mais adiante faz uma citação de Balzac em língua francesa . Com isso, grande parte de seus leitores[26], a quem diz que deseja alcançar com sua literatura, não irão, certamente, compreender a mensagem do escritor. Isso denota essa oscilação entre o romancista ter um projeto de militância popular e almejar entrar no mundo intelectualizado. Segundo o professor Joel Rufino dos Santos, Lima Barreto

---

[23] FREIRE, 1987, p. 260.
[24] CURY, 1981, p. 161.
[25] Há um fato curioso ocorrido na relação entre Lima Barreto e o periódico *A. B. C.* Apesar de ter escrito, pelo menos, quarenta e sete crônicas no semanário, o escritor se irritou com um artigo contra a raça negra publicado na revista. Em vista disso, depois desse episódio, decidiu suspender a colaboração no periódico. Isso prova o quanto Barreto tinha uma linha filosófica bem estruturada, pois seus artigos deveriam estar em concordância com a filosofia do jornal na qual colaborava.
[26] Lima Barreto dizia que o seu leitor ideal deveria ressurgir da grande massa e não da restrita elite carioca.

tinha a "ambivalência que aflige todo negro intelectualizado num mundo de brancos: pele negra x máscara branca"[27].

Outros posicionamentos de nosso autor tidos como díspares são, exatamente, os que se referem a elementos da modernidade. Na visão de uma série de críticos literários, o romancista de Todos os Santos se contradiz por simpatizar-se com a monarquia, regime que aboliu, mas que criou e manteve a escravidão. Além disso, Barreto era antipático aos imigrantes por estarem ocupando vagas que poderiam ser destinadas aos escravos recém-libertos. O escritor se mostrava, também, um fiel opositor ao movimento feminista, à entrada da mulher no mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, condenava os abusos à mulher[28]. Desse modo, o escritor que seria um dos pioneiros do uso de uma linguagem consagrada na Semana de 22 criticava a modernidade (os arranha- céus, o futebol) e defendia estruturas típicas da sociedade monárquica (como a exclusão das mulheres das eleições). Como bem disse Antonio Arnoni Prado, em Barreto "/.../ se chocam, frente a frente, a visão do novo e a permanência do velho"[29]. Aliás, Lima Barreto deixou evidente o seu posicionamento frente a isso ao declarar no artigo "Aos poetas": "Não sou contra a inovação, mas quero que não rompa de todo com os processos do passado, senão o inovador arrisca-se a não ser compreendido"[30].

Em uma análise minuciosa desses "aparentes paradoxos" observa-se que o grande equívoco de muitos críticos é, exatamente, taxar todos esses posicionamentos de Barreto como conservadores. Todavia, em muitos deles corre-se o perigo de se realizar uma visão anacrônica do autor. Já em outros, fica claro que Barreto ainda tem resquícios do patriarcalismo na sua formação ideológica. Evidenciando o quanto complexa é a figura

---

[27] SANTOS, 1983, p. 45.
[28] Isso será discutido com minúcia em parágrafos adiante.
[29] PRADO, 1976, p.11.
[30] BARRETO, *Impressões de Leitura,* p. 223.

de Lima Barreto. Por isso, nos parágrafos que se seguem é importante enfocar dois temas que acabam dando ao autor de *Os Bruzundangas* um rótulo de conservador: o FUTEBOL e a MULHER.

Em primeiro lugar, quando o leitor moderno tem acesso às crônicas de Lima Barreto sobre o futebol, a primeira impressão é, certamente, de estranheza. Afinal, como o escritor que é proclamado como a voz dos subúrbios pôde ter tanta ojeriza a uma manifestação popular como o futebol? Será essa uma atitude contraditória de nosso autor? Antes de análises precipitadas, o ledor pode redirecionar a sua pergunta: qual seria, então, o significado que o futebol possuía para que Barreto o abominasse tanto a ponto de ajudar a fundar uma "liga contra o *foot-ball"*?[31]

Antes de tudo, cabe mencionar que, no início do século XX, o futebol era um esporte típico da elite carioca. Como nos diz o historiador Leonardo Pereira, autor de um excelente livro sobre o assunto[32], "Longe de ser um esporte nacional, o jogo era praticado majoritariamente por jovens endinheirados que iam fazendo dele um misto de diversão e de distinção, na formação de clubes privados nos quais pudessem reunir-se e praticar o esporte"[33]. Para manter essa feição de esporte de elite havia uma série de mecanismos para excluir o povo da prática desse nobre desporto. E será exatamente essa diferenciação social um dos primeiros alvos de Lima Barreto contra o futebol. Nas análises de Lima Barreto, fica clara a sua repulsa por um esporte que vetava a participação de negros. Realmente havia uma distinção social nos clubes e Barreto via

---

[31] É importante registrar que Lima Barreto juntamente com o jornalista Noronha Santos, o médico Mario de Lima Valverde e o escritor Coelho Cavalcanti fundaram, em 1919, uma liga contra o "*foot-ball"*em uma confeitaria no Méier que , possivelmente, deveria ser o Bar Sul Americano. Este bar era conhecido como a "Colombo Suburbana" por ser o preferido dos intelectuais. Deve-se enfatizar que nessa liga contra o *foot-ball,* Lima Barreto tinha como função a crítica aos aspectos políticos e sociais do jogo.

[32] PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro- 1902- 1938. RJ: Nova Fronteira, 2000.

[33] PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. "O jogo dos sentidos: Os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro*" In:* CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo (orgs). *A História Contada:* capítulos de história social da literatura no Brasil. RJ: Nova Fronteira, 1998, p. 195-6.

nessas atitudes uma continuação de um passado de segregação racial. Quando o criador de Policarpo Quaresma funda uma "Liga contra o *foot-ball"* com seus amigos, não luta, na realidade, contra o esporte, mas sim em oposição às desigualdades sociais propagadas pelo futebol e pelo tipo de sociedade que esse esporte exemplifica.[34]

> Está aí, uma grande desvantagem social do nosso football. Nos nossos dias em que, para maior felicidade dos homens, todos os pensadores procuram apagar essas diferenças acidentais entre eles, no intuito de obter um mútuo e profundo entendimento entre as várias partes da humanidade, o jogo do ponta-pé propaga sua separação e o governo a subvenciona[35].

Concomitantemente, o fator que mais irritava Barreto era a ideologia de classe que existia por trás desse esporte. É fato que o futebol representava um projeto político-ideológico de uma elite que ansiava por um desporto que marcasse a sua diferenciação com relação às demais classes sociais. E Lima Barreto, em suas análises sobre o futebol, percebe muito bem esse outro viés da questão. Havia, de certo, o projeto de se construir através do futebol a imagem de um Brasil branco, civilizado e com ares europeus. A proposta de se excluir jogadores negros da seleção brasileira de um campeonato sul-americano, exigida pelo próprio presidente Epitácio Pessoa, ilustra bem esse projeto de construção de uma identidade nacional ficcional. Na própria obra satírica *Os Bruzundangas,* Lima Barreto brinca com essa imagem ao descrever o país "fictício": "Bruzundangas, País rico- café, cacau e borracha. **Não há pretos**"(grifo meu)[36]. No entanto, a grande ironia da História foi a do futebol ter se tornado um fenômeno de massas. Houve uma notável quebra de um projeto fidalgo construído pela elite. Foi, precisamente, o processo de popularização desse desporto que destruiu esse "nobre

---

[34] A Liga Metropolitana de futebol excluía de seus quadros jogadores negros, operários, cocheiros, carroceiros, barbeiros, soldados. Enfim, todos aqueles que não pertencessem à alta sociedade.
[35] Barreto, Lima. "A liga contra o *football" In: Um longo sonho do futuro*: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. RJ: Graphia Editorial, 1993, p. 306.
[36] BARRETO, *Os Bruzundangas*, p.149.

empreendimento"[37]. A força social que o futebol ganhou acabou sendo sentida por críticos desse esporte como Lima Barreto que, em 1922, presenciara a popularização do jogo de "*bola no pé*": "Não há rico nem pobre, nem velho nem moço, nem branco nem preto, nem moleque nem almofadinha que não pertença virtualmente pelo menos, a um club destinado a aperfeiçoar os homens na arte de servir-se dos pés"[38]. O único problema do escritor - que é tido como porta- voz dos excluídos - foi, seguramente, não ter percebido que, nesse caso, o povo conseguiu uma significativa vitória frente a um projeto elitista.

Um outro fator que ocasionava repulsa de Lima Barreto ao futebol está associado a sua incansável luta contra escritores de linguagem rebuscada. Sabe-se que o maior defensor do futebol era o escritor Coelho Neto, um dos sócios do "*Fluminense Football Club*".[39] A implicância de Barreto ficou registrada em uma sátira a esse escritor na clássica obra *Os Bruzundangas*, na qual o episódio narrado remete-se ao famoso discurso que Coelho Neto fez na inauguração da piscina do Clube das Laranjeiras. Nesse fato narrado por Lima Barreto, há a apresentação de uma história em que um rico milionário (certamente Arnaldo Güinle) quer inaugurar um imenso tanque de banho para cavalos em sua chácara (no caso a piscina do clube de futebol). Para isso, chama o maior literário da Bruzundanga (uma paródia de Coelho Neto) para realizar um pomposo discurso.

---

[37] O maior exemplo do descontentamento da elite com a popularização do futebol é simbolizado no goleiro Marcos. O jovem defensor da seleção brasileira era filho de família aristocrática e só entrava em campo com camisas de seda. O jogador - branco, refinado e de boa educação - representava a imagem fidalga do futebol construída pela elite. Em 1919, o goleiro, que admitiu não pular no chão para não sujar suas camisas, se decepcionou com a quebra da nobreza no esporte. Com isso, aos 27 anos, abandonou o futebol alegando a perda da elegância e da distinção nesse desporto.

[38] BARRETO, "O nosso esporte" *In: Vida Urbana,* p. 281.

[39] Segundo o professor Joel Rufino, "Coelho Neto/.../ tinha uma visão olímpica do futebol/.../. Comparava os arredores do estádio do Fluminense à Grécia". Além de que, o futebol só deveria "/.../ ser coisa de fortes, escolhidos, guerreiros, atléticos- não fora concebido para esquálidos suburbanos de cor indefinida. Queria o novo esporte para os jovens superiores; para os pobres, queria o serviço militar obrigatório" *In*: SANTOS, Joel Rufino dos .*O Rio de Janeiro de Lima Barreto,*1983, p. 41.

Barreto, também deixa claro o seu repúdio a Coelho Neto em uma famosa crônica intitulada *"Histrião ou literato?"*. Nesse texto, o autor carioca refere-se ao intelectual das Laranjeiras como um histrião, ou seja, um típico "bobo da corte". O autor de *Bagatelas* mostrava-se indignado pelo fato de um clube de futebol merecer discursos altamente poéticos de um escritor. A Literatura era para Lima Barreto algo que não deveria estar associado a um esporte tido como brutal e virulento. O principal é que Coelho Neto simboliza um modelo literário oposto ao de Lima Barreto. Nesse caso, as implicâncias do romancista do subúrbio iam além da questão futebolística. Se o autor de *A Capital Federal* realizava uma literatura para poucos iniciados, Lima Barreto tinha um projeto de escrita voltado para as massas visando diminuir a distância entre os intelectuais e o público:

> Escrever com fluidez, claro, simples, atraente, de modo a dirigir-me à massa comum dos leitores, quando tentasse a grande obra sem nenhum aparelho rebarbativo e pedante de fraseologia especial ou falar abstrato que faria afastar de mim o grosso dos legentes. Todo homem, sendo capaz de discernir o verdadeiro do falso, por simples e natural intuição, desde que se ponha este em face daquele, seria muito melhor que me dirigisse ao maior número possível, com o auxílio de livros singelos, ao alcance das inteligências médias com instrução geral, do que gastar tempo com obras só capazes de serem entendidas por sabichões enfatuados, abarrotados de títulos e tiranizados na sua inteligência pelas tradições de escolas e academias e pelos preconceitos livresco de autoridade. Deveria tratar de questões particulares com esse espírito.[40]

Constata-se que a briga de Lima Barreto com Coelho Neto era mais literária do que futebolística. O que realmente estava em jogo era uma oposição sobre a função da literatura. Uma que valorizava o estilo artificial, ornamental e outra que priorizava a clareza, a simplicidade. Nas palavras do próprio Lima Barreto:

> Em anos como os que estão correndo, de uma literatura militante, cheia de preocupações políticas, morais e sociais, a literatura do senhor Coelho Neto ficou sendo puramente contemplativa, estilizante, sem cogitações outras que não as da arte poética, consagrada nos círculos dos grandes burgueses embotados pelo dinheiro[41].

---

[40] BARRETO, *Cemitério dos vivos,* p. 138-9.
[41] BARRETO, *Impressões de leitura,* p. 76-7.

O que Coelho Neto desejava era uma cultura restrita à burguesia, já Lima Barreto tinha um projeto de massificação da literatura. Como um intelectual militante, Lima Barreto queria mostrar aos seus leitores que a opressão vinha de pessoas como Coelho Neto que queriam fazer do Brasil um país com privilégios para poucos[42]. E o futebol e a linguagem eram um desses instrumentos de controle.

Em contrapartida, uma reviravolta no aspecto social do futebol mereceu uma atenção maior do romancista: a partir de 1910 o futebol alcança popularidade e rompe a cerca armada pela elite. A partir desse momento a inquietação maior de Barreto é entender o porquê desse esporte, inicialmente de elite, ter se popularizado. O autor de *Numa e Ninfa* não conseguia compreender a devoção exagerada das populações carentes pelo futebol. E se revoltava pelo fato de um povo tão necessitado se mobilizar para partidas de futebol e não se rebelar com o mesmo fervor por justiça social. Sendo assim, Lima Barreto via no futebol uma prática extremamente alienante que desviava a atenção do povo de assuntos primordiais como a educação, a saúde, a miséria. É relevante notar que Lima Barreto reforça esse viés alienante no futebol e não o percebe como uma das arenas onde se travavam a luta de classes. Justamente foi no jogo de futebol que os negros conseguiram uma de suas principais vitórias após a recente libertação dos escravos.

O futebol é descrito pelo escritor como um instrumento de domínio por parte da elite que mantém a população "distraída" de problemas maiores. Entretanto, é notável lembrar que esse posicionamento de Lima Barreto é sustentado por uma visão política de mundo que perpassa em todo o seu pensamento crítico: o anarquismo[43]. Segundo os

---

[42] Privilégio esse que foi conquistado, visto que o Brasil de hoje tem como marca maior a desigualdade social.

[43] Segundo o professor Carlos Augusto Addor, no anarquismo a emancipação dos trabalhadores deve ser feita pelos próprios trabalhadores. Além disso, "sua proposta é a ´ação direta`: greves, comícios,

preceitos dessa teoria política, o futebol e o carnaval seriam o "ópio do povo", ou seja, atividades que não produzem uma conscientização crítica. No entanto, será no apoio excessivo de Barreto nessa visão de mundo[44] que constará um dos deslizes na análise do escritor do subúrbio sobre o fenômeno de popularização do futebol. A visão de Barreto apresenta dois problemas de enfoque. O primeiro refere- se ao fato de Barreto não distinguir o POPULAR da ALIENAÇÃO. A massificação de um esporte não está associada à alienação, a uma falta de conscientização de um processo. Muitas vezes Lima Barreto subestima demais a força da população. O modo de luta que o povo adota no Brasil é que difere do que o escritor imaginou. O povo Brasileiro não carrega em si a tradição de enfrentar os dominadores de "peito aberto", como queriam os anarquistas, pois a luta no Brasil é mais velada, menos aparente, isto é, cotidiana.

Um outro problema no posicionamento do escritor é o de não ver o futebol como fator de sociabilização. O autor não consegue enxergar o esporte com os olhos do povo, pois o seu ponto de vista é, certamente, muito intelectualizado e, sobretudo, guiado pelos ideais anarquistas. O interessante a ser destacado é que muitos trabalhadores viam nesse desporto um modo de ter sua rede de sociabilidade alargada. Como nos diz o professor Leonardo Pereira, nos pequenos clubes de futebol do subúrbio "No lugar da disciplina, o lazer; ao invés da regeneração, a consolidação de práticas culturais que

---

manifestações públicas, boicotes, atos de sabotagem. Acreditam, não sem certa dose de ingenuidade, que uma greve geral revolucionária terá força suficiente para derrubar o capitalismo e que a Revolução Libertária abrirá então caminho- sem ditaduras proletárias transitórias – para a construção da sociedade sem classes e sem Estado. Defendem, numa palavra, a Anarquia, no sentido de ´ausência de governo ´e não no sentido de ´caos e desordem` que a palavra ganharia mais tarde*"in:* ADDOR, Carlos Augusto. "Ilusões revolucionárias", *Revista de História da Biblioteca Nacional,* nº 12, setembro de 2006, p. 34.

[44] Uma das marcas mais claras da presença dessa visão de mundo nos textos de Lima Barreto é o fato do autor ter escrito em jornais anarquistas. Jornais operários como *A Lanterna* contaram com, pelo menos, dez artigos do escritor. Além disso, colaborou nos periódicos *A voz do trabalhador e O Debate*, todos de inspirações anarquistas. Também fundou, com um grupo de intelectuais anarquistas como Domingos Ribeiro, Fábio Luz, Curvelo de Mendonça, Elísio de Carvalho, uma revista conhecida como *Floreal*, cujas matérias difundiam idéias anarquistas. Mas, não se pode afirmar que Lima Barreto era anarquista, pois sua colaboração era apenas com os seus escritos e não como um militante agitador de comícios ou organizador de greves.

transformavam esses pequenos clubes nos grandes centros recreativos dos subúrbios"[45]. E, em muitos casos, essa criação de Clubes permitiu até a organização de associações de trabalhadores[46]. Esses sindicatos, ao organizarem festivais operários, faziam do jogo de futebol uma forma de atrair o público.[47] Dessa forma, existiam os chamados "times operários" como o "Bangu *Athletic Club*" e o "Carioca *Foot-ball Club*" que eram de origens fabris e agregavam os trabalhadores das fábricas de tecidos que tinham o mesmo nome dos clubes. Outros, como os times Operários e Primeiro de Maio *Foot-ball Club,* reuniam trabalhadores de diversos setores da economia. Isso prova que, apesar de não haver um confronto direto, o que Lima Barreto vê como opressão e ilusão, os trabalhadores entendiam como conquista. Na verdade, ter um local para sociabilização era importante para o operariado porque criava um espaço de organização e de construção de uma identidade.

Vale lembrar que, na teoria crítica produzida sobre Lima Barreto, muito se tem dito sobre o porquê do romancista não simpatizar com o futebol. Dentre várias opiniões, pode-se destacar a do intelectual Luís Martins. Segundo o autor do artigo "O suburbano Lima Barreto", o conservadorismo era uma marca típica dos moradores do subúrbio visto que esses moradores eram apegados ao passado e nostálgicos pelos tempos do Império. Bem como, a *"rabugenta má vontade"* barretiana com o futebol e também o cinema, no fundo, eram

> a sua aversão ao "progresso", era a sua mentalidade conservadora de suburbano, infensa às inovações que lhe ditava as inexplicáveis reservas, a franca repulsa com que via a sua velha cidade adotar hábitos e costumes

---

[45] PEREIRA, "O jogo dos sentidos: Os Literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro", 1998, p. 221.

[46] Repare que a formação de associação de trabalhadores derivadas dos encontros em jogos de futebol prova que havia luta por parte dos trabalhadores e não a alienação descrita por Lima Barreto.

[47] PEREIRA, Leonardo. "O jogo dos sentidos : Os Literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro", 1998, p. 221.

> novos, que o seu apego sentimental ao passado não podia aceitar e compreender.[48]

Nessa passagem há uma afirmação de que Lima Barreto e o suburbano em geral tinham "aversão ao progresso". Mas, à luz de tudo o que foi discutido, percebe-se que os motivos de nosso romancista eram outros. No que se refere ao futebol, pode- se concluir que Lima Barreto não possui, como Luís Martins colocou, opiniões conservadoras. Inclusive, é forçoso dizer que o subúrbio possui uma mentalidade conservadora[49]. E a própria análise da estrutura do pensamento crítico de Lima Barreto, morador do subúrbio, prova que não se pode tipificar que todo suburbano é conservador. Ademais, em qualquer período histórico há pessoas conservadoras independente da classe social em que ocupem. Cabe comentar que, para o leitor de hoje, fica claro o quanto elitista é essa constatação de Luís Martins. O suburbano não era, de fato, contrário ao progresso. Na realidade, o povo, por exemplo, se postou contra a remodelação da capital porque foi excluído desse processo de modernização[50].

Em confronto a isso, o autor Afonso Carlos Marques afirma que não se pode taxar Lima Barreto como um opositor do progresso. Segundo o intelectual, as posições de Lima Barreto "antes de conservadoras, eram humanistas e fundadas numa sensibilidade aguçada em relação às questões sociais"[51]. No que se refere, por exemplo, às inovações na arquitetura da cidade, Lima Barreto via com desolação e revolta o apagamento do passado colonial da cidade[52]. Na crônica "O Convento", o romancista relata que "/.../

---

[48] MARTINS, 1962, p. 25.

[49] Nessa lógica de pensamento estaria, então, subentendido que os habitantes do centro da cidade e da Zona Sul (leia-se Botafogo) teriam mentalidades modernas em oposição ao conservadorismo dos suburbanos.

[50] Como aconteceu no caso das demolições dos cortiços que levaram milhares de pessoas a procurarem, sem a ajuda do governo, um outro tipo e lugar para habitar (como, por exemplos as favelas e a migração para os subúrbios).

[51] SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. "Lima Barreto e as contradições sociais de seu tempo" , *In: O Rio de Janeiro de Lima Barreto,* 1983, p.25.

[52] Na verdade, Lima Barreto sabia que esse "apagamento do passado colonial" fazia parte de um projeto da burguesia em transformar a capital em uma cidade moderna, ou seja, europeizada.

não se pode compreender uma cidade sem esses marcos de sua vida anterior, sem esses anais de pedra que contam a sua história".[53] Lima Barreto não era um opositor ao progresso, mas sim à demolição da própria história do Rio de Janeiro. Como definiu Afonso Carlos o escritor realizava uma defesa dos marcos de identidade da cidade, ou seja, dos suportes materiais da memória social do espaço urbano.[54] A intelectual Monica Veloso tem posição análoga ao pensamento de Afonso Carlos Marques, porque, segundo a historiadora, a crítica barretiana não estava em desacordo com a modernidade, pois significava "/.../ desaprovação dos rumos que esta veio tomar em nossa sociedade"[55]. Lima Barreto estaria censurando o caráter excludente e não de inclusão do processo de modernização urbana. Como também, defende a manutenção de elementos que marquem a história de uma cidade.

As críticas de Lima Barreto ao futebol são extremamente válidas se o leitor dialogá- las com o contexto social da *Belle Époque*. O problema de Barreto não era a sua oposição ao esporte, mas sim a sua dificuldade em entender que a opção da população pela prática de um esporte não desmerecia a sua luta, velada e cotidiana, pela opressão empreendida pela elite brasileira.

Um fato curioso não deve deixar de ser citado, em um artigo denominado "Lima Barreto, escritor popular", o romancista Jorge Amado fornece uma informação interessante. Nas palavras do próprio criador de *Gabriela:*

> Um *club* suburbano, um destes *clubs* pobres que cultivam o *foot-ball,* clube que os jornais chamam de pequenos porque não possuem grandes estádios — anunciava, um jogo qualquer. Aliás não estou certo se era um jogo ou uma feijoada. Acho mesmo que era um jogo acompanhado de feijoada; o que é sem dúvida, uma coisa completa, Até *ahí* nada de mais, Porém sabem

---

[53] BARRETO, "O Convento" *In: Bagatelas,* p.85.
[54] SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. "Lima Barreto e as contradições sociais de seu tempo" , *In: O Rio de Janeiro de Lima Barreto*, 1983, p. 32.
[55] VELLOSO, 1996, p. 25.

> qual era o nome deste *club*? Chamava-se **Lima Barreto *Foot-ball Club.*[56] (grifo meu)**

Ironias à parte, além do futebol, os relatos de Lima Barreto sobre as mulheres merecem um exame minucioso. Se com o futebol ficou claro que não é adequado chamar o nosso autor de conservador, será que com relação à mulher aconteceria o mesmo? O fundamental é que a análise da visão que Lima Barreto construiu sobre o público feminino nos revelam um rico retrato da personalidade do criador de *Clara dos Anjos.*

Em várias crônicas, Lima Barreto deixou clara a sua percepção sobre as mulheres de seu tempo. Inovador em muitos aspectos da literatura, o autor suburbano emitia opiniões sobre o mundo feminino que, seguramente, causam revolta em uma leitora moderna :

> As mulheres têm muita aptidão para a retenção e a repetição, sobretudo nas primeiras idades; mas não filtram os conhecimentos através do seu temperamento, não os incorporam a sua inteligência, ficam sempre como estáticos a elas, não os renovam em si. Daí a sua pouca capacidade de invenção e criação; mas daí também os seus sucessos nos exames e concursos. Tudo está na ponta da língua...[57]

Nessa citação, Lima Barreto classifica as mulheres como inaptas para exercer cargos públicos. Para o escritor, a profissão da mulher deveria ser o casamento, já que a sua função seria procriação: "Desde que os lugares públicos, mesmo os que não o são, mas que naturalmente são destinados aos homens, sejam invadidos pelas mulheres, tal fato irá prejudicar a regularidade da reprodução da nossa raça".[58] Na sociedade de então os papéis sociais já estavam demarcados: a mulher pertenceria ao mundo do lar e o homem ao do trabalho. Em vista disso, o público masculino se valia de diferentes formas para delimitar bem esse *status quo*. De acordo com a professora e historiadora

---

[56] AMADO, Jorge. "Lima Barreto *escriptor* popular" *In: A* Manhã, RJ, 02/07/1935, p.3
[57] BARRETO, "A Poliantéia das burocratas", *Coisas do Reino de Jambon,* p.65
[58] BARRETO, "A Amanuesa" *In: Coisas do Reino de Jambon,* p.52

Raquel Soihet, "/.../ lia-se ou ouvia-se, repetidamente, em tratados ou piadas, em tons solenes ou leves, que os homens e as mulheres deviam ocupar esferas separadas porque tinham naturezas e capacidades distintas e, portanto, deveriam exercer tarefas distintas"[59].

De acordo com Lima Barreto, a mulher tinha como característica a repetição e não a criatividade. Por isso, o autor condena a entrada da mulher nas repartições públicas. Se a mulher não pertence ao mundo das ruas, suas atividades eram mecânicas e reduzidas às tarefas domésticas. A opinião de Barreto é, certamente, determinista, pois a incapacidade de criação era tida como inerente às aptidões das mulheres:

> Não é bastante que uma moça papagueie francês ou alemão para ser melhor funcionário que um rapaz. A inteligência da moça é, em geral, reprodutora, portanto muito própria para esse estudo de línguas muito do gosto das repartições catitas, como o Itamarati; mas nunca é capaz de iniciativa, de combinação de imagens, dados concretos e abstratos que definam a verdadeira inteligência[60]

Um belo exemplo desse pensamento de Barreto refere- se à relação do romancista com sua irmã Evangelina. Segundo relato da irmã de Barreto, seu irmão não gostava que ficasse na janela de casa. Sendo o irmão mais velho, desejava que sua irmã apenas fizesse as tarefas domésticas. Sem dúvida, Evangelina só começou a estudar música após a morte do escritor e, com isso, passou a dar aulas de piano para a vizinhança. Logo, por esse tipo de atitude o autor é visto como detentor de posições conservadoras. Isso se dá, notadamente, por Lima Barreto ter em sua formação intelectual traços fortes de patriarcalismo. Sendo um homem em uma época de transição, Barreto oscila por um espaço em que a MODERNIDADE está em permanente conflito com as velhas estruturas sociais típicas de uma sociedade oitocentista. E Lima Barreto incorpora esse tipo de homem de fronteira, que oscila entre ser progressista e ser conservador. Aliás, o

---

[59] SOIHET, Raquel. "Mulheres em busca de novos espaços e relações de gêneros" *In: Acervo:* revista do Arquivo Nacional*,* v.9, n. 1-2 (jan./ dez. 1996), RJ: Arquivo Nacional, 1997, p. 100.
[60] BARRETO, "A Amanuesa" *In: Coisas do Reino de Jambon,* p.52

romancista estava fiel às vertigens, isto é, ao deslocamento de idéias ocorrido durante a transição dos séculos XIX para o XX. [61]

O tratamento de Barreto a sua irmã rende uma discussão complexa. Será que Barreto estava protegendo Evangelina de uma instituição, o casamento, com o qual não concordava? Como escreveu em uma crônica chamada "Os uxoricidas e a sociedade Brasileira":

> Em geral, na nossa sociedade burguesa, todo casamento é uma decepção. É sobretudo, uma decepção para a mulher. A sua educação estreitamente familiar e viciada pelas bobagens das Dorotéias (jesuítas de saia) e outras religiosas; a estreiteza e monotonia de suas relações, numa única classe de pessoas, às vezes mesmo de uma só profissão, não dão às moças, que, comumente se casam em verdes anos, critério seguro para julgar os seus noivos, senão os exteriores da fortuna, títulos, riqueza e um nome mais assim[62]

No entanto, no momento em que Lima Barreto restringia o espaço de sua irmã à sua casa, fazia exatamente o que condenava. Dessa forma, acabava reforçando os valores patriarcais que condenava em suas crônicas. Quando diz que para a mulher só há uma opção de vida, ser esposa e mãe, no fundo, também só dá uma alternativa a Evangelina: cuidar da casa e da família.

É relevante notar que críticos como Pereira da Silva[63] revelam que Lima Barreto, quem sabe, tinha medo de que sua irmã tivesse o mesmo triste fim de uma de suas personagens: Clara dos Anjos. E isso pode ser comprovado em uma passagem de seu Diário Íntimo:

> /.../ Ontem, eram onze horas,/.../ passou um pequeno da vizinhança. Chegando em frente à nossa casa, deu boas- noites. Pelo jeito pareceu- me que o dera para a minha irmã ou para a tal de Paulinha, que é uma vulgar mulatinha, muito estúpida /.../. Achei aquilo inconveniente. Que um sujeito,

---

[61] Além da questão da passagem de séculos, Lima Barreto assistiu a uma mudança no sistema econômico brasileiro. Tudo isso acaba trazendo para um pensador, como o nosso romancista, uma série de inquietações que se revelam, em seus escritos, de modo contraditório.

[62] BARRETO, *Bagatelas,* p. 172-73.

[63] O trecho em que Pereira da Silva alude a isso é o seguinte: "A irmã do romancista, como seu pai, andam nos seus romances sem disfarces. São, na verdade, modelos que estavam dentro de casa. **Ela pela vaga possibilidade de se tornar, por exemplo, uma ´Clara dos Anjos'** , ele, o pai, por ser o próprio Policarpo Quaresma, crescem de importância" **(grifo meu**) *In:* SILVA, 1981, p. 39.

> passando por uma casa fechada, desse boas - noites a moças recolhidas num quarto de dormir. Nesse sentido, inquiri minha irmã, que desmentiu. /.../ Minha irmã, esquecida que, como mulata que se quer salvar, deve ter um certo recato, uma certa timidez, se atira ou se quer atirar a toda espécie de namoros, mais ou menos mal intencionados, que lhe aparecem. /.../ **Se a minha irmã não fosse de cor, eu não me importaria, mas o sendo dá- me cuidados, pois que, de mim para mim, que conheço essa nossa sociedade, foge-me o pensamento ao atinar porque eles as requestam** /.../ **(grifo meu)**[64]

Percebe-se, portanto, que o medo do irmão mais velho era de ver sua irmã, uma negra, ser iludida e traída como aconteceu com sua mais famosa personagem. Lima Barreto, não queria que a frase, infeliz e trágica, dita por Clara dos Anjos fosse proferida por Evangelina : "Nós não somos nada nesta vida"[65].

Vale salientar que, como foi dito no início desse capítulo: todo homem é contraditório. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que Lima Barreto desdenha da capacidade criativa da mulher e restringe seu espaço ao ambiente familiar, ele a defende de crimes passionais. Em várias crônicas como "Não as matem", "Os uxoricidas e a sociedade brasileira", "Os matadores de mulheres" e "Lavar a honra, matando?", o escritor condena a violência sobre as mulheres. E muito desse ódio barretiano pelos uxoricidas vem de um ressentimento de Afonso Henriques por ter absolvido, por pressão de outros jurados, um matador de mulheres em um julgamento que participou:

> Arrependi- me e me arrependo hoje ainda; e, desde então, logo que se me oferece ocasião, tenho verberado semelhante prática, por isso que as constantes absolvições de uxoricidas dão a entender que a sociedade nacional, por um dos seus mais legítimos órgãos, a admite como normal e necessária [66]

---

[64]BARRETO, *Diário Íntimo*, 3/01/1905, p. 75-6.
[65] BARRETO, *Clara dos Anjos,* p. 196.
[66] BARRETO, "Os uxoricidas e a sociedade brasileira", *Bagatelas,* p.171.

O romancista, também, evidencia a submissão da mulher na sociedade de então. Inclusive realizou uma campanha em favor do divórcio, algo moderno para a época, como pode ser percebido na transcrição que se segue:

> Não haveria nunca comunhão de bens; e a mulher poderia soberanamente dispor dos seus.
> O divórcio seria completo e podia ser requerido por um dos cônjuges e sempre decretado, mesmo que o motivo alegado fosse o amor de um deles por terceiro ou terceira[67]

De acordo com o escritor, a mulher estava excessivamente submetida aos ditames do casamento e, em casos de violência extrema, deveria se libertar de seus companheiros perante a lei. Esse posicionamento, muito raro na época, rebate muitas das críticas de que Lima Barreto era contra as mulheres. Pelo contrário, as defendeu como poucos em uma época em que o público feminino tinha pouca voz.

Com relação ao feminismo, Lima Barreto achava o movimento muito burguês, visto que a mulher pobre já trabalhava antes das feministas reivindicarem a entrada no mercado de trabalho. Elas só queriam trabalho em repartições públicas e não lutavam pelas mulheres pobres. O enfoque de Lima Barreto é na crítica a um movimento que só luta por conquistas de apenas uma parcela mínima de mulheres. Sua denúncia é dirigida, no fundo, à sociedade liberal burguesa e as suas instituições, dentre elas o "feminismo burguês" de Bertha Luz. O essencial é que o escritor carioca não pode ter os seus posicionamentos sobre as mulheres taxados INTEGRALMENTE como conservadores.

Uma outra visão sobre essa problemática foi levantada pela historiadora Magali Engel no artigo "Relações entre os gêneros em Lima Barreto"[68]. Segundo a professora, quando Barreto critica o acesso das mulheres a cargos públicos "O que está em questão não é o direito da mulher ao trabalho, e até mesmo aos empregos públicos, mas sim as

---

[67] BARRETO, "No ajuste de contas", *Bagatelas,* p.95.
[68] ENGEL, Magali Gouveia. "Relações entre os gêneros em Lima Barreto" (texto fornecido no original pela autora). Pode ser encontrado *In: Revista Saúde, Sexo e Educação*, RJ, Ano X, n.25, 1994, p.6-11.

vias vigentes de acesso das mesmas ao exercício destes cargos, absolutamente ilegítimas, porque acima das leis"[69]. Se a lei vigente na época não permitia que as mulheres possuíssem cargos públicos, Lima Barreto cobra o cumprimento desse regulamento[70]. O autor suburbano atacaria, então, as estratégias desse "feminismo burocrata" e não ao gênero feminino em si. Além disso, acrescenta que

> Reivindicado por setores da classe média, o acesso ao emprego público não significaria a ruptura da dependência econômica da mulher que para sobreviver, continuaria a depender do trabalho masculino. Mais uma vez, o conteúdo político da ação destas feministas era, aos olhos do escritor, profundamente conservador. Assim o trabalho feminino não é em si desqualificada como perfumaria, pois através de uma perspectiva bastante lúcida , Lima Barreto reconhece e valoriza o trabalho das mulheres operárias. Estas, afirma ironicamente não haviam dependido do "feminismo burocrata" para sobreviverem e sustentarem suas famílias trabalhando duramente até idades avançadas, como no caso da operária negra citada em "A Poliantéia das burocratas"[71]

O ponto essencial na citação anterior é que Lima Barreto não é visto como conservador ao criticar o feminismo. A análise de Magali Gouveia nos deixa claro que são as feministas que são conservadoras e não Lima Barreto. O aborrecimento do romancista é pelo fato de que o Movimento Feminista usou as armas do conservadorismo para uma tida "liberdade" feminina. Mas, o que Barreto aspirava era que as seguidoras de Bertha Luz fossem mais revolucionárias, ou melhor, que rompessem com os paradigmas da época e que conseguissem avanços para as mulheres de todas as classes sociais. Por isso, a "bandeira" levantada pelo feminismo era conservadora, visto que privilegiava apenas a mulher burguesa.

Percebe-se, então, que a mentalidade de Lima Barreto acerca das mulheres merece uma análise detalhada por parte dos críticos. Taxar o escritor de conservador é demais precipitado e simplista. A estrutura do pensamento do autor de uma vasta produção

---

[69] ENGEL, p. 2 (texto no original).
[70] Citando Lima Barreto: "Não sou inimigo das mulheres, mas quero que a lei seja respeitada , para sentir que ela me garante" *In:* "Quereis encontrar marido?- Aprendei" *Vida Urbana,* p. 163.
[71] ENGEL, p. 3 (texto no original).

cronista é extremamente dialética. Deve-se levar em conta as contradições de seu discurso para não desencadear julgamentos errôneos. Dessa feita ao ler declarações como "Eu, que sou antifeminista/.../"[72], é importante dialogar esse posicionamento com as características desse feminismo. Lima Barreto tinha cuidados em expor essa sua visão para que não passasse a idéia de que era contra as mulheres: "Nunca neguei capacidade alguma na mulher. O meu antifeminismo não parte do postulado da incapacidade da mulher, para isso ou para aquilo; é baseado em outros motivos, mais de ordem social do que mesmo de natureza filosófica ou psicológica"[73].

Uma outra discussão sobre as contradições de Lima Barreto é a de que, apesar de o romancista carioca se ver como um derrotado, não se deve deixar de citar que sua fortuna crítica é bem diversa: há romances, contos, crônicas, ensaios, diários e cartas. Estima-se que, em média, Lima Barreto publicou em vida cerca de quinhentos artigos. O escritor tinha, ainda, a profunda admiração de jovens escritores que ainda não tinham nenhum sucesso. Recebia, de fato, muitas obras para serem criticadas, trocava cartas com vários intelectuais e recebia materiais do estrangeiro de amigos. E sua rede de relações sociais não era algo a ser ignorado [74]. O escritor em um artigo denominado "Elogio do amigo" relatou: "Nunca amei; nunca tive amor; mas sempre tive amigos, nos transes mais dolorosos da minha vida"[75]. Ex- colegas da época da Escola Politécnica, muitas vezes, ajudaram-no. Mas o orgulho do escritor, um dos mecanismos de defesa

---

[72] BARRETO, "O feminismo em ação" , *Coisas do Reino de Jambon,* p.74.
[73] BARRETO, "Carta aberta", *Marginalia,* p.133.
[74] O seu melhor amigo era o advogado e jornalista Antônio Noronha dos Santos. Figura essa, educada em Paris. Nas suas viagens à Europa trazia o que se melhor publicava em Paris. Exerceu grande influência nas leituras de Lima Barreto. Além de que foi o intermediário na publicação de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* por uma Editora de Portugal, já que no Brasil não conseguia publicar nenhuma obra. Além de Noronha Santos, Ranulfo Prata, um médico do interior de São Paulo tentou "curar" Lima Barreto de seu alcoolismo ao levá- lo a uma temporada na cidade paulistana de Mirassol. Outro fiel amigo foi Francisco Schettino, conhecido livreiro, que organizou a única homenagem em vida ao escritor suburbano: um almoço em sua homenagem em um hotel no Rio de Janeiro. Vale lembrar que o enterro de Barreto foi todo financiado por outro grande amigo: José Mariano Filho.
[75]BARRETO, *Impressões de leitura,* p. 140.

contra o preconceito que tanto o magoava, impedia que aceitasse muitas das propostas que chegavam[76]. Não desejava ter o seu sucesso associado a um favor concebido por um amigo. A glória tão desejada deveria ser obtida através de seu esforço, de sua inteligência. Logo, apesar de aparentar ter sido um derrotado, o exame minucioso de suas obras revelam que o escritor não era tão "maldito"[77] assim. Citando Beatriz Resende:

> Contrariamente ao que o mito do escritor *maldito* construído em torno de sua imagem pode fazer crer, Lima Barreto desfrutava, naquele momento, de bastante prestígio, a ponto de não dar conta de comentar os livros que lhe eram enviados, alguns acompanhados , como fez o popular Théo Filho por mais de uma vez, de cartões admirativos. Reconheçamos, também, que dispor da imprensa para dirigir ao Presidente da República crônicas sob forma de carta- aberta em defesa de presos políticos, campanhas anticorrupção ou críticas contundentes à polícia, não é das situações mais comuns neste nosso país, mesmo nos momentos em que o regime democrático está em vigência [78]

É importante mencionar que uma das grandes incoerências barretianas era a convivência com os seus vizinhos do subúrbio. Se a literatura oficial o proclama como o porta- voz dos excluídos, o autor, certas vezes, se irritava com alguns fatos ocorridos nas redondezas de sua moradia. Lima Barreto registrou em seus escritos a impaciência com as crianças a lhe pedir favores, os namorados solicitando que redigisse cartas de amor. Via com maus olhos manifestações culturais como o carnaval de rua. Sentia, na verdade, dificuldade em entender que a população gostava de se divertir e esquecer a situação de opressão por alguns dias. O principal é que o autor de *Os Bruzundangas* não conseguia lidar com o fato de ter recebido uma educação refinada e ter de manter uma vida simplória. Como nos mostra o autor Denílson Botelho: "Ao mesmo tempo que ele próprio se diz um homem do povo, não abre mão de defender para si uma condição

---

[76] O amigo João Luis Ferreira, prefeito no Estado de Piauí, convidou informalmente Lima Barreto para ocupar um cargo de diretor da Imprensa Nacional do Piauí.
[77] expressão usada por H. Pereira da Silva.
[78] RESENDE, Beatriz. "Lima Barreto, cronista da cidade" *In: Lima Barreto- Coleção melhores crônicas*, 2005, p. 9.

diferente e, por que não, superior a estes indivíduos aos quais se julga irmanado- pelo menos no que diz respeito às condições de vida material e financeira"[79]

Vale observar que a imagem que Lima Barreto fazia do povo, muitos vizinhos seus, justifica a sua dificuldade em se ver ligado totalmente a essa classe. Em *Os Bruzundangas*, o narrador relata que a população mal conhecia o país e que não questiona os privilégios da "nobreza doutoral" (chega até a chamar as massas de tolas). Raciocinado sobre essa ótica, será que o escritor via o povo como bestializado assim como relatou Aristides Lobo?[80] Para Barreto, a participação do povo deveria ser política e não por meio de manifestações que acabavam sempre em violência.[81] Como leitor de grandes clássicos estrangeiros, o romancista desejava que, um dia, o povo brasileiro participasse mais da cena política de modo ideológico, assim como os europeus faziam. Sonhava com um cidadão bem-comportado, um eleitor bem- informado, militante. Não se conformava com o posicionamento da população de viverem as suas vidas e só "partirem para o ataque" quando eram incomodadas. Lima Barreto sonhava com a comunhão entre os povos, com uma igualdade social. Desse modo, através de seus textos queria sacudir o povo, para que sua condição marginal fosse contestada. No fundo, pensava do mesmo modo que os políticos que combatia: que o povo era bestializado, porque apesar de ser um autor que se preocupava com as classes excluídas, não compreendia que essa visão de um povo bestializado era, na realidade, uma invenção da própria elite. As pessoas sabiam que a ordem política era totalmente plutocrata e corrupta. E que não podiam participar de um sistema em que a

---

[79] BOTELHO, 2002, p. 55.

[80] "/.../ Aristides Lobo, o propagandista da República, manifestou seu desapontamento com a maneira pela qual foi proclamado o novo regime. Segundo ele, o povo, que pelo ideário republicano deveria ter sido protagonista dos acontecimentos assistira a tudo bestializado, sem compreender o que se passava, julgando ver talvez uma parada militar" *In:* CARVALHO, 1998, p. 9.

[81] Como os episódios da revolta da vacina, do vintém e da armada.

marginalização estava presente até nas leis. Já Fantinati nos dá uma outra resposta com respeito ao fato de Lima Barreto criticar a apatia do povo. Para o pesquisador, o reconhecimento da ausência de crítica nas massas é o passo inicial para o escritor realizar a sua escrita militante, ou seja, visando à formação de leitores críticos:

> Situando-se, assim, numa perspectiva histórica, o artista concebe então três momentos: o primeiro, em que prepondera a ignorância e a ausência de consciência do ser humano, no tocante a sua inserção no mundo; o segundo, em que o artefato artístico promove a passagem daquele nível ao de consciência; e o terceiro, que resulta da atuação e do engajamento, no plano da prática humana, de seres conscientes, visando à reformulação social.[82]

Cabe notar algo curioso: um dos últimos pedidos de nosso escritor foi o de ser enterrado no Cemitério São João Baptista e não no de Inhaúma próximo a sua residência. O escritor do subúrbio desejava ser sepultado no bairro de Botafogo, local onde residia à elite que tanto criticou em seus escritos. Citando Berthold Zilly,

> O nobre bairro de Botafogo, que se recusou a abrir as portas para ele em vida – bem como para o cantor popular Ricardo Coração dos Outros –, teve que recebê-lo morto. Assim como o pai, falecido dois dias depois de sua morte, Lima Barreto foi enterrado no cemitério São João Batista,onde tradicionalmente são sepultados os "imortais" da Academia de Letras.[83]

Da citação acima, o leitor pode estranhar o fato de Lima Barreto querer ser enterrado no nobre bairro de Botafogo[84]. Principalmente, porque, como afirmou Astrojildo Pereira, "Lima Barreto não tolerava Botafogo. Como não tolerava Petrópolis. A sua ojeriza por aquele bairro, que era então o reduto predileto da gente dita aristocrática da cidade, tornou-se verdadeira mania"[85]. Seria esse um último protesto

---

[82] FANTINATI, 1978, p. 5.

[83] Berthold Zilly é professor da Universidade Livre de Berlim. Este artigo, originalmente intitulado "Uma crítica a visões puristas e essencialistas da cultura nacional: *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto", baseia-se no posfácio da tradução alemã: "*Das traurige Ende des Policarpo Quaresma"*. Tradução, cronologia, glossário e posfácio de Berthold Zilly (Zürich: Ammann, 2001). Em 2002, saiu uma nova edição no círculo de livros *Büchergilde* e, em 2003, uma edição em livro de bolso na *Berliner Taschenbuch Verlag*.
In: http://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=482, acesso em 10/07/06 às 18:00.

[84] Para Lima Barreto, o botafogano "/.../ é o brasileiro exilado no Brasil; é o homem que anda, come, dorme, sonha em Paris" *in:* Carta a Oscar Lopes *Correspondência,* tomo 1, p. 234.

[85] PEREIRA, Astrojildo. "Romancistas da cidade: Macedo, Manuel Antônio e Lima Barreto", 1952, p. 64.

derradeiro por parte de nosso escritor? Afinal, Barreto era dotado de uma singular ironia e ser enterrado no mesmo cemitério que os "imortais" da ABL nos parece ser uma grande troça do criador da República das Bruzundangas.

Certamente, Lima Barreto sentia uma frustração por não ter conseguido ser um imortal da Academia Brasileira de Letras. E a sua revolta se agravava por constatar que a maior parte de seus integrantes não eram escritores de talento. Mas por que, então, Barreto desejava ser um imortal se, na verdade, tinha ódio dos intelectuais dessa instituição? Não seria esse um posicionamento extremamente contraditório? O intelectual do subúrbio, no fundo, sabia que nunca seria eleito, mas respeitava a instituição. Apenas não concordava com o desvirtuamento de sua proposta original: ser uma academia de escritores e não de diplomatas, advogados, médicos.

Logo, ao explorar as "aparentes" contradições de Lima Barreto, os posicionamentos do romancista ficam mais claros. Os rótulos como o de ser totalmente conservador ou de ser antiprogressista são esvaziados. E percebe-se bem que as opiniões de nosso romancista não são lineares, porque toda identidade é múltipla. Além de que, a leitura que Barreto faz do mundo move-se de modo dialético. Por isso, ao analisá-las os críticos literários devem aprofundar-se no que é plural e não reforçar os esteriótipos.

2.2- Lima Barreto: apenas um negro, pobre e suburbano?

Além da questão das contradições , uma boa discussão a ser levantada é o ato de se realizar biografias de escritores marcadamente autobiográficos. Essa autobiografia, na verdade, se revela como um terreno perigoso que merece maiores reflexões.

A princípio, é importante citar que para se realizar a biografia de um determinado sujeito há, segundo o intelectual norte- americano John Garraty[86] cinco fontes de informação: autobiografias, diários, cartas, trabalhos publicados pelo autor e lembranças pessoais deixadas pelo sujeito. E, se pensarmos em Lima Barreto, temos, exatamente, todos esses materiais disponíveis para a realização de uma pesquisa sobre o autor:

•**Autobiografia-** O autor deixou romances e contos com personagens tidos como inspirados em seus anseios e sofrimentos pessoais. Por isso, muitos teóricos recorrem à produção ficcional de Barreto para interpretar o romancista.

•**Diário-** Lima Barreto registrou em um diário várias passagens de sua vida íntima. Dessa forma, o chamado "Diário Íntimo" é tido como um excelente material de análise.

•**Cartas-** O escritor trocou uma intensa correspondência com vários intelectuais da época. Essas cartas fornecem uma idéia do posicionamento de Barreto sobre várias questões.

•**Trabalhos publicados-** Há uma infinidade de contos, artigos e crônicas publicadas em periódicos da época que espelham a opinião do romancista sobre assuntos políticos, culturais e econômicos.

•**Lembranças pessoais-** A coleção de recortes de periódicos nacionais e estrangeiros é tida como uma rica fonte para o estudo do autor. Além de que a biblioteca do escritor foi catalogada pelo próprio Lima Barreto o que pode fornecer aos pesquisadores uma idéia sobre as leituras que o autor realizava.

Essa riqueza de materiais sobre o autor de *Clara dos Anjos* pode revelar, em um primeiro momento, uma sensação de que a realização de uma biografia sobre o autor

---

[86] GARRATY, John . "The material of biography", *in: The nature of Biography*, New York: A Vintage Book A Caravelle Edition, 1964, pgs 177-179.

seja um trabalho relativamente tranqüilo. No entanto, é exatamente no manejo, ou melhor, na interpretação dessas fontes que se encontra o grande problema na produção crítica sobre Lima Barreto.

Antes de tudo é interessante vermos os vários epítetos que Lima Barreto recebeu da crítica:

AUTOR	**EPÍTETOS E ADJETIVAÇÕES DE LIMA BARRETO**
Afonso Carlos Marques	*Historiador lírico da cidade.*
Alceu Amoroso Lima	*solitário e esquecido.*
Antonio Houaiss	*sofrido,idealista,dipsomaníaco,louco,humanitário,prepotente,fracassado,humilde, orgulhoso,imperfeito,sólido,harmônico,"beberrão mulato".*
Astrojildo Pereira	*romancista suburbano.*
B. Quadros	*boêmio.*
Broca Brito	*metódico, trabalhador e sério.*
Carlos Erivany Fantinati	*artista militante.*
H. Pereira da Silva	*morador suburbano, revoltado, alcoólatra, relapso funcionário público, boêmio, mal- ajambrado negro, mulato, porrista.*
Lucia Miguel Pereira	*"o violento Lima".*
Maria do Carmo Lanna Figueiredo	*autor mulato, rebelde e revolucionário.*
Monica Velloso	*"humorista boêmio".*
Nicolau Sevcenko	*escritor militante.*
Osmar Pimentel	*mestiço, jornalista, bêbado, burocrata.*
Raul Antelo	*boêmio,rebelde,espontaneísta, melancólico e irônico.*
Regis de Moraes	*mestiço genial.*
Tasso da Silveira	*revoltado.*

O leitor pode observar na tabela acima que há alcunhas a Lima Barreto como *dipsomaníaco, louco , solitário, esquecido, relapso, porrista.* Essas definições conduziram muitos estudos da crítica a uma série de adjetivações que se configuraram em estereótipos: Barreto é taxado como o escritor negro, pobre, suburbano, ingênuo, louco, bêbado. Esses reducionismos, muitas vezes, desviam o autor de suas reais características (que, aliás, foram valorizadas por alguns críticos tais como: *idealista,humanitário,metódico,trabalhador,sério,revolucionário,militante,irônico*). A canonização, certamente, perpetua uma verdade tida como absoluta. E taxar um autor

com características fixas é algo totalmente irreal, já que o ser-humano carrega vários seres dentro de si, ou seja, a contradição é inerente ao indivíduo. As tipificações também trazem à tona o grande perigo de se realizar reducionismos. No caso de Lima Barreto, a sua obra memorialista ficcionalizou a sua personalidade. E, no momento em que houve essa passagem do REAL para o FICCIONAL criou-se muitas novas características que não existiam no autor real. Nas palavras de Vladimir Nabokov, "Ninguém pode falar de si mesmo numa autobiografia sem estar consciente da quantidade de ficção que entra no conceito dum eu"[87]

Um dado interessante sobre a opção de Lima Barreto de realizar uma literatura autobiográfica está na sua fascinação pelo modelo de narrativa dos escritores russos. Dentre eles, merece destaque Dostoievski. Sendo um escritor altamente autobiográfico, o romancista brasileiro poderia ter sua forma literária inspirada no autor de *Crime e Castigo*[88]. Nesse caso, ao invés de ser taxado pela falta de uma sustentação teórica, percebe-se que não escreveu puramente para desabafar. Seguia uma linha de pensamento que tinha no romancista russo o grande exemplo. Em carta ao jovem escritor Jaime Adour da Câmara, Barreto afirma: "Leia sempre russos: Dostoiévski, Tolstoi, Turguêneff, um pouco de Gorki; mas, sobretudo, o Dostoievski da Casa dos Mortos e de Crime e Castigo".[89] E acrescenta que procurava nos grandes escritores

---

[87] NABOKOV, *op cit:* ROCHA, 1977, p. 80.

[88] É sabido que a origem do romance moderno é com *D. Quixote* de Cervantes. A autobiografia é, certamente, uma das características marcantes em *D. Quixote.* Nessa obra- prima o próprio Cervantes se torna um personagem e a fronteira entre o real e o ficcional é difícil de ser definida. Esse quixotismo exemplar subjaz, notadamente,na concepção barretiana. Além de que o verdadeiro autor de ficção - como Cervantes Barreto e Dostoievski- ficcionaliza a si próprio. FONTE: SOUZA, Ronaldes Melo e . "A poética da ironia", 2000, p. 27-48.

[89]BARRETO, *Correspondência Ativa e Passiva*, vol 2, 171.

modelos para a sua forma literária[90]. Em outra declaração transcrita por Cavalcanti Proença, Barreto admite que leu os clássicos da literatura:

> Tratei de ler os autores, com o cuidado de observar como dispunham a matéria, como desenvolviam, procurar teorias de estilo e isto, como principiante, fui buscar no enfado dos clássicos, mas bem depressa abandonei esse sestro e o meu escopo foi unicamente vazar o melhor possível o pensamento que queria viajar no papel[91]

Deve-se perceber que o escritor admite que leu os clássicos, mas logo depois afirma que abandonou esse hábito. Porém, sabe-se que Lima Barreto era um homem estudioso e, certamente, esse estudo dos clássicos não foi algo em vão. O romancista apenas deixa claro para o seu interlocutor que não seguia a linguagem rebuscada preconizada pela literatura clássica. A estudiosa Maria do Carmo Lanna Figueiredo sintetizou bem essa questão. Segundo a intelectual, Lima Barreto era leitor e conhecedor dos clássicos, mas adotou outra resposta ficcional à mesma realidade[92].

Outro fator importante é o de que ser um escritor autobiográfico, normalmente, é associado à pobreza de imaginação. Sendo assim, autores memorialísticos são vistos como péssimos ficcionistas. No caso de Lima Barreto esse é considerado, por muitos críticos, o seu ponto fraco: o excesso de realismo[93]:

•**Antonio Candido[94]-** Vê Lima Barreto como um ficcionista irregular (seus textos são poucos elaborados ficcionalmente);

---

[90] Na obra *Recordação do Escrivão Isaías Caminha* revela sobre as inspirações teóricas para a sua escrita: "Não nego que para isso tenha procurado modelos e normas. Procurei- os, confesso; e agora mesmo, ao alcance das mãos, tenho os autores que mais amo. Estão ali o Crime e Castigo de Dostoievski, um volume dos contos de Voltaire, A Guerra e a Paz de Tolstoi, o Rouge et Noir de Stendhal, a Cousine Bette de Balzac, a Education Sentimentale de Flaubert, o Antéchrist de Renan, o Eça; na estante, sob as minhas vistas, tenho o Taine, o Bouglé, o Ribot e outros autores de literatura propriamente, ou não. **Confesso que os leio, que os estudo, que procuro descobrir nos grandes romancistas o segredo de fazer**" **(grifo meu)**, p. 60.

[91] *Op cit* PROENÇA, 1973, p.54-5.

[92] *In:*FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna..*O Romance de Lima Barreto e sua recepção.*Belo Horizonte, MG: Editora Lê, 1995.

[93] Na época que Lima Barreto escrevia, os romances que se baseavam em fatos reais eram chamados de *romance à la clef.*

[94] CANDIDO, 1987.

•**João Ribeiro**[95]**-** O apelo de Barreto a birras pessoais transforma por vezes os seus romances em panfletos e dá cor de atualidade precária a coisas que deveriam ser eternas. Mas isso é visto por Ribeiro como um leve defeito do escritor.

•**Gregory Rabassa**[96]**-** Lima Barreto é mais reticente (omisso) como autor do que Machado.Em Barreto nunca podemos estar absolutamente certo de que as opiniões expressas são do próprio autor ou simplesmente as de seus vários personagens

•**Eugênio Gomes**[97]**-** Para Eugênio Gomes, os escritos de Lima Barreto contém os resquícios de suas amarguras, decepções e revoltas. Isso acaba tumultuando a obra do autor, pois introduz elementos estranhos e prejudiciais à realidade do romance.

•**Sérgio Buarque de Holanda**[98]**-** Obra de Barreto como uma confissão mal escondida, confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais, que nos seus melhores momentos sobre transfigurar em arte. Acrescenta que os problemas íntimos que Lima Barreto viveu intensamente e procurou muitas vezes resolver através da criação literária, não foram integralmente absorvidos e nela ainda permanecem como um corpo estranho.

De todas essas opiniões sobre Lima Barreto destacadas anteriormente, uma merece um destaque: a do crítico Gregory Rabassa que confessa ter dificuldade em identificar o que é opinião de Barreto e o que é a expressão de seus personagens. Essa análise nos conduz a uma importante pergunta: Qual o grande perigo ao criticar a obra de autores autobiográficos? Será que o único dificultador é somente a má interpretação da autoria dos discursos?

---

[95] RIBEIRO,1959.
[96] RABASSA, 1965.
[97] GOMES, 1986.
[98] HOLANDA, 1978.

A primeira resposta a essa questão pode ser respondida com a seguinte constatação: na sociedade atual a VERDADE está no sujeito e não nos fatos.[99] Uma análise da memória de Lima Barreto estará voltada para o sujeito e não para os fatos. Daí surgirem indagações como a de Rabassa. O ideal não seria perguntar sobre a autoria dos discursos, mas sim sobre os motivos que levaram a essa ficcionalização, ou melhor, com base em que Lima Barreto adotou essa postura. Segundo essa outra vertente de interpretação, o foco estaria na análise dos fatos e não no sujeito. O interessante é que a verdade não pode ser investigada apenas tendo os argumentos do sujeito como a única fonte de verdade.

É relevante esclarecer que o ato autobiográfico é algo ligado a uma concepção em desenvolvimento. A interpretação que o sujeito faz de si é provisória, isto é, está sempre em construção. O sujeito constrói uma imagem de si mesmo, ou seja, inventa um personagem. Na realidade há a invenção de uma nova vida, de uma nova verdade. Por isso, não se deve ter o discurso de um autor memorialístico como uma exclusiva fonte de verdade. E o grande problema dos críticos é tomar as fontes de pesquisas de autores autobiográficos como legitimadoras do real. Como nos relata Calligaris, a verdade está sendo associada à sinceridade. Por isso, a imagem de que se faz de um autor como Lima Barreto é retirada de sua produção autobiográfica. As opiniões sinceras de Barreto ganham rótulo de um discurso verdadeiro. Isso ficou bem exemplificado quando se discutiu a questão da mulher. Apesar de Lima Barreto dizer que era antifeminista, sua revolta era contra a sociedade que sustentava esse movimento e não sobre o sexo feminino em si.

---

[99] CALLIGARIS, 1998.

A crítica acaba ignorando os FATOS e valorizando o SUJEITO. Um outro exemplo bem claro é relativo à visão de Barreto, dita com sinceridade, de que se via como um fracassado e que seu futuro seria trágico e sem um reconhecimento do público. Se o pesquisador analisar os fatos, verá que essa afirmação de Barreto não era tão verdadeira como parece. Em uma farta documentação, pode-se encontrar vários textos publicados pelo escritor, cartas de jovens admiradores do talento do romancista e uma cuidadosa documentação catalogada em próprio punho. Entretanto, os teóricos preferem valorizar a verdade do sujeito, ou seja, as características dos personagens barretianos de serem fracassados, ridicularizados, não reconhecidos em vida. Muitos críticos acreditam que Lima Barreto não tinha seu talento valorizado, por exemplo, porque o próprio autor confessou isso. Mas, o ficcionista carioca deixou todo um legado para a posteridade. Se pensasse realmente em um futuro trágico, por que faria um inventário de sua biblioteca? Por que documentaria toda a sua correspondência? Atribui-se o rótulo de fracassado, não com base nos fatos, mas guiados pela imagem ficcional que Lima Barreto fez de si mesmo em seus escritos. Sendo assim, pode-se dizer que a verdade do sujeito é tida pela crítica como superior à verdade dos fatos.

Concluindo, a autobiografia de Lima Barreto, exclusivamente, engloba dois aspectos que serão debatidos no capítulo seguinte: o personagem social (a percepção que as pessoas tinham dele) e o indivíduo real (a idéia que o autor fazia de si próprio). É, justamente, a transformação dessas categorias em algo unívoco que produzira a canonização de Lima Barreto como um escritor derrotado, frustrado e excessivamente confessional.

3- A visão de biografia pelo biografado: o personagem Lima Barreto e o indivíduo Afonso Henriques

> Para se compreender bem um homem não se preocupe saber como oficialmente viveu. É saber como ele morreu; como ele teve o doce prazer de abraçar a Morte e como Ela o abraçou[100]
> (Lima Barreto)

Partindo dessas belas palavras do escritor de Todos os Santos podemos chegar às concepções que Lima Barreto nos deixou sobre o ato de se realizar a escrita de uma vida. Desse modo, nos escritos barretianos pode-se encontrar subentendido uma teoria da biografia.

Para entender a essência do pensamento de Lima Barreto revelado na epígrafe desse capítulo, faz-se necessário traçarmos um breve panorama de como o próprio Afonso Henriques de Lima Barreto "teve o doce prazer de abraçar a morte". Exatamente no dia de Todos os Santos, o criador de Policarpo Quaresma sentia-se mal. Deitou-se e, certamente, como de hábito, pegou algo para ler. Sua irmã, em um certo momento, lhe traz um lanche. E devido aos gritos de seu pai[101], deixa Lima Barreto descansando e vai tratar de João Henriques. Uma hora depois, Evangelinda volta e encontra o irmão morto e abraçado a um exemplar de sua revista preferida: *Revue des deux mondes.*

Se para o escritor a verdadeira face de um biografado se revela no momento de sua morte, o Afonso Henriques real se revela nessa cena antes descrita. Barreto nos afirma que a vida oficial de um homem, ou melhor, o indivíduo construído não é o caminho certo para se compreender o biografado. Já no momento da morte, quem se sobressai é o indivíduo concreto e não aquele cuja sociedade atribuiu características. Quem morre na verdade é o homem Afonso Henriques e não o literato Lima Barreto.

---

[100] BARRETO, *Memórias de M. J. Gonzaga de Sá*, p. 37.
[101] O pai de Lima Barreto sofria de problemas neurológicos.

A leitura da obra *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* ilustra muito bem essa questão. No romance, o personagem Augusto Machado faz uma biografia de seu já falecido amigo Gonzaga de Sá. A narrativa não segue o modelo tradicional (cronológico/ linear), já que é baseada nas impressões de leitura que o biógrafo tem do amigo. Desse modo, o narrador revela que essa biografia é apenas um esboço. Provando a tese de que é impossível darmos uma unidade a um biografado. Em uma passagem dessa obra, o narrador tenta, em vão, dar uma forma exata do que seria Gonzaga de Sá:

> /.../ Desesperava por compreendê- lo, fiz todas as hipóteses, combinei- as, sem que o tivesse perfeitamente compreendido, confesso; e até o presente, quando ligo os diferentes modos de ser com que ele se me apresentou hoje, ontem e amanhã, em vários momentos e horas, é tal a incoerência, é tal a falta de ligação dos seus atos, que o vejo na memória como o vi naquela tarde, em um café a circunvagar o olhar por tudo: enigmático![102]

Há, dessa maneira, uma verdadeira teoria da biografia nas entrelinhas de seu pensamento. Na introdução da obra, inclusive, Lima Barreto questiona o rótulo de biografia dado por Augusto Machado, o "biografo ficcional" de Gonzaga de Sá, à própria narrativa. Esses escritos da vida de Gonzaga de Sá fogem daquela unicidade tão discutida no capítulo anterior desse trabalho. O verdadeiro biógrafo, como Augusto Machado, realiza impressões de leitura do biografado e não uma reconstrução exata de sua identidade.

Além da questão biográfica, vale salientar que nos escritos barretianos há valiosas discussões que vão muito além de meras denúncias sociais. E será justamente o modo como o autor se situou no processo de modernização artificial da Primeira República que se torna o grande dificultador nos estudos sobre o intelectual do subúrbio. Na realidade, em uma cidade tão teatral a forma literária encontrada por Lima Barreto foi se tornar um PERSONAGEM de sua obra. Elemento esse que representa o indivíduo construído e não o concreto. E o grande equívoco dos biógrafos do autor de

[102] BARRETO, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá,* p. 136-7.

Os Bruzundangas foi efetivamente o de ver no Lima Barreto personagem o Afonso Henriques real. Nota-se que o *personagem social* de Lima Barreto era diferente do *indivíduo* Afonso Henriques de Lima Barreto.

A linguagem descuidada, o título de maldito, o rótulo de louco, a boemia em extremo, uma vida fracassada são apenas um dos vários rótulos que recebeu Lima Barreto. Imagens essas retiradas do personagem construído pelo autor em seus escritos. Na realidade, no momento em que o autor transporta a sua vida para a ficção, é certo que muitas características são aumentadas. Para entender melhor essa questão é imprescindível entendermos o que seria, então, uma personagem.

3.1- Os (des)caminhos da crítica barretiana.

Um dos grandes estudos já publicados sobre a personagem de romance é indubitavelmente o do crítico Antônio Candido[103]. Sendo assim, com base nesse estudo podemos entender o porquê da tese principal desse trabalho: o Lima Barreto analisado pelos especialistas ser, na verdade, um ser fictício e não o real.

Segundo Candido, um dos grandes equívocos da crítica é o de pensar que o personagem é um ser autônomo e de que se torna no romance um ser vivo igual às pessoas reais. É , nesse modo de pensar, o elemento mais vivo no romance. Se transportarmos esse posicionamento de Candido aos críticos barretianos, vemos que a construção de suas análises se baseia nesses dois conceitos.

Em grandes artigos sobre Lima Barreto uma ressalva se repete: as obras desse autor são autobiográficas. Até aí há uma certa concordância entre os críticos. Contudo,

---

[103] CANDIDO, Antonio *et alli.* "A personagem do romance". *In: A personagem de ficção.*2ªed., SP:Editora Perspectiva, 1970, p. 53- 80.

na elaboração de sua biografia, muitos acreditam que os personagens de Barreto como Gonzaga de Sá e Isaías Caminhas são cópias exatas do escritor. Esse é exatamente o ponto que podemos debater utilizando as idéias de Antônio Candido.

O personagem é definido pelo autor de *Formação da Literatura Brasileira* como uma criação da fantasia que aparenta ser real. Com isso, só *aparentemente* ele se parece com o ser real. Como bem disse Candido, os personagens "não correspondem as pessoas vivas, mas nascem delas"[104]. O personagem dá a impressão de ser algo vivo, mas não o é. Por isso, não se pode afirmar que todas as características de personagens barretianos sejam iguais às do escritor. Por mais que tenham nascido de exemplos vividos por Lima Barreto, o real e o ficcional são categorias que possuem as suas singularidades.

Em primeiro lugar, a idéia que temos de uma pessoa viva sempre é incompleta. Não se pode dar uma coerência a um ser real. Muitos biógrafos, como foi visto no capítulo inicial[105], fazem justamente isso: querem dar uma linearidade a uma vida não linear. Todavia, uma pessoa real possui infinitos modos de ser. Já nos romances, por mais que um personagem seja complexo, o escritor sempre estabelece características mais coerentes ao ser que está criando. Na obra literária os personagens possuem uma coesão maior do que nós indivíduos. Por essa razão, deve-se separar o Lima Barreto-personagem dos livros do Lima Barreto-escritor. Mas, por que os críticos insistem em interpretar mais o personagem do que o autor real? Candido nos responde: "A compreensão que nos vem do romance /.../ é muito mais precisa do que a que nos vem da nossa existência." É esse desejo de dar uma coerência ao biografado que conduziu os

---

[104] CANDIDO, 1970, p.67.
[105] "A biografia e o biografado: reflexões sobre Afonso Henriques de Lima Barreto."

críticos de Lima Barreto a interpretá-lo nos seus personagens. Se a vida não dá respostas, a procura migra para a ficção.

No romance penetramos no interior dos personagens. Isso dificilmente acontece com relação a seres reais. Não há como decifrar a personalidade de um indivíduo, justamente, porque não há resposta para isso. Não podemos, por exemplo, saber ao certo o que uma pessoa real está pensando. A ficção, pelo contrário, não é tão decepcionante quanto o real. Ela, de fato, nos dá um conhecimento mais coerente do que a fragmentação do mundo real. A narrativa é, desse modo, "obrigada a ser mais coerente do que a vida"[106].

Logo, é uma grande ilusão a de se crer que se pode transportar integralmente um ser real para o âmbito ficcional. O Lima Barreto indivíduo concreto pode ter algumas características nos seus romances. No entanto, ver a sua ficção como única fonte para o estudo de sua personalidade real se tornou um grande descaminho de muitos críticos literários.

3.2- Lima Barreto: de cidadão real à personagem de romances.

Para entendermos esse posicionamento da crítica em avaliar o escritor em sua obra, é relevante compreendermos a forma literária[107] adotada por Barreto. E, além disso, buscar os porquês de ter optado por se tornar um personagem de seus romances.

Em 1559, o lema do famoso teatro Globe Theatre[108] era "O mundo é todo um palco". Aproveitando esse slogan, podemos lembrar que a época em que a teatralidade

---

[106] CANDIDO, 1970, p. 76.

[107] O termo FORMA LITERÁRIA se refere à *persona poética* construída por Lima Barreto e não à estrutura de seus textos.

da sociedade brasileira ficou mais exposta foi, certamente, na *Belle Époque*. A capital federal era um palco tal como foi definido pela ilustre companhia de teatro inglesa. Tudo se remetia à esfera da ficção: uma elite falsamente européia, uma arquitetura clássica em uma capital com ares de colônia. Os burgueses quiseram fazer da Capital Federal uma Paris dos trópicos. O ambiente era, portanto, altamente artificial. Mas, o que isso tem a ver com o posicionamento de nosso escritor? Sem dúvida, Lima Barreto foi um dos poucos intelectuais a incorporar de modo irônico essa encenação teatral a sua obra. Se fosse para representar um papel ele ficaria com o menor: o do negro, pobre, suburbano. Por isso, se colocava na famosa rua do Ouvidor com seu esbodegado vestuário e dizia: "Essa é a minha pose". O autor de *Clara dos Anjos* dava o seu recado à elite: não dá para se ver livre da miséria. Em ruas tomadas por damas e cavalheiros falsamente parisienses, o autor na sua "decadência física, como que timbrava em personificar um protesto ao vivo à sociedade burguesa"[109].

Realmente, o autor de *Isaías Caminha* dizia que não tinha "talhe aristocrático", algo importante na sociedade da época. Lima Barreto poderia ser considerado como um "anti- dândi", pois ao contrário de João do Rio e Oscar Wilde andava sujo e cheirando a bebida. Fazia da sua própria decadência física um protesto à artificialidade da sociedade da época. Diante disso, há uma estreita relação entre a sua FORMA LITERÁRIA e o CONTEXTO SOCIAL da época em que viveu.

---

[108] "Shakespeare e a Companhia do Camarlengo (mais tarde chamada *The King's men*) construíram um teatro - o *Globe Theatre* - na margem esquerda do Rio Tâmisa, no chamado *Bankside*, logo após a Ponte da Torre de Londres, em 1599. As sessões só ocorriam durante a temporada de verão, pois o local não era coberto." *In:* http://educaterra.terra.com.br/voltaire/artigos/teatro_elizabetano.htm, Acesso dia: 5 de julho de 2007 às 10:40.

[109] BARBOSA, 1975 p. 307.

Observa-se que o vestuário de Lima Barreto é algo extremamente cênico, inserido na atmosfera ficcional do tempo em que vivera. De acordo com Monica Veloso,

> O homem é um ator que representa continuamente. As ruas da cidade são seu palco; as máscaras fisionômicas, o artifício que utiliza para esconder sua verdadeira personalidade. Essas idéias são extremamente familiares ao universo de nossos humoristas. Para estes, o traje é um dos elementos fundamentais para a composição do personagem que deseja representar. Excentricidade, elegância, desmazelo, irreverência — são as várias facetas pelas quais o grupo se exprime e se impõe como tal.[110]

O criador de Policarpo Quaresma, como um intelectual afinado com as mutações da cidade, percebeu que, nessa ambientação teatral, todos se tornaram personagens. Esse posicionamento revela muito da crítica à artificialidade que imperava na sociedade que Barreto vivera. Os julgamentos que o autor fez denotam uma forma literária muito inteligente e longe de ser simplista. O mulato de Todos os Santos, como é muitas vezes chamado, relata em muitas de suas crônicas a bipartição que essa sociedade arrivista fazia dentro da própria cidade. Havia a cidade real (com a sua pobreza) e cidade artificial (remodelada urbanisticamente aos moldes da Paris de Hausmann). O próprio comportamento das pessoas do subúrbio se modificava quando chegavam ao centro da capital. Em uma bela crônica chamada "De Cascadura ao Garnier", Lima Barreto relata o comportamento de um condutor de bonde. Da espontaneidade ("Ele vai manobrando com as manivelas e deitando pilhérias, para um lado e para o outro")[111] para a descrição ("E o bonde corre, mas ´titio Arrelia' não diz mais pilhérias, nem assovia. Limita- se muito civilizadamente a tanger o tímpano regulamentar")[112]. Como disse Lima Barreto em outra crônica denominada "O trem de subúrbios", os moradores de subúrbios

---

[110] VELLOSO, 1996, p.96.
[111] BARRETO, *Marginalia,* p. 83.
[112]BARRETO *Marginalia*, p.84.

"Chegam na Rua do Ouvidor, e desaparecem. São uns fantoches"[113]. Na cidade altamente teatral a espontaneidade não era permitida. O morador do subúrbio deveria apenas representar o seu papel previamente determinado pela elite[114]. Então, se nos subúrbios as pessoas eram as protagonistas de suas histórias, no centro da cidade se tornavam meros figurantes, sem direito, certamente, a fala naquela grande encenação teatral orquestrada pela burguesia.

Lima Barreto, dessa forma, usou de seu corpo para fazer um protesto a uma sociedade que ensaiava os primeiros passos em um novo sistema econômico: o capitalismo. Como Barthes dissera: "é com o corpo, certamente, que se lê"[115]. E a leitura que se retira da própria decadência física de Barreto é a de um indivíduo representando o papel de um elemento que a elite deseja que desapareça. Aliás, todos os grandes revoltosos que apresentam um protesto nu e cru têm o seu poder de fogo esmagado pela elite: Lima Barreto foi taxado de louco, Dostoievski foi condenado a realizar trabalhos forçados na Sibéria.

A escrita de Barreto, algo pertencente a sua forma literária, é uma das principais áreas alvo de julgamentos por parte dos críticos. Seu estilo popular, distante da retórica emplumada de Rui Barbosa e Coelho Neto, além de sua simples estrutura ficcional são tidas como os pontos fracos de suas obras:

•**Cavalcanti Proença**[116]- É fácil encontrar na obra de Barreto, cacoetes de estilo que possuem a mesma angústia que marcam as composições de adolescentes .

•**Eugênio Gomes**[117]- A obra barretiana tendo desconcertantes contrastes e desníveis

---

[113] BARRETO, *Feiras e Mafuás*, p. 242.
[114] Lima Barreto denuncia as mutações do corpo. No subúrbio as pessoas se comportavam de um jeito e no centro de outro. Há uma pose, uma teatralidade do corpo.
[115] BARTHES, 2004, p. 33.
[116] PROENÇA, 1973.
[117] GOMES, 1986.

•**Antônio Candido**[118]- Literatura de Lima Barreto tendo um "ar de rascunho".

•**Pereira da Silva**[119]- Diz que Lima Barreto possuía um vocabulário pobre e negligente (diz que, por exemplo, o vocabulário de João Ribeiro era rico).

•**Manuel Bandeira**[120]**-** Lima Barreto sendo "incorreto de Linguagem"

•**José Maria Bello**[121]**-** Diz que os desvios gramaticais de Lima Barreto demonstram uma "boêmia da forma" em seus textos.

•**Newton Freitas**[122]**-** Fala em um estilo que tem como característica uma "forma boêmia".

Observe que, os dois últimos autores, associam à forma literária de Barreto (desprendida de regras e com desvios da gramática) a própria falta de equilíbrio de um sujeito quando está sob os efeitos do álcool. Por essa forma, Lima Barreto seria um escritor que não anda em linha reta (não seguia o modelo parnasiano) e sim cambaleante (com um estilo desequilibrado, desleixado). No entanto, sua linguagem simples era proposital e não meros delírios de um dipsomaníaco. O seu objetivo era escrever para o povo e não para a elite. O primordial é que muitos críticos insistem em criticar a linguagem de Lima Barreto e não vêem que esse posicionamento é algo extremamente ideológico. Barreto foi até acusado de não dominar a Língua Portuguesa, mas sabendo de sua biografia percebe-se que isso soa falso. O romancista foi educado em um colégio de elite, sabia perfeitamente ler em francês e em inglês. Sua cultura não diferia muito de intelectuais parnasianos como Olavo Bilac. A escrita popular fazia, com isso, parte de

---

[118] CANDIDO, 1987.
[119] SILVA, 1981.
[120] BANDEIRA, 1969.
[121] BELLO, 1923.
[122] FREITAS, 1944.

um projeto: fazer da literatura um objeto de revolução social[123]. Em carta a Gonzaga Duque, o autor nos revela que a sua obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* é "/.../ um livro desigual, **propositalmente mal feito**, brutal por vezes, mas sincero sempre"[124]**(grifo meu).** Efetivamente, o tipo de escrita utilizada em sua literatura nada mais era do que parte do grande teatro encenado por esse personagem criado por Barreto para afrontar a burguesia da *Belle Époque*.

Na obra *Os Bruzundangas*, inclusive, Lima Barreto faz uma sátira dos poetas de estilo artificial. No país fictício construído pelo romancista, os literatos eram conhecidos como SAMOIEDAS. Esses poetas eram dotados de um estilo empolado, bem diferente da língua falada pelos habitantes da nação, no entanto "Quanto mais incompreensível /.../ mais admirado é o escritor que a escreve, por todos que não lhe entenderam o escrito"[125]. Os poetas samoiedas eram falsos intelectuais louvados pela população. Além disso, ainda usavam vestimentas "à la Sibéria" com peles de urso, de renas, de martas, de raposas árticas:

> Estavam assim vestidos, naquela tarde, quente, ali naquele café da capital da Bruzundanga, três dos seus novos e soberbos vates /.../
> /.../ acabavam de ouvir uma poesia do poeta Worspikt. Tratava de lua, de iceberg /.../Nenhum deles tinha visto um iceberg, mas gabavam os ouvintes a emoção com que o outro traduzira em verso o espetáculo desse fenômeno das circuvizinhanças dos pólos.[126]

Todos esses samoiedas discriminavam o escritor que não bebesse champanhe e que se vestisse mal. A aparência, e não o talento, era o elemento essencial para o teatro dessa burguesia. Nessa grande obra satírica, o narrador descreve um dos escritores que eram ignorados pelos samoiedas:

---

[123] Citando Osman Lins, Lima Barreto "/.../ espera ao menos inquietar, no seu país, os donos de poder e os usuários das posições — e contribuir para despertar, entre os oprimidos e explorados, entre os recusados, uma consciência crítica" *In:* LINS, 1976, p. 21-2.
[124] *Correspondência*. Vol 1, p. 168.
[125] BARRETO, *Os Bruzundangas,* p. 31.
[126] BARRETO, *Os Bruzundangas*, p. 42-3.

> Conheci um dos maiores, de mais encanto, de mais vibração, de mais estranheza, que apesar de ter publicado mais de dez volumes, morreu abandonado num subúrbio da capital da Bruzundanga, bebendo sodka com tristes e humildes pessoas que nada entendiam de poesia; mas o amavam.[127]

A caracterização dos poetas samoiedas simboliza a crítica de Lima Barreto a escritores como Olavo Bilac e Coelho Neto que faziam uma literatura descolada da realidade da população. Por isso, enquanto o poeta recitava: "Quero que a estrofe cristalina/ Dobrada ao jeito/ Do ourives, saia da oficina/ Sem um defeito", o prefeito reformava... E o espetáculo teatral ficava completo: ruas largas, elite bem vestida e versos cristalinos.

Entretanto, Lima Barreto não queria usar a sua literatura "como um conquistador usa das roupas"[128]. Certamente, sentia- se desconfortável em vestir figurinos típicos dos "intelectuais da Garnier". Dessa forma, desprezava os trajes da classe dominante. Esse desconforto em colocar uma sobrecasaca de Paris era o mesmo que sentia em ter que usar uma linguagem empolada. Sua linguagem, se é que o trocadilho é permitido, não usava sobrecasaca. Era, com isso, simples, próxima àquela a que o povo estava acostumado. Como bem disse com a voz de Isaías Caminha ,um de seus mais importantes personagens:

> Não sou propriamente um literato, não me inscrevi nos registros da Livraria Garnier, do Rio, nunca vesti casaca e os grandes jornais da Capital ainda não me aclamaram como tal- o que de sobra, me parece, são motivos bastante sérios, para desculparem a minha falta de estilo e capacidade literária [129]

Críticos como Eugênio Gomes acusam, até mesmo, o autor de *Clara dos Anjos*, de não ter uma formação filosófica sistematizada[130]. Porém, o romancista tinha um método que tinha como mote a clareza e a simplicidade[131]. Citando Cavalcanti Proença:

---

[127] BARRETO, Os Bruzundangas, p. 179.
[128] BARRETO, *Diário Íntimo,* p. 90.
[129] BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* , p. 42.
[130] De acordo com Eugênio Gomes, "A linha do idealismo em Lima Barreto descreveu muitas curvas, tornando-se por vezes ziguezagueante, segundo os caprichos de seu espírito, o que reflete não só o que

> Mas Lima Barreto não fez somente condenar. Estruturou as suas teorias, definiu princípios e escolheu as diretivas formais que lhe pareceram adequadas à difusão de sua obra. Simplicidade, simplicidade, foi o seu norte. Primeiro, porque desejava chegar ao povo, influir nele, melhorando- o com a sua mensagem; segundo, porque as suas preocupações científicas lhe deram a convicção de que só na simplicidade pode haver clareza, correspondência entre pensamento e palavra[132]

Por outro lado, há muitos intelectuais que enfocam a postura ideológica do discurso barretiano:

•**Francisco de Assis Barbosa[133]-** A gramática tem pouca importância nas obras de Lima Barreto. Não são as palavras, a ordem em que são dispostas, que valem, mas as idéias que exprimem, os sentimentos que elas fazem vibrar.

•**Lanna[134]-** Lima Barreto poderia ser considerado como um modelo de literatura que direciona a aproximação do texto literário por um círculo maior de leitores e que, por essa via, abre um caminho mais democrático na convivência entre literatura e sociedade.

•**Beiguelman[135]-** Lima Barreto não é o típico escritor que precisa ser lido "com um dicionário na mão". Sua limpidez e transparência podem ser ilusórias e, por vezes, os seus textos ocultam vários intertextos.

•**Sevcenko[136]-** Lima Barreto não se preocupava com a gramática. O seu modo descuidado de compor, indiferente a cacófagos e solescismos, era uma crítica firmada às correntes oficiais de um Coelho Neto por exemplo.

•**Silviano Santiago[137]-** Grande lição de Lima Barreto: escrita popular e, ao mesmo tempo, crítica.

---

havia de negligente na sua personalidade como a ausência de uma formação filosófica sistematizada" *In:* GOMES, 1986, p. 220.

[131] O próprio ato de se tornar um personagem de suas obras foi inspirado, também, na sua leitura de *O Bovarismo* de Galtier. Estudo esse que preconiza "o poder do homem de se conceber como um outro" (*In*: BRAYNER, 1979, p. 155).

[132] PROENÇA, 1973, p. 79.

[133] BARBOSA, 1981.

[134] FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna, 1995.

[135] BEIGUELMAN, 1981.

[136] SEVCENKO, 1999.

De todas as citações acima, para efeito de debate, cabe destacar a colocação de Maria do Carmo Lanna Figueiredo: a escrita de Lima Barreto incorpora um horizonte maior de leitores. Nesse sentido, a leitura para o romancista tinha um sentido diferente do que pensava a maior parte dos intelectuais de sua época. Se a elite reforçava a idéia de que o ato da leitura era algo restrito à burguesia, Lima Barreto via essa aptidão como algo abrangente e popular. A burguesia fazia questão de reforçar a noção de que o Brasil tinha um povo que não sabia ler. Machado de Assis, por exemplo, relatou que

> A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler, desses uns 9% não lêem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância. 70% dos cidadãos votam do mesmo modo que respiram: sem saber por que nem o quê [138].

Em contrapartida a isso, a pesquisadora Sylvia Damazio nos fornece dados de que, em 1890, 58,8% dos habitantes do Rio de Janeiro[139] sabiam ler e, em 1906, esse índice crescia para 59,8% e, em 1920, chegava a 61,6%.[140]. Essas estatísticas comprovam que, apesar de existirem pessoas iletradas, o numero de alfabetizados crescia.

Dessa feita, não éramos um país ausente de público leitor. O que deve ser pensado são os mecanismos que a elite utilizava para que esse potencial público não conseguisse ter acesso à cultura produzida **pela** e **para** a elite. Por isso, intelectuais como Rui Barbosa e Coelho Neto usavam uma linguagem emplumada para, seguramente, marcar uma diferenciação social. Já Lima Barreto fazia da simplicidade o seu mote e desejava alcançar o leitor comum com sua escrita. Mas, evidentemente, teve pela frente como entrave a sua missão as barreiras levantadas pela burguesia. E será

---

[137] SANTIAGO, 1982.
[138] ASSIS, Machado de. "História de quinze dias". *In*: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Machado de Assis: obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, v. III, p. 344-45.
[139] Cito dados do Rio de Janeiro por se tratar da capital política, econômica e cultural do Brasil de então.
[140] DAMAZIO, Sylvia F. *Retrato social do Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1996, p. 125-6.

nesse ponto que se pode lançar o seguinte comentário: com o aparecimento de escritores como Lima Barreto a elite tinha pela frente intelectuais que tinham como meta a popularização da leitura. E, frente a isso, começavam a rotular esse tipo de escrita como sensacionalista, amadora, caricata ou, para ser mais precisa, como um romance à *la clef* (um mau romance do ponto de vista estrutural e de conteúdo muito semelhante ao real)[141]. O que se pode perceber é a tentativa de se marcar uma diferença entre a literatura culta, de prestígio, e aquela sem a marca fidalga. Obviamente, péssimos ficcionistas, como acusavam de ser Lima Barreto, deveriam ser excluídos de instituições literárias (como a ABL), jornalísticas (como o jornal *Correio da Manhã*), editoriais (como a Livraria Garnier) e de pontos culturais (Confeitaria Colombo).

Acrescido a isso, cabe fazer referência ao comentário de Carlos Fantinati: "Para reformar a sociedade é necessário reformar o leitor, a fim de que tome consciência de si e do mundo, e passe, graças ao efeito da obra, da condição de ajustado na sociedade alienante à de oponente a ela"[142]. Para isso, Lima Barreto tinha que vencer a primeira barreira ao seu projeto de escrita militante: a afirmação, já referida, de que o Brasil não possuía um público leitor. Depois, o nosso autor deveria se expressar de modo claro, com histórias ambientadas em lugares onde o seu leitor conhecia como ninguém: o subúrbio. Se Lima Barreto não conseguiu a publicação por via da mais famosa editora do país, o seu leitor o acompanhava no meio de comunicação a que tinha mais facilidade de acesso: os jornais. Dessa maneira, como disse Fantinati, o leitor

---

[141] Medeiros de Albuquerque foi o primeiro intelectual a citar, em 1909, no jornal *A notícia*, a publicação da obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. O crítico registra que se tratava de um mau romance e mau panfleto que tinha por objetivo a provocação de um escândalo em torno da obra. Lima Barreto, no dia seguinte, respondeu as críticas de Medeiros e Albuquerque com o argumento de que no futuro ninguém mais se lembrará da alusão aos nomes de pessoas conhecidas. Alcides Maia, também, descreveu o livro de Lima Barreto como um "álbum de fotografias" já que se vislumbrava claramente os figurões em que foram inspirados os personagens. Já José Veríssimo — em carta a Lima Barreto — saudou a publicação da obra, mas admitiu não ter gostado do excesso de personalismo no romance.

[142] FANTINATI, 1978, p. 5.

participaria ao lado do autor "/.../ na tarefa de contestar o presente, buscando ambos uma realidade nova e prospectiva"[143]. Nesse ponto, vemos que Lima Barreto não foi um escritor derrotado, pois seus textos militantes, alguns publicados em importantes periódicos como a revista *Careta,* tinham um público fiel e numeroso.

Acredita-se ainda que, frente a essas barreiras da elite ao seu projeto literário, o escritor não escreveu exclusivamente pensando nas pessoas de seu tempo. Em alguns relatos do romancista há a revelação de que escreve pensando em seus futuros leitores. Aliás, Lima Barreto, de fato, tinha uma visão de futuro. O autor, no fundo, sabia que o seu talento seria reconhecido por gerações posteriores ("Que me importa o presente! — No futuro é que está a existência dos verdadeiros homens.")[144] O escritor teve o cuidado de fazer um inventário de toda a sua biblioteca pouco tempo antes de morrer. Guardava, também, todas as correspondências que recebia e o rascunho das respostas que enviava. O criador de *Clara dos Anjos* jamais deixava sem agradecimento um livro ou uma carta que lhe era enviada. O autor que não recebia respostas da elite não deixava em branco uma só letra que lhe chegava. As suas correspondências revelam um rico material. Jovens escritores, também renegados pelos literários da época, recorriam a Barreto como um verdadeiro mestre. Lima Barreto, por exemplo, se correspondeu com um jovem escritor do Rio Grande do Norte. Em carta a Lima Barreto, Jaime Adour da Câmara revela que a obra do romancista carioca já era conhecida em um Estado longínquo. O que prova o sucesso, e não o fracasso, do autor suburbano:

> A sua obra de dia para dia cresce no conceito de todos aqueles que sabem prezar o que, ainda, se escreve neste país. Aqui, pelo menos, neste pequeno Estado, onde pouco se lê, o seu nome é acatado e admirado por todos. É raro o intelectual ou simples ledor que não conheça o maravilhoso Triste Fim de Policarpo Quaresma – que não cite em ´rodas` de palestras a todo o transe, como modelo real, perfeito, um ou outro personagem de suas produções[145]

---

[143] FANTINATI, 1978, p. 5.
[144] BARRETO, Lima."O destino da Literatura" *In: Impressões de Leitura,* p. 68.
[145] Lima Barreto *In: Correspondência*, vol II, p. 158.

Vale lembrar que o nosso escritor recebeu o rótulo de escritor ignorado em seu tempo, isto é, de marginal. Vários críticos revelam que, na época em que vivera, Lima Barreto foi um autor condenado à obscuridade[146]:

•**Alceu Amoroso Lima**[147]- define Lima Barreto como esquecido e solitário.

•**Broca Brito**[148]**-** Lima Barreto como uma figura quase ignorada no seu tempo.

•**Nélson Werneck Sodré**[149]**-** Acrescenta que o mundo literário da época não o aceitou, pois o considerava um "marginal das letras", ou seja, alguém sem qualquer importância.

•**Olívio Montenegro**[150]- Lima Barreto não foi um autor popular, possuía uma "injusta obscuridade".

Todavia Barreto tinha uma série de admiradores (como os jovens escritores) e, também, trocava cartas com intelectuais importantes como Monteiro Lobato e Medeiros e Albuqueque. Como nos relata Valéria Lamego,

> Não é à toa que escreveu para uma dezena de jornais e revistas cariocas, inclusive a Souza Cruz, uma das mais sofisticadas do início do século. Escritores da moda como um esquecido Theo Filho, best-seller na década de dez, imploravam por uma crítica do autor. Seu nome, portanto, era garantia de legitimidade[151].

Osório Borba, no artigo "O inexplicável ostracismo de Lima Barreto", ressalta que Lima Barreto não era ignorado em seu tempo e sim pela crítica das décadas que se seguiram a sua morte[152]. No texto de Osório Borba, publicado em 1941, o intelectual

---

[146] É importante registrar que muitos críticos podiam ter essa visão por não terem tido acesso, na época em que escreveram seus pareceres, aos inúmeros documentos que se encontram, atualmente, a disposição dos pesquisadores como, por exemplo, a farta correspondência entre Lima Barreto e os mais diversos interlocutores. O que não é aceitável é um crítico atual manter esse rótulo de "figura ignorada" a Lima Barreto.

[147] LIMA, Alceu Amoroso *In:* Prefácio de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá,* p. 9-20, 1956.

[148] BROCA, 1975.

[149] SODRÉ, 1960.

[150] MONTENEGRO, Olívio. *In:* Prefácio de *Coisas do Reino de Jambon,* p. 9-19, 1956.

[151] LAMEGO, 2000, p.1

[152] Lima Barreto só teve a volta de seu reconhecimento de forma mais ampla com a publicação de sua biografia por Francisco de Assis Barbosa (1952) e pela colaboração do próprio biógrafo e de Caio Prado Júnior, Antônio Houaiss e Cavalcanti Proença na confecção das obras completas do romancista carioca em 1956.

mostra indignação: "Um dos escritores brasileiros desaparecidos que estão precisando de reedição em massa é Lima Barreto. Não se compreende o seu ostracismo, que se prolonga já demasiado, sem que lhe correspondam razões de desinteresse público"[153]. E, em seguida, enfatiza o reconhecimento do romancista em sua época:

> /.../ Ele teve em vida uma larga e intensa popularidade. A crítica o confirmou na posição de um dos nossos maiores escritores, uma das figuras, sem contestação, dominantes na evolução do romance brasileiro. Seus livros tiveram sempre ampla extração, na relatividade do nosso tão precário mercado consumidor de livros /.../ Foi, sem dúvida, um dos autores de maior sucesso da sua época. [154]

É notável registrar que a própria candidatura de Lima Barreto à Academia Brasileira de Letras (ABL) é uma prova legítima de que o escritor era reconhecido em vida. Afinal, ser candidato à vaga de um imortal já é uma amostra de que Lima Barreto era um autor com o nome pronunciado nas rodas literárias. O que o criador de *Gonzaga de Sá* tinha não era um insucesso em sua época e sim uma espécie de "sanção" por parte dos órgãos burgueses por ter ousado a caricaturar o maior jornal da época (*Correio da Manhã*) na obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*[155]. O nome de Lima Barreto não era desconhecido, tanto que os principais periódicos da época noticiaram o falecimento do escritor:

> **A Noite- "***Lima Barreto- A morte desse observador admirável da vida de nosso Rio de Janeiro"*. (matéria com grande destaque publicada na primeira página com a foto do escritor. Vem acompanhada de um capítulo do *Policarpo Quaresma*).
> **O Jornal-** *"Lima Barreto- a sua morte"* (comenta a reportagem que morreu "uma grande significação dos meios cultos de nosso país").
> **O Paiz-** Publica a morte do autor na coluna "Falecimentos". E diz: "A nota dolorosa das últimas horas foi a morte de Lima Barreto, o maior romancista

---

[153] BORBA, 1941, p.111.
[154] BORBA, 1941 p. 111-12
[155] A briga de Lima foi contra a grande imprensa. Por isso, sofria censuras nas altas rodas de literatos que escreviam em jornais e por parte dos figurões da política. Enéas Ferraz , contemporâneo do romancista, relatou que Lima Barreto "era um mulato sujo e borracho que os literatos, quando estavam na Avenida, fingiam em não ver passar.Esses mesmos literários, os quais o mestre ajudara tão generosamente a vencer, sempre escrevendo qualquer coisa sobre eles, evitavam- lhe o aperto de mão para se irem abraçar na esquina com algum jornalista cheiroso ou com algum alto e cornudo burocrata da República" *In:* FERRAZ, 1922, p.5

> de sua geração". Lima Barreto foi lembrado como colaborador desse jornal que era conhecido por ser rival do *Correio da Manhã*.
> **O Imparcial-** Publicou não só a morte do escritor ("Morreu Lima Barreto") como o seu sepultamento. Diz que "sua obra é tida como uma das mais vigorosas que possuímos em seu gênero".
> **Correio da Manhã-** "A morte de Lima Barreto". O jornal onde era proibido citar o nome do romancista enfatiza a "incorrigível boemia" do romancista. [156]

Um fato curioso desses necrológios é o tamanho da notícia transmitida no *Correio da Manhã*: apenas vinte e seis linhas em uma letra minúscula no final de uma página.(ver reprodução na página seguinte). O jornal que ignorava Lima Barreto noticiou o falecimento deste logo abaixo de uma matéria bem maior sobre um Congresso de Doutores Advogados. Ironia ou não, a matéria contendo uma entrevista com Evaristo da Veiga está em destaque e põe à mostra um elemento que Barreto detestava: os doutores. Além disso, na primeira página do periódico não há nenhuma referência ao desaparecimento do escritor. No lugar dessa notícia podemos ver a comunicação de outros dois falecimentos: o primeiro de um presidente da Associação Ferroviária dos Estados Unidos[157] e o segundo, a respeito da morte de Alfredo Capus adjetivado pelo jornal como "um grande dramaturgo de Paris"[158]. Percebe-se, então, que o *Correio da Manhã*[159], apesar de citar a morte de Lima Barreto, continua excluindo o autor ao, explicitamente, diminuí-lo. O jornal, de fato, é o único que não dá o destaque devido ao ilustre romancista. A propósito, de acordo com o jornalista Sérgio Augusto,

---

[156] A transcrição completa dessa notícia,, mantendo a grafia original, é a seguinte: "Morreu, pela madrugada de hontem, o romancista Lima Barreto. Esse escriptor nascera em 1881, contando, portanto, 41 anos de edade. Nascera nesta cidade e aqui mesmo se diplomara em engenheiro geographo, pela Escola Polytechinica. Submetendo-se a concurso, em 1904, foi nomeado funcionário do Ministério da Guerra. Lima Barreto, como todo mundo sabe, passou a vida na mais incorrigível das bohemias. Essa forma de viver terminou por lhe abalar fundamentalmente a saúde, affectando-lhe differentes órgãos. Ultimamente os seus males se agravaram vindo o jornalista e literato a falecer pela madrugada de hontem. O romancista deixa varias obras publicadas, além de algumas inéditas. Lima Barreto foi enterrado, hontem à tarde no cemitério de São João Baptista".

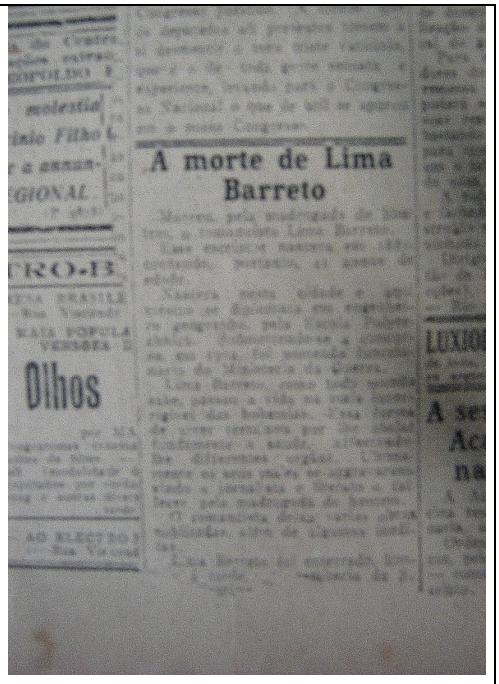
[157] A notícia concretiza-se da seguinte forma: "Foi encontrado morto o presidente da Associação Ferroviária dos Estados Unidos"

[158] Reprodução da notícia: "A morte de Alfredo Capus. Os jornais parisienses consagram longos artigos a memória do grande dramaturgo"

[159] Como declarou o próprio Lima Barreto: "No *Correio* sou excomungado; e é justo" *In: Diário Íntimo,* p. 237.

que escrevera no *Correio da Manhã,* "/.../ havia uma lista [negra] que incluía, entre outros, Hélio Fernandes e pasmem — Lima Barreto, o romancista falecido em 1922".[160]

Foto: Luciana da Costa Ferreira
Acervo da Biblioteca Nacional



À esquerda reprodução fotográfica da página do jornal *Correio da Manhã,* onde se vê , na parte inferior a pequena notícia da morte de Lima Barreto.

Acima, vê-se a mesma notícia em tamanho maior.

Para os críticos que não compreendiam a forma literária do escritor de ficcionalizar personalidades políticas da época[161], Barreto respondia que, no futuro, esses personagens não teriam mais seus nomes associados a uma figura histórica. É sabido que o romancista sempre recusou as propostas de revelar os nomes reais dos

[160] *In: O Pasquim,* nº 207, Rio de Janeiro, 19/25 junho, p.3.
[161] Como fez com jornalistas do maior periódico de prestígio da época: o *Correio da Manhã.*

personagens de *Numa e Ninfa.*[162] O importante a ser notado é a estrutura do pensamento de Lima Barreto: sua escrita era para um leitor futuro. E o autor tinha plena consciência disso. Mas esse foi um preço muito alto a ser pago pelo individuo Afonso Henriques, um reles funcionário público. Em correspondência a Medeiros de Albuquerque, Barreto mostra toda a ousadia de seu pensamento de que os seus livros no futuro seriam desassociados de personagens do presente: "Na questão dos personagens há (ouso dizer) uma simples questão de momento. Caso o livro consiga viver, dentro de curto prazo ninguém mais se lembrará de apontar tal ou qual pessoa conhecida como sendo tal ou qual personagem"[163]. O romancista tinha toda a convicção que o reconhecimento do valor de uma obra é dado pelo tempo:

> /.../ porque quem faz as obras- primas não somos nós, os autores, nem os críticos, nem os amigos dos autores: são os leitores e, sobretudo, o tempo.
> /.../A colaboração de gerações, portanto, do tempo, é quem dá perfeição às obras[164]

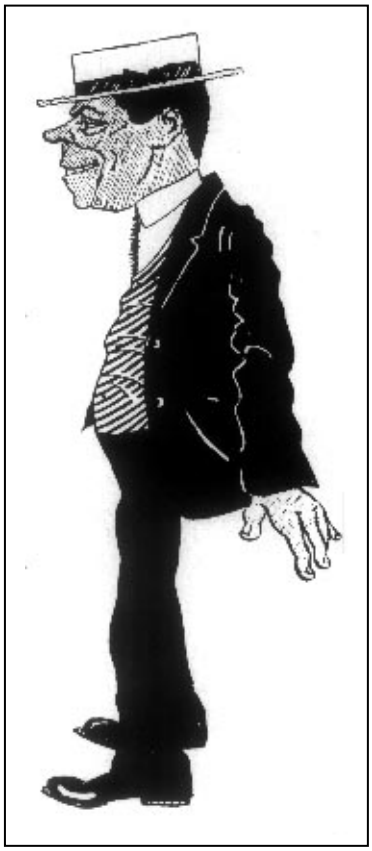
Um grande estereótipo que Lima Barreto sofre é o de que só um louco e ressentido poderia ter um discurso com um tom tão agressivo. Muitos analistas revelam que se não fosse louco e pobre, sua escrita não seria tão forte. Pereira da Silva, por exemplo, diz que se fosse doutor, Lima Barreto não teria escrito *Triste Fim de Policarpo Quaresma.* O autor ainda nos diz que Lima Barreto sem beber seria talvez o que se esperavam dele seus parentes e a sociedade que tanto satirizou. Essa visão reducionista desse intelectual poderia ser resumida do seguinte modo: se Lima Barreto não fosse Louco, bêbado e pobre sua literatura teria sido mais branda. Esse

---

[162] No entanto, é imprescindível lembrar que, apesar de o escritor não revelar os nomes reais de seus personagens, o lançamento do romance pelo jornal *A Noite* ganhou ares sensacionalistas. Na primeira página da edição de 12 de março de 1915 há a apresentação das caricaturas dos personagens dos romances com uma legenda com os possíveis nomes das pessoas na qual foram inspiradas. Como o próprio jornal afirmara "A nosso pedido, o desenhista Seth, autor da ´charge', identificou alguns dos personagens" *op cit in:* BARBOSA, 1975, p. 186. Vale lembrar que *Numa e Ninfa* foi escrita em apenas três meses e publicado no jornal já citado entre março e julho de 1915.
[163] BARRETO, *Correspondência,* vol 1, p. 198.
[164] Correspondência de Lima Barreto ao poeta Mário Matos, vol 1, p. 246-7.

posicionamento revela uma estreita percepção que foi muito bem definida por Carlos Nelson Coutinho: A força crítica da obra de Lima Barreto não vem, como muitos afirmam, "dos ressentimentos de um derrotado, das amarguras de um homem de cor, dos desequilíbrios de um alcoólatra".[165] Longe de ser ingênuo como muitos afirmam, Lima Barreto percebeu que nessa época de estabelecimento do capitalismo poderia representar um bom papel: o de ser vítima dessa sociedade arrivista. Em última análise, o biografismo de Lima Barreto não é um "pecado" como Buarque de Holanda[166] o definiu. A transposição de algumas características de sua vida pessoal faz parte de sua forma literária: ser um personagem em uma cidade altamente ficcional e teatral.

3.3- Um personagem chamado Lima Barreto



Depois de realizada uma ampla discussão sobre a *persona poética* construída por Lima Barreto, é mister fazermos a seguinte indagação: que personagem é esse chamado Lima Barreto? Dessa forma, a seguir, será efetuado, através da produção literária de nosso autor, um percurso pelos seres ficcionais que contribuíram com características a personalidade canonizada do ilustre autor de *Numa e Ninfa.*

A princípio, Lima Barreto se revela concretamente como um personagem em algumas caricaturas que foram feitas na época sob a figura do escritor. Na mais conhecida obra de Hugo Pires, o romancista aparece

[165] COUTINHO, 1974.p. 2
[166] HOLANDA, 1978, p. 131.

trajando um terno preto e um chapéu de palha (veja figura acima). Na fisionomia do escritor um sorriso sarcástico se põe à mostra. A impressão que fica é, exatamente, a do escritor irônico e, sobretudo, boêmio. Boemia essa que, atualmente, é contestada por muitos críticos[167]. A propósito, um fato curioso nessa reprodução de nosso escritor, refere-se ao vestuário do caricaturado. Sabe-se que Lima Barreto, normalmente, fazia da simplicidade de seus trajes um protesto a artificialidade da sociedade. Porém, no desenho de Hugo Pires, Lima Barreto traja indumentárias mais finas que o normal. Como foi dito por um interno de um sanatório, que conheceu Lima Barreto, ao escritor João Antônio,

> Suas roupas eram modestas /.../ Nunca o vi de jaquetão. Muito menos de fraque./.../ Eram paletó e calça, sempre desajeitadas/.../ Usava chapéu de palha e também chapéu de feltro. Não saía de casa sem o chapéu./.../Os sapatos geralmente pretos. Não eram os mais baratos, mas eram os sapatos comuns na época. Nunca o encontrei em mangas de camisa e nem de sobretudo/.../Fumava muito, não usava piteira e nem isqueiro. Era caixa de fósforos. Ele fumava Elite 18, ovais, da Souza Cruz. E ninguém ali fumava aquele cigarro que tinha cortiça e um gosto diferente, que viciava[168]

Será esse um deslize do caricaturista? Essa resposta pode ser buscada na própria etimologia da palavra *caricatura* que, originalmente, significa a mudança, o exagero de forma cômica. A arte de desenhar uma figura real não visa à cópia do real, mas sim a experimentação de novas idéias sob o ponto de vista cômico. E onde estaria a comicidade dessa caricatura? A carga cômica desse desenho se concentra toda em dois pequenos detalhes: no sorriso sarcástico de Lima e nos braços duramente estendidos. A expressão no rosto mostra o estado de espírito, acentuadamente burlesco, do romancista

---

[167] Francisco de Assis Barbosa, no prefácio à obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* afirma que "Boêmio é sinônimo de despreocupado. 'Indivíduo estúrdio, patusco e vadio' /.../ Mas Lima Barreto não foi nada disso. O vício da embriaguez, que o levaria a mais de uma internação forçada no hospício, nas crises mais agudas de delírio alcoólico, nada tem a ver com a figura do boêmio que alguns cronistas seus contemporâneos nos tentam impingir. O retrato não é verdadeiro. Um escritor, que morre aos quarenta e um anos, deixando uma obra de dezessete volumes, entre romances, contos, crônicas, ensaios de crítica literária, artigos políticos, sem faltar um só momento a uma diretriz firmemente traçada, desde a adolescência, não pode ser considerado de modo algum boêmio. É como disse o Senhor Wilson Martins, numa observação feliz, a antítese do boêmio" *In:* BARRETO, 1956, p. 18-9.

[168] *In:* ANTÔNIO, João, 1977, p. 76-8.

em estar personificado como um dândi com direito a um brilho extra nos sapatos. Já os braços soltos mostram a inadequação de Lima Barreto a uma vestimenta típica dos intelectuais da Colombo.

Esses traços autobiográficos são observados em uma grande galeria de personagens barretianos como, por exemplo, Gonzaga de Sá que, desde criança, já sentia a exclusão através do preconceito. E ainda Policarpo Quaresma que tinha a mesma profissão de seu criador: amanuense. Além disso, era um incompreendido, um marginalizado que foi posto- como Lima Barreto- em um hospício. Em um conto chamado "Um músico extraordinário" obtém –se, também, traços biográficos. O personagem é um menino tímido, leitor de Júlio Verne que, prematuramente, sentiu a injustiça e a brutalidade da vida. Ademais, em *Cemitério dos Vivos*, obra inacabada, o escritor carioca transformou o seu diário escrito no hospício em ficção. A sua própria experiência com a loucura, algo muito próximo da literatura[169], foi narrada com a construção de um personagem chamado de Vicente Mascarenhas. De fato, esse personagem, assim como Lima Barreto, foi para um hospício, era escritor, tinha alguém louco em casa (no caso, uma sogra) e tinha medo de amar. E, por último, o alcoolismo de Leonardo Flores, um poeta suburbano no romance *Clara dos Anjos*, o aproxima bastante de Lima Barreto.

Percebe-se, então, que a crítica atribui a personalidade de Lima Barreto características inspiradas, principalmente, nos seguintes personagens liminianos: Policarpo Quaresma, Gonzaga de Sá, Isaías Caminha,Vicente Mascarenhas e Leonardo Flores. Muitas das conclusões sobre o destino do nosso autor são explicadas através de uma comparação com o "triste fim" de muitos de seus personagens.

---

[169] Ambos se guiam pelo sonho, pelo devaneio.

Em seu mais famoso personagem - Policarpo Quaresma - Lima Barreto construiu umas de suas mais ricas caracterizações ficcionais. O Major Policarpo tem como constituintes de sua personalidade o idealismo, o nacionalismo, a persistência. Porém, todos os seus sonhos são fuzilados no final do romance. E a imagem que fica é a de que todos os grandes idealistas são "fuzilados" pelos mais poderosos[170]. Os seus sonhos foram inúteis, na medida em que foram pisoteados pela burguesia. Essa lição que se tira do triste final de Policarpo Quaresma certamente é aproximada da vida turbulenta de Lima Barreto. É, claramente, daí que se tira a justificativa de que o romancista carioca não teve sucesso em vida[171].

Outro ser ficcional também oferece aos leitores uma característica de ser um fracassado: Isaías Caminha. Se no outro romance a ruína se dá pelos meandros da loucura, neste se formaliza pela questão racial. O protagonista já nasce como um vencido na vida por ser mulato. A discriminação racial da sociedade desse tempo conduz a uma caracterização forte de Isaías Caminha como um sujeito inteiramente tomado pelo fatalismo. E essa estigmatização reforça a idéia de que Lima Barreto se sentia um "vencido na vida" por todo o tempo em que viveu.

Outro ponto notável é a solidão amorosa atribuída a Lima Barreto. Ela se faz presente, por exemplo, em Isaias Caminha. E além deste há outro marcante "solteirão" na produção barretiana: Gonzaga de Sá. Muitos críticos, utilizando um diálogo entre Augusto Machado e Gonzaga de Sá afirmam, categoricamente, que Lima Barreto nunca se envolveu amorosamente com nenhuma mulher:

---

[170] É notável atentar para a epígrafe dessa obra que, citando Renan, nos adverte que na sociedade em que vivemos muitas qualidades se tornam defeitos, ou seja, atrapalham a dinâmica do poder: "O grande inconveniente da vida real e o que a torna insuportável ao homem superior é que, se para ela transportarmos os princípios do ideal, as qualidades se tornam defeitos, de tal modo que freqüentemente o homem íntegro aí se sai menos bem que aquele que tem por causas o egoísmo e a rotina vulgar".

[171] Eugênio Gomes, por exemplo, retrata Lima Barreto como um fracassado. Brito Broca também reforça a imagem de que Lima Barreto foi uma figura quase ignorada em seu tempo. Já Alceu Amoroso Lima afirma que o romancista foi um "vencido na vida" e que a glória só apareceu após a sua morte.

> - Já tiveste algum amor?
> - Nunca.
> - Olha que falo de amor! Hein?
> - Compreendo.
> - É preciso tê –lo... tenho te dito sempre que os antigos afirmavam que Vênus é uma deusa vingativa. Não perdoa e tu sofrerás se não lhe prestares culto...
> - Não há Vênus, retorqui.
> - Quem sabe lá?[172]

Outro personagem barretiano, apesar de ter se casado, tinha medo de amar: Vicente Mascarenhas.[173] O protagonista da obra inacabada *O Cemitério dos vivos* narra a sua trajetória até ir parar em um hospício. E será apoiado nesse ser ficcional que se pode perceber nitidamente a proposta de Lima Barreto de criar um personagem derivado de sua própria vida.

É verdade que Lima Barreto, quando esteve internado em um hospício, escreveu um diário. O autor observava a realidade desse lugar: os tipos de loucos, as várias manifestações de loucura. E todas essas anotações não são meras descrições, porque já nesse diário, o romancista aparece. Muitas vezes, há mistura de casos reais com o esboço de histórias para a sua obra ficcional. No momento em que Lima Barreto transpõe esse diário para um romance não há uma cópia fiel da realidade como muitos críticos afirmam. Desde o início, o escritor refaz o seu percurso no hospício, ou seja, recria a realidade e não faz uma simples cópia. Um exemplo disso pode ser concretizado no episódio em que Lima Barreto é obrigado a tomar banho com os outros presos. Esta cena está presente tanto no *Diário do Hospício*, quanto em *O Cemitério dos vivos:*

> **Diário do Hospício:** Voltei para o pátio. Que coisa meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português,que tinha um ar rude , mas doce e compassivo, de camponês transmontano. Ele já me conhecia da outra vez. Chamava- me de você e me

---

[172] BARRETO, *Memórias de M. J.Gonzaga de Sá*, p.166.

[173] Vicente Mascarenhas confessa que tinha medo de que o amor o atrapalhasse na sua vida profissional ("o meu casamento era a negação da minha própria obra", p.148). Quando conheceu Efigênia, fugia de sua presença, mas revela que, aos poucos, foi perdendo esse medo. Mas, no fundo, Mascarenhas não o superou e só casou com a moça, porque o pedido de casamento foi repentino ("Não sei como cheguei ate aí. Fosse arrastado pela fatalidade da palavra ou determinado por outra qualquer força, o certo é que pronunciei´ aquele meio ´consinto'- ´não se vá se arrepender", p.149).

> deu cigarros. Da outra vez, fui para a casa forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoievski, na *Casa dos Mortos*. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoievski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria.[174]
> **O Cemitério dos vivos-** A faina não tinha cessado, e fui com outros levado a lavar o banheiro. Depois de lavado o banheiro, intimou-nos o guarda, que era bom espanhol (galego) rústico, a tomar banho. Tínhamos que tirar as roupas e ficarmos, portanto, nus, uns em face dos outros**.** Quis ver se o guarda me dispensava, não pelo banho em si, mas por aquela nudez desavergonhada, que me repugnava, tanto mais que até de outras dependências me parecia que nos viam**.** Ele, com os melhores modos, não me dispensou, e não tive remédio: pus- me nu também. Lembrei-me um pouco de Dostoievski, no célebre banho da *Casa dos Mortos*; mas não havia nada de parecido. Tudo estava limpo e o espetáculo era inocente, de uma traquinada de colegiais que ajustaram tomar banho em comum. As duchas, principalmente as de chicote, deram- me um prazer imenso e, se fora rico, havia de tê-las em casa. Fazem-me saudades do Pavilhão...[175] **(grifo meu)**

Com relação a esses dois fragmentos, a tendência natural do leitor é raciocinar do seguinte modo: se o primeiro se trata de um Diário e o segundo, de um romance, o percurso dos textos segue do REAL ao FICCIONAL. Com isso, Lima Barreto, primeiramente, transcreve o real e depois o insere em uma história romanceada. Nessa linha de pensamento o escritor não inventa uma história e sim tira seu material do próprio real. Entretanto, ao enfocarmos nas transcrições apresentadas, podemos chegar a uma outra conclusão. Quando Barreto escreveu seu diário, certamente, observou a realidade em sua volta, visto que o autor nos descreve todo o seu sofrimento em ter de fazer serviço de limpeza e se banhar no manicômio com outros internos. Todavia, essa descrição de algo verídico não é uma cópia do real, pois assim como uma primeira leitura de um livro é uma releitura do mundo e de nós mesmos, o diário de Lima Barreto já é uma interpretação de sua própria vida. O escritor, nos dois planos textuais, já analisa a cena ocorrida no hospício. O que se percebe é que, do diário ao romance houve um aprofundamento de sua leitura do episódio. No romance, Lima Barreto dá mais

---

[174] *Diário do Hospício,* p. 34-5.
[175] *O Cemitério dos Vivos,* p. 156-7.

detalhes sobre o sofrimento do personagem e revela que se sentia como se todos o tivessem olhando e reafirma o seu pudor ante a nudez, vendo sua intimidade exposta aos olhos dos outros. O autor compreende que não era uma simples nudez que o envergonhava, o seu motivo principal de pudor era que se sentia como se tivessem o despindo da pouca moral que ainda queria preservar.

Toda essa discussão apresentada mostra que Lima Barreto já é um personagem em seu diário, pois quando interpreta a si mesmo já está construindo uma imagem de si. A sua loucura, por exemplo, é questionada, é interpretada, pois naquele tempo, alcoólatras e depressivos iam para um hospício, independente de terem uma patologia neurológica ou não[176]. E, diversas vezes, por causa de personagens como Vicente Mascarenhas, Lima Barreto é tido como, realmente, louco. Hoje em dia, é sabido que, no caso de Lima Barreto, sua loucura foi atribuída ao excesso de bebida. Vicente Mascarenhas dizia para um interno que estava ali por causa da bebida e não pela loucura em si.[177] Isso ficou simbolizado, também, em um personagem de *Clara dos Anjos:* o poeta Leonardo Flores[178].

Uma das muitas expressões que Lima Barreto usou na construção do poeta Leonardo Flores iam desde o louvor ("verdadeiro poeta") à tragicidade ("poeta porrista"). Todas as aparições do poeta no romance *Clara dos Anjos* deixam sempre claro que, apesar de estar aparentemente louco ou bêbado, Leonardo Flores era um

---

[176] Como nos conta Carmem de Negreiros, "/.../ Todas as crenças, práticas, atitudes que pudessem aparentar ignorância, primitivismo ou, que se revelassem inúteis, infantis, eram logo rotuladas como doentes-idiotas ou insanas, produtos de processos de pensamento pertinentes à ilusão ou ao sonho. Uma ameaça, portanto, à estrutura de uma sociedade que se quer ordenada, eficiente, progressista, racional" Além de que, a medicina "/.../ passou a caracterizar a loucura como uma manifestação cada vez mais ameaçadora; nesse prisma, categorias inteiras de novas doenças pareciam surgir — alcoólatras, criminosos, maníacos sexuais, paralíticos" *In:* FIGUEIREDO, Carmem, 1998, p.71.

[177] "Deus me livre! Estou aqui por causa de bebida- mais nada." *In: O Cemitério dos vivos*, p. 160.

[178] Uma idéia curiosa que se tira da caracterização de Policarpo, Mascarenhas e Leonardo Flores é que a loucura dos personagens é descrita com extrema lucidez por Lima Barreto. Os meandros da imaginação do autor são o caminho escolhido para criticar o seu rótulo de louco.

grande escritor: “Dentro daquela sujeira toda, esfarrapado, alagado de cabeça, ele é um deus /.../” [179]. O poeta tem, ratificado pelo discurso do narrador, a sua loucura associada ao alcoolismo assim como Vicente Mascarenhas. No romance, observa-se que o povo respeitava a figura do poeta, apesar do lamento pelo seu triste destino: “O povo sabia vagamente que ele tinha celebridade. Chamava-o — o poeta. No começo, caçoava com ele, mas ao saber de sua reputação, deram em cercá- lo de uma **piedosa curiosidade**”[180]**(grifo meu).** Lima Barreto mostra que os vizinhos do poeta tinham essa “piedosa curiosidade” sobre sua trajetória. Caminho este em que, como o próprio personagem diz, lhe traz dores e alegrias. A poesia, ou melhor, a literatura em si era a sua vida. Existência essa definida pelo escritor como pura e inteiramente de sonhos, já que a sua realidade era de sofrimento, miséria e angústia.

Um último ponto interessante seria a apresentação do final de todos esses personagens nos seus respectivos romances:

•**Isaías Caminha-** Após flagrar por acaso o seu chefe (o diretor do Jornal *O Globo,* Doutor Loberant) com uma amante, consegue obter um cargo de destaque no jornal (torna-se repórter do periódico). Isaías não venceu pelo seu talento, mas sim por estar no lugar errado na hora certa. Acaba tendo uma vitória amarga e admite que perdeu “aquele forte sonho de meninice” e se tornou um bajulador do poderoso diretor em troca de dinheiro e status. Mas sua consciência ainda o censurava e sentia-se desgostoso por ter vencido por obra do acaso e não por seu próprio esforço.

•**Policarpo Quaresma-** O triste fim de Policarpo acentua o seu nacionalismo ingênuo. Ao delatar, em uma carta ao presidente Floriano Peixoto, que prisioneiros de guerra estavam sendo fuzilados na Ilha das Enxadas, acaba sendo preso e fuzilado na Ilha das

---

[179] BARRETO, *Clara dos Anjos*, p. 128.
[180] BARRETO, *Clara dos Anjos*, p. 94.

Cobras. Também, não obtém sucesso em suas tentativas de cultivar algo genuinamente nacional. Sua veia revolucionária foi interpretada como loucura.

•**Vicente Mascarenhas-** Após a morte de sua esposa**,** termina como interno de um hospício após abusar constantemente do álcool. Com um filho praticamente analfabeto e a sogra louca e um emprego que o aborrecia, perdeu o sabor e a esperança pela vida. Não conseguiu obter a tão sonhada glória, apenas mais dívidas, com a obra literária que escrevera em boa parte de sua vida.

•**Gonzaga de Sá-** Termina sem ter reconhecimento ou glória por sua inteligência. Seu biógrafo, Augusto Machado, define Gonzaga de Sá como sendo dotado de uma "bela obscuridade". Em seus papéis, é encontrada uma pequena narrativa denominada "O inventor e a aeronave' em que o protagonista fracassa ao tentar fazer decolar o seu projeto de toda uma vida: uma aeronave. Tanto o texto obscuro de Gonzaga de Sá como o seu personagem (o inventor da aeronave) são condenados a frustração. A própria morte de Gonzaga de Sá é banal e em nada rememora as mortes épicas dos grandes personagens históricos: abaixou-se para colher uma flor, caiu e morreu.

•**Leonardo Flores-** O poeta tem sua última aparição na obra ainda sob os efeitos do álcool. Aparece bêbado, maltrapilho e pronunciando palavras incompreensíveis. Termina, em uma delegacia não dizendo "coisa com coisa" e nem sabendo dizer quem realmente era.

Todos esses finais conduzem ao leitor a envolver os personagens barretinos em uma atmosfera negativa. Se fossem feitas adjetivações a esses personagens seriam de derrotados, frustrados, fracassados, infelizes, ridicularizados, solitários, ou seja, "vencidos na vida". Toda essa caracterização é reforçada, justamente, quando há uma transposição desses seres fictícios a figura real de Lima Barreto. Quando críticos dizem

que os personagens limabarretianos são uma "segunda encarnação"[181] ou um "fracionamento de sua personalidade em múltiplas personalidades"[182] terminam dando características reais a algo que surgiu da esfera ficcional. A construção de um personagem pelo próprio autor é erroneamente analisada por pensadores que julgam a produção barretiana como um *romance à la clef* (uma péssima ficção), porque se configura como uma mera cópia do real.

O importante a ser discutido é que, através da escrita, Lima Barreto pode transformar a sua vida em uma história a ser narrada e essa narração foi reorganizada, reinventada. Quando escrevia, Afonso Henriques produzia um novo sujeito, ou melhor, inventava uma outra vida. A escrita de si é, notadamente, um ato performático/ teatral. A ficcionalização de uma vida não é uma simples organização, mas sim uma INVENÇÃO de uma nova vida, isto é, de um personagem.

Assim, quando Lima Barreto se tornou - por força de si próprio - um personagem, sentiu que sua vida era histórica. O escritor, na verdade, reorganizou, ou seja, teceu o que já é um grande texto: a vida.

---

[181] MONTENEGRO, *In:* prefácio de *Coisas do Reino de Jambon*, p. 12.
[182] HOUAISS, 1960, p. 280 .

4 - Os textos- tutores de Lima Barreto

> A arte é a expressão da vida refletida e consciente, e evoca em nós, ao mesmo tempo, a consciência mais profunda da existência, os sentimentos mais elevados, os pensamentos mais sublimes. Ela ergue o homem de sua vida pessoal à vida universal, não só pela sua participação nas idéias e crenças gerais, mas também ainda pelos sentimentos profundamente humanos que exprime.
> **Jean –Marie Guyau**[183]

A epígrafe deste capítulo põe em destaque o pensamento de um dos intelectuais mais referidos por Lima Barreto. A citação das palavras do positivista francês nos conduz a reflexões sobre o que é arte, ou melhor, qual o conceito de Literatura formulado por Lima Barreto. Ao mesmo tempo, nos desperta a curiosidade de realizar a seguinte indagação: Quais as leituras que levaram o nosso romancista a construir o seu estilo literário? Por isso, a seguir, serão arroladas discussões fundamentais para, exatamente, elucidar essas questões.

Inicialmente, é importante comentar que, no seu notável texto "O Destino da Literatura", Lima Barreto faz referência à obra do então badalado autor de *A arte sob o ponto de vista sociológico*. Como o próprio criador de Gonzaga de Sá nos explica, Guyau quis dizer, no trecho reproduzido no início deste capítulo, que

> /.../ o homem, por intermédio da Arte, não fica adstrito aos preceitos e preconceitos de seu tempo, de seu nascimento, de sua pátria, de sua raça; ele vai além disso, mais longe que pode, para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida na do Mundo[184].

Percebe-se, visivelmente, algo fundamental na explanação de Barreto acerca da citação de Jean- Marie Guyau: a leitura realizada por Lima Barreto o conduziu a elaboração de sua própria filosofia de arte.

---

[183] GUYAU, Jean-Marie. *A arte sob o ponto de vista sociológico, apud:* BARRRETO, Lima. "O Destino da Literatura", *Impressões de Leitura,* SP: Editora Brasiliense, 1956, p.66

[184] BARRRETO, Lima. "O Destino da Literatura", *Impressões de Leitura,* SP: Editora Brasiliense, 1956, p. 66.

Lima Barreto partindo das palavras do intelectual europeu relê a sua própria situação como escritor no quadro da *Belle Époque* carioca. A universalidade da arte proposta pelo escritor francês se encaixa perfeitamente na formação crítica de Lima Barreto. A arte, ou mais precisamente a literatura, será o instrumento para o autor "incorporar a sua vida na do Mundo". A arte literária, então, fará da vivência do escritor um material que, sob a forma de sentimentos, contribuirá para a felicidade da humanidade. Nas palavras de Lima Barreto:

> /.../ quanto mais compreendermos os outros que nos parecem, à primeira vista, mais diferentes, mais intensa será a ligação entre os homens , e mais nos amaremos mutuamente, ganhando com isso a nossa inteligência, não só a coletiva como a individual.[185]
>
> /.../ a Literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam uns dos outros. Ela tende a obrigar a todos nós a nos tolerarmos e a nos compreendermos[186]

A estética proposta por Guyau vai ao encontro da concepção de Literatura militante de Lima Barreto. Assim, a arte, principalmente a literária, tem por fim a união dos povos, enfim, a propagação do ideal de solidariedade humana. Na opinião abalizada de Cavalcanti Proença, Lima Barreto era um autor consciente de seu ofício de homem de letras, já que "Poucos escritores, entretanto, foram tão preocupados com a finalidade da Literatura, não só no conteúdo, como no aspecto formal"[187]. Lima Barreto, muitas vezes, acusado de ser "sem estilo" revela-se como um dos romancistas que mais refletiu sobre a arte de escrever.

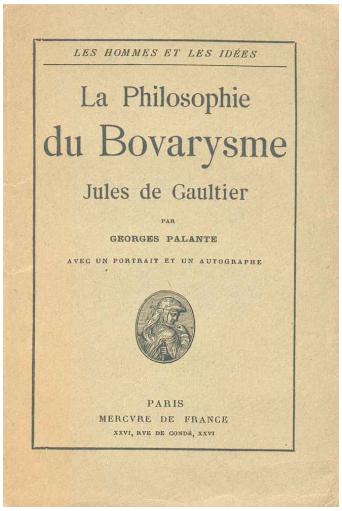
A discussão anterior sobre influência do pensamento de Guyau em Lima Barreto, mostra-se como um excelente exemplo de como a leitura é importante na formação crítica de um homem, principalmente, na figura de um escritor. Diante disso, a seguir será debatido, com minúcia, o grande peso de certos escritores na elaboração do

---

[185] BARRETO, *Impressões de Leitura*, p. 67
[186] BARRETO, *Impressões de Leitura*, p 67-8.
[187] PROENÇA, prefácio de *Impressões de Leitura,* p. 12.

romancista no que tange ao eixo maior dessa Dissertação: a constituição do próprio Lima Barreto como um personagem de suas obras. Além de que, será destacada a paixão do escritor por se tornar um leitor sofisticado, ou seja, a par de todas as inovações e acontecimentos de seu tempo. E, por último, o destaque estará na força maior da Literatura barretiana: o seu fabuloso senso de observação de uma cidade que lhe inspira a criar as mais belas páginas da Literatura Brasileira.

4.1- O Bovarismo Barretiano.


LES HOMMES ET LES IDÉES

La Philosophie
du Bovarysme

Jules de Gaultier

PAR

GEORGES PALANTE

AVEC UN PORTRAIT ET UN AUTOGRAPHE

PARIS
MERCVRE DE FRANCE
XXVI, RVE DE CONDÉ, XXVI

Em 1892, é publicada em Paris uma obra derivada da leitura do romance *Madame Bovary* de Flaubert. O livro, denominado *Le Bovarysme* (veja figura ao lado), é de autoria do psiquiatra francês Jules de Gaultier e exercerá uma influência importante na formação literária e filosófica de Lima Barreto.

De início, é conveniente entendermos o que seria essa teoria de Gaultier para, em seguida, analisarmos a sua influência na produção liminiana. Na primeira parte do livro[188], Jules de Gaultier faz uma citação em forma de verbete explicando o que seria o conceito de BOVARISMO:

> *I. Définition du Bovarysme: le pouvoir départi à l'homme de se concevoir autre qu'il n'est. - Mécanisme du phénomène. - II. Principe de toute la comédie et de tout le drame humains. - Personnages de comédie dans l'oeuvre de Flaubert. - Personnages de drame: Mme. Bovary. - III. Causes du Bovarysme: un principe de suggestion, - la connaissance anticipée des réalités, - le milieu social, - l'intérêt et l'instinct de conservation. - IV. Le Bovarysme, avec Mme. Bovary, comme pouvoir autonome, comme nécessité*

[188] *Pathologie du Bovarysme, Chapitre 1.* "Le Bovarysme chez les personnages de Flaubert".

> *interne, et comme principe d'idéalisme. - V. Modalités d'un Bovarysme essentiel. - La Tentation de saint Antoine - Bouvard et Pécuchet.*[189]

Como se pode perceber, nessa conceituação, Gaultier expõe a sua teoria de forma sintética. Apresentando ao leitor, inclusive, as causas desse bovarismo. Para efeitos de debate, é importante dialogarmos essa teoria com o célebre livro de Flaubert, *Madame Bovary*. Sendo assim, Emma Bovary, protagonista da referida obra, é uma mulher criada sob os princípios burgueses. A mentalidade da personagem se guiava pelos parâmetros românticos, fruto das obras literárias que lera na época em que estava em um convento. Como o narrador de *Madame Bovary* relatara:

> Ema lera *Paulo e Virgínia,* sonhara com a cabana de bambus, com o preto Domingos, com o cão Fiel e, principalmente, com a doce amizade de algum irmãozinho, que lhe colhesse frutos maduros em árvores mais altas que campanários ou que corresse descalço pela areia, para lhe trazer um ninho[190]

Ema Bovary, como pode ser percebido, mede sua própria vida pela sua experiência como leitora. No entanto, quando percebe que a vida não se configura tal qual um romance, a realidade não lhe satisfaz. Na explicação de Lima Barreto:

> Mal casada com o medíocre Charles, desgosta-se, despreza-o, abomina-o. Sonha amantes. Retrata-os carinhosamente na sua imaginação; idealiza-os suprimindo inconscientemente na sua imaginação; idealiza-os suprimindo inconscientemente os perigos do adultério. Desvia-se da calma conjugal e estonteamento que o sonho da irregularidade leva á sua alma, arrasta-a a falsificar a firma de seu marido, o que, descoberto a impele ao suicídio[191].

O que o crítico europeu fez foi elaborar uma teoria em cima da insatisfação de Emma Bovary com um mundo que nada lhe assemelhava a imagem projetada no universo romanesco. O Bovarismo, então, consiste em um falseamento da realidade, pois a imaginação ganha *status* de real. Há a fantasia de ser um *outro,* longe da

---

[189] Tradução minha: "**I**.Definição do bovarismo: o poder concedido ao homem de se conceber outro que ele não é- Mecanismo de fenômeno. – **II**- Princípio de toda a comédia e de todo o drama humano.- Personagem de comédia na obra de Flaubert- Personagem de drama: Mme Bovary. **III.** Causas do bovarismo: um princípio de sugestão, - o conhecimento antecipa as realidades, - o meio social, - o interesse e o instinto de conservação. **IV.** O bovarismo, com Mme. Bovary como poder autônomo, como necessidade interna, e como princípio do idealismo. **V.** Modalidades de um bovarismo essencial- a tentação de Santo Antônio" *In:* GAULTIER, 2006, p.6.

[190] FLAUBERT, 1979, p. 31.

[191] BARRETO, *Bagatelas,* p. 56-7.

personalidade real de um indivíduo. A noção de bovarismo também demonstra a falta de consciência crítica das pessoas ao tomar a imagem de algo como dotada de verdade. Como foi no caso de Emma Bovary que, devido à ausência de espírito crítico, fez da ficção um parâmetro para a sua vivência real. Na obra *Le Génie de Flaubert*, Gaultier revela que a genialidade do criador de Emma Bovary foi a de incitar "/.../ les personnagens à se concevoir autres qu' ils ne sont et à se tromper sur euxmêmes avec infiniment plus d´ampleur que nel´exige lê mecanisme de la connaissance du soi par lê soi"[192]

De fato**,** Lima Barreto absorve o conceito do bovarismo com diferentes propósitos. Primeiro para entender a si próprio, ou seja, para buscar uma explicação sobre sua personalidade. Em segundo lugar, utiliza-se dessa terminologia para melhor compreender a imagem do Brasil e o pensamento de sua população. Por último, aplica esse termo na própria constituição de seus personagens. Cabe acrescentar que as alusões mais diretas ao bovarismo são encontradas em duas obras barretianas: *Bagatelas*[193] e *Diário Íntimo*[194]. Esta se caracteriza por um desabafo a respeito de um problema familiar e na própria explicação sobre a teoria. Já aquela se configura sob a forma de um artigo intitulado "Casos de Bovarismo".

No texto "Casos de Bovarismo", Lima Barreto apresenta para o leitor a obra de "Um moderno filósofo francês". Esse autor é, obviamente, Jules de Gaultier e a obra, *Le Bovarysme.* O termo é definido como uma insatisfação com a realidade que acarreta na criação de uma imagem tida como real. O romancista carioca trabalha suas críticas, justamente, em cima dessa definição. Com isso, relata que a humanidade é atingida pelo

---

[192] Tradução minha: "os personagens a se conceberem outros que eles não são e a se confundirem sobre eles mesmos com infinitamente mais amplidão do que exige o mecanismo do conhecimento de si mesmo" *In:* GAULTIER, 1913, p. 17.
[193] BARRETO, Lima. *Bagatelas.* SP: Editora Brasiliense, 1956.
[194] BARRETO, Lima. *Diário Íntimo.* Editora Brasiliense, 1956.

mal do pensamento, pois conhece "/../ a imagem da realidade antes da realidade, a imagem das sensações e a dos sentimentos antes das sensações e dos sentimentos/../"[195]. Dessa maneira, o Bovarismo é "o poder que é dado ao homem de se conceber outro que ele não o é, e de encaminhar para esse outro, todas as energias de que é capaz"[196].

Seguindo essa concepção de mundo, através do uso do que chamou de *binóculo bovárico*, Lima Barreto mostrará ao leitor que se pode enxergar o real e não somente as imagens. Esse *binóculo bovárico,* até mesmo, pode ser interpretado como uma metáfora da arte, já que por esse instrumento há formação de um intelecto crítico. Contudo, a forma de arte a que se refere Barreto, certamente, é a Literatura que produz conscientização e não conduz a modelos que reforçam as distorções do real.[197]

Ademais, em diversas crônicas, o autor criticará o Bovarismo de nosso país, isto é, a imagem que a elite quer construir sobre a nação brasileira. Essa questão foi bem exemplificada na crítica de Lima Barreto ao *foot-ball*. No que se refere a esse nobre desporto, a intenção da burguesia era, por exemplo, somente levar a amistosos internacionais jogadores brancos e descendentes de europeus. Essa análise, segundo Barreto, se encaixa na filosofia bovárica, porque se constrói uma imagem de uma nação branca e européia ao invés da real caracterização de ser negra e miscigenada. Acrescido a isso há, também, a censura de Lima Barreto a elementos atingidos, da mesma forma que o futebol, pela ilusão bovárica como o feminismo e os "sky scrapers". Ambos, ainda que denotem modernidade e progresso, eram vistos com negatividade pelo escritor. Nesse caso, apesar de ambos os fenômenos aparentarem serem benéficos para a

---

[195] BARRETO, *Bagatelas,* p. 56
[196] BARRETO, *Bagatelas,* p. 58.
[197] Como é o caso da Literatura parnasiana que se concretiza com um tipo de linguagem falseada, longe da realidade lingüística brasileira.

sociedade, Lima Barreto através do uso de seu *binóculo bovárico* conseguiu ver a realidade ao invés da imagem.

No que se refere ao seu *Diário Íntimo,* o escritor intercala a leitura do livro francês com pensamentos sobre sua vida familiar. Em um de seus registros diz que, ao chegar em casa, deparou-se com um baile e ficou profundamente irritado, pois seu pai era doente e não poderia, de modo algum, ter canto e dança em sua residência. E, por fim, desabafa "A minha vida de família tem sido uma atroz desgraça. Entre eu e ela há tanta dessemelhança, tanta cisão, que eu não sei como me adaptar. Será o meu 'bovarismo?"[198] Esse pensamento, reforça a idéia de Gaultier de que há um afastamento entre o indivíduo real e o imaginário, "/.../ entre o que é e o que ele acredita ser"[199]. Será, nesse caso, que o Afonso Henriques real era o escritor de sucesso ou o morador da *Casa do Louco*?[200] Esses dilemas, freqüentes na sua obra, inquietavam o Literato do subúrbio.

Dias depois, ainda impulsionado pela leitura de Gaultier, o inventor de Gonzaga de Sá reflete sobre sua vida como escritor:

> Último dia do mês em que, com certa regularidade, venho tomando notas diárias da minha vida, que a quero grande, nobre, plena de força e de elevação. É um modo do meu ´bovarismo', que para realizá-la, sobra-me a crítica e tenho alguma energia[201].

Fica visível nesse trecho que Lima Barreto associa o seu sonho de glórias a uma possível deformação bovárica. O romancista deveria estar se perguntando se o seu ideal de triunfo não seria algo mais próximo do sonho do que da realidade ou se estaria concebendo alguém que verdadeiramente não era. Essas indagações de, muitas vezes, se

---

[198] BARRETO, *Diário Íntimo,* 26/1/1905, p. 91.
[199] BARRETO, *Diário Íntimo,* 28/01/1905, p. 94.
[200] Alcunha que os vizinhos da família deram a casa dos "Lima Barreto".
[201] BARRETO, *Diário Íntimo,* 31/01/1905, p. 96.

argüir se tinha, de fato, talento ou não, encontraram na filosofia de Gaultier o interlocutor para buscar essa resposta.

Além de artigos e confissões diretamente relacionadas à célebre obra francesa, o conceito de Bovarismo está dissolvido na caracterização dos mais importantes personagens de Lima Barreto. Todos, de certa forma, possuem o seu "bovarismo". Cada um deles retorce a realidade e cria fantasias. Assim sendo, merece destaque o ser ficcional que mais se acha impregnado de bovarismo: o Major Policarpo Quaresma. O exímio funcionário público tinha uma imagem do Brasil que estava em desacordo com o país real. Todo o sofrimento desse personagem resultará do seu desencontro entre os seus sonhos e a realidade do mundo. Se para o próprio Major o seu ideal de procurar um produto essencialmente nacional configura-se como um projeto passível de concretização, para muitas pessoas não passava de meros delírios de um louco. Logo, há uma distorção do real por parte de Policarpo, pois este não vê que seus propósitos de maneira alguma poderiam ser adotados na nação em que vivera. Há um conflito entre a imagem que Policarpo faz do seu país e o Brasil verdadeiro.

Como complemento, é conveniente observar que o seu próprio "triste fim" é decorrente desse desajuste entre realidade e sonho. Nas palavras de Maria Zilda Cury, há um conflito entre Policarpo e o meio, ou seja, seus delírios chocam-se "/.../ contra o mundo, contra o repúdio da opinião pública e que, em nome da justiça, lhe resultam em prisão e morte"[202]. Dessa forma, o nacionalismo de Policarpo é esvaziado, na medida em que ganha uma conotação ingênua, boba, fruto da mente de um louco. Ao mesmo tempo, o ideal de reafirmação da nacionalidade brasileira, que poderia ser algo positivo, revela-se inapropriado, não digno de atenção. Essa é, justamente, a deformação bovárica

[202] CURY, 1981, p. 87.

de Policarpo Quaresma: enxergar um horizonte que não existia. O personagem idealizou um projeto, não levando em conta características do real tais como: a corrupção governamental, o louvor à cultura européia por boa parte da elite, a falta de caráter dos políticos tupiniquins. O fuzilamento de Policarpo simboliza, nesse viés de pensamento, o esfacelamento de um ideal que foi atingido pela deformação bovárica. Deste modo, "o sonho real" do Major foi reduzido a uma mera ilusão.

Outro notável apoio na obra de Gaultier está presente na concepção de Barreto de se transportar para os seus romances e contos. O escritor retira de sua vida real algumas características que são repassadas para personagens como Leonardo Flores e Vicente Mascarenhas. Entretanto, o leitor pode se interrogar qual a relação entre essa ficcionalização da vida do famoso romancista e a teoria do bovarismo. Como já foi amplamente discutido nos capítulos anteriores, o escritor de Todos os Santos não repassou suas características pessoais aos seus personagens com fidelidade. Lima Barreto, na verdade, se concebeu como um outro, isto é, construiu um sujeito esmagado por seus contemporâneos, vítima da sociedade, fracassado, sem sucesso algum. Toda essa imagem tem na teoria de Gaultier a justificativa principal: o ser-humano concebe-se outro que ele não o é. A imagem criada pelo autor, por fim, substituiu a sua personalidade real. Porém, o que queria Lima Barreto com isso se, ele próprio, declarava, que o bovarismo era um mal para a humanidade? Nesse momento, entra a genial construção textual de nosso autor: sua apresentação como um sujeito fatalista, ingênuo, marginalizado, em uma sociedade como a *Belle Époque*, fez com que sua escrita tivesse um diferencial frente ao mar de obras com ecos do parnasianismo. Sua escrita propositalmente simples revelou-se como um dos mais ricos projetos de militância literária. Portanto, nas palavras de Regis de Moraes,

> Lima Barreto precisa ser visto como o típico homem forte que morreu esmagado entre, de um lado, a imagem que fez de si mesmo e seus projetos de vida e, de outro, a imagem que o meio preconceituoso lhe impingiu/.../[203].

Essa era, então, a principal marca bovárica do intelectual do subúrbio: ter se tornado um outro, isto é, um personagem chamado Lima Barreto.

4.2- As impressões de leitura em Lima Barreto

Muitos teóricos afirmam a importância de dois documentos deixados por Lima Barreto. O primeiro seria o inventário de sua famosa biblioteca conhecida como *Limana*. Já o segundo seria as suas "impressões de leitura" sobre os mais notáveis livros e autores de sua época. Sendo assim, além dessas duas fontes, é relevante ressaltarmos alguns dos textos- tutores que se mostraram como ricas ferramentas na produção barretiana.

A princípio, é considerável lembrar que Lima Barreto não deve ser tipificado apenas como um grande cronista ou um romancista de talento. De todas as definições das atividades literárias de Barreto, uma parece ser posta em segundo plano quando, na verdade, é o alicerce para todas as suas outras atividades: a de crítico literário[204]. Sabe-se que o autor publicava impressões sobre as obras de arte mais recentes do Brasil e do exterior. A sua opção por uma arte de estilo simplório, por muitos anos, fez com que o autor tivesse a sua série de artigos negligenciada, o que vem sendo corrigido pelos

---

[203] MORAES, 1983, p. 30-1.

[204] Segundo Denílson Botelho, depois da revista *Careta* e do *A.B.C,* o diário *Correio da Noite* foi o órgão da imprensa que mais publicou crônicas de Lima Barreto (42 no total). Nesse diário, dirigido por Vitor Silveira, "O escritor é alçado à condição de crítico de todas as artes, recomendando ou criticando sem a menor cerimônia este ou aquele espetáculo, artista, poeta e o que mais lhe convier" *In:* BOTELHO, Denílson. "Como ser jornalista no Rio de Janeiro do início do século XX: o caso de Lima Barreto" Disponível em: http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/handle/1904/17348. Acesso dia 9/6/07 às 19:35

pesquisadores atuais. Todas as escolhas estilísticas de Lima Barreto não são frutos apenas de uma revolta profunda com a sociedade burguesa. Há um rico e, na época, atualíssimo suporte em teóricos das mais diversas literaturas. Provando, dessa forma, que ter um estilo de escrita simples não é sinônimo de desleixo ou de ausência de suporte teórico. Citando Carlos Fantinati,

> Nos seus quase vinte anos de homem de letras, Lima Barreto fez da arte um motivo constante de reflexões. Embora como ficcionista se interessasse mais pelo romance, nem por isso deixou de expender opiniões e juízos sobre o teatro e a poesia e mesmo sobre artes plásticas e a música.[205]

Dessa forma, muitas leituras do crítico literário Lima Barreto serviram de alicerce para a sua constituição, por exemplo, como um personagem de suas produções literárias. Primeiramente, poder-se-ia destacar a valorização de um dos escritores prediletos de Barreto: Dostoievski. O autor de *Crime e Castigo* segue um modelo próximo ao do nosso romancista carioca na medida em que ficcionalizou a sua própria vida. Além disso, a força da literatura do intelectual russo estava na representação das grandezas e misérias de seu país. Desse modo, percebe-se que há grandes pontos de intercessão entre o autor brasileiro e o escritor russo. Se Dostoievski registrou a angústia de ser um prisioneiro, Lima Barreto anotou o seu sofrimento ao ser internado em um hospício contra a sua vontade. Há no célebre romance russo *Recordações da Casa dos Mortos*[206], uma passagem que, até mesmo, poderia ser proferida pelo protagonista de sua obra inacabada, *Cemitério dos vivos:* "- Afinal, irmãos, para que ficar aqui? /.../ Que estamos fazendo aqui? Somos vivos sem vida, mortos que não foram enterrados, não é mesmo?"[207]. Deve-se ressaltar que Dostoievski e também Lima Barreto em seus

---

[205] FANTINATI, 1978, p. 24- 5.
[206] DOSTOIEVSKI, Feodor. *Recordações da casa dos mortos.* 3ªed., RJ: Livraria José Olympio Editora, 1952.
[207] DOSTOIEVSKI, 1952, p. 398.

"cárceres forçados" observam tudo a sua volta e transformam este exame minucioso em matéria- prima para os seus romances:

> **Dostoievski-** "A casa dos mortos" repetia eu, olhando, através do crepúsculo, pela porta da caserna, os forçados que voltavam do trabalho e que vagueavam pelo pátio, indo e vindo dos alojamentos para as cozinhas. Pelas atitudes e pelas caras, esforçava-me por lhes adivinhar os caracteres. Passavam e repassavam diante de mim, com a testa franzida ou simulando uma ruidosa alegria (Esses dois aspectos são os mais freqüentes, e podem mesmo caracterizar o presídio). Praguejavam ou falavam simplesmente entre si, ou então, se afastavam, como para mergulhar em meditações solitárias, uns com o ar tranqüilo, calmo, outros com jeito abatido e displicente e alguns (até mesmo lá) com ar fátuo, o boné dum lado, a pele de carneiro atirada a um ombro, o olhar insolente e escarninho, o sorriso cinicamente zombeteiro.[208]
>
> **Lima Barreto-** O espetáculo da loucura, não só no indivíduo isolado mas, e sobretudo, numa população de manicômio é dos mais dolorosos e tristes espetáculos que se pode oferecer a quem ligeiramente meditar sobre os destinos, sobre ele. /.../ O que todos julgam, é que a coisa pior de um manicômio é o ruído, são os desatinos dos loucos, o seu delirar em voz alta. É um engano. Perto do louco, quem os observa bem, cuidadosamente, e une cada observação a outra, as associa num quadro geral, o horror misterioso da loucura é o silêncio, são as atitudes as manias dos doidos. /.../ Na seção Pinel, num pátio que ficavam os mais insuportáveis, dez por cento deles andava nu ou seminu. Esse pátio há a coisa mais horrível que se possa imaginar. Devido à pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos, a imagem que se fica dele, é tudo negro. O negro é a cor mais cortante, impressionante; e contemplando uma porção de corpos negros nus, faz ela que as outras se ofusquem no nosso pensamento. É uma luz negra sobre as coisas, na suposição de que, sob essa luz, o nosso olhar pudesse ver alguma coisa.[209]

Nesses dois fragmentos, as experiências reais de ambos os escritores foram ficcionalizadas. Ambos os intelectuais encontraram na escrita um modo de se libertar do cárcere a que estavam submetidos. Foi pela Literatura que encontraram uma forma de extravasar uma lembrança fortemente emocional. Em acréscimo a influência do escritor russo no que tange à autobiografia, há, ainda, nas obras barretianas um pouco do estilo do grande romancista russo. A escrita de Dostoievski[210] - que influenciou autores como Proust, Kafka, Camus, Nietzsche, Sartre – é marcada por uma certa tensão nervosa, vibrante, que deixa o leitor dominado por uma certa angústia. O leitor sente-se junto

---

[208] DOSTOIEVSKI, 1952, p. 135-6.
[209] BARRETO, *O Cemitério dos vivos,* p. 177, 184-85.
[210] A obra *Os Irmãos Karamazov* foi considerada por Freud como o maior romance já escrito no mundo.

com os protagonistas nessa atmosfera de "não normalidade", ou seja, de estar vivendo algo que escapa da futilidade e da banalidade do cotidiano. Personagens loucos, doentes e criminosos conduzem o leitor ao lado que a sociedade rejeita. É nesse ponto que entra a identificação de Lima Barreto com obras como *Crime e Castigo.* O escritor brasileiro vê no autor de *O Idiota*, o interlocutor perfeito para a denúncia da exclusão social na sociedade da *Belle Époque*. Conforme escreveu Sônia Brayner, nas leituras de Lima Barreto dos livros do grande escritor russo houve a conscientização do "/.../ caminho da consciência através da dor, para a depuração de uma idéia, para o desdobramento das potencialidades do ser e o ilhamento que tal atitude provoca na fixidez do cotidiano social"[211]

Além de Dostoievski, outros escritores russos são valorizados por Lima Barreto. Turgueneff oferece a Barreto um modelo de narrativa simples, ou melhor, mais direta. Há, ainda, a influência de Tolstói (autor de obras clássicas como *Guerra e Paz* e *Anna Karenina*) e Gorki (O ficcionista tinha como personagens elementos das classes excluídas como operários, vagabundos, prostitutas e pessoas do povo). Nesses escritores, Lima Barreto compreendeu, sobretudo, que a linguagem de seus escritos deve visar à clareza, para que seu conteúdo alcance um público maior. E vê, também, a Literatura Russa como um modelo a ser seguido por, seguramente, ter como base o ideal de reforma social, isto é, por visar à transformação de um mundo hostil e individualista em um espaço mais solidário. As obras russas têm como característica também o fato de possuirem ambientações locais, porém com mensagens universais. Como ficou registrada em uma conhecida frase de Liev Tolstoi: "Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia".

---

[211] BRAYNER, 1979, p. 154.

O conceito de Literatura elaborado por Lima Barreto possui uma rica sustentação teórica, ao contrário do que lhe acusam os críticos mais vorazes. O intelectual carioca buscou em Taine e Brunetière o apoio metodológico para a construção de sua visão sobre o papel da Literatura na sociedade. Em Taine, o romancista aproveita a relação entre a obra de arte e a realidade como justificativa para o tipo de escrita que realizava ("a obra de arte tem por fim dizer o que os simples fatos não dizem"). Barreto baseia-se em Taine quando afirma que o escritor não pode excluir dados da realidade, como a da própria vivência do escritor, em obras ficcionais: "Os nossos sentimentos pessoais /.../ são também reações sociais e a sociedade se apóia na terra"[212]. Já em Brunetière, Lima Barreto deixa-se influenciar por uma concepção de Literatura que seja universal:

> Brunetière diz em seu estudo sobre a literatura que ela tem por fim interessar pela virtude da forma, tudo o que pertence ao destino de todos nós; e a solidariedade humana, mais do que nenhuma outra coisa, interessa o destino da humanidade[213]

Dessa dupla influência, de Taine e Brunetière, surge a forma literária de Barreto, marcada por um questionamento da realidade que a cerca e, também, pela inclusão de questões particulares de um ponto de vista universal. Outro autor igualmente marcante para Lima Barreto foi aquele que consta na epígrafe deste capítulo: Guyau[214]. Desse teórico, o escritor carioca retira a idéia de que a arte é um instrumento eficaz para se tratar temáticas particulares de um ponto de vista universal. De acordo com Maria Zilda Cury, "Deste tripé — Taine, Brunetière e Guyau — elabora Lima sua ´teorização' e concepção de arte enquanto expressão do homem, da sociedade e de seus destinos"[215]

---

[212] BARRETO, "Uma fita acadêmica" *In: Feiras e Mafuás*, p. 38.
[213] BARRETO, *Impressões de Leitura,* p. 73-4.
[214] Os três autores são chamados por Lima Barreto de "meus mestres".
[215] CURY, 1981, p. 102.

Em complemento, é interessante lembrar que, dentre esses autores, um deles foi selecionado por Lima Barreto para abrir a sua grande obra de estréia, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha.* Esse escritor é, justamente, Jean –Marie Guyau. Com isso, as palavras do intelectual francês serviam como uma apresentação de toda a complexidade do personagem protagonista: "Meu coração profundo parece-se com essas abóbadas das igrejas, onde o menor ruído se dilata como imensa voz". Além dessa epígrafe, outros romances de Lima Barreto possuem frases iniciais que não só antecipam o tema da obra como também revelam o universo de leituras de Lima Barreto. Nos cinco principais romances do autor carioca há a inclusão, além de Guyau, de autores como, por exemplo, o filólogo e historiador francês Joseph Ernest Renan, o teólogo francês Jacques-Benigne Bossuet, do escritor e crítico francês Paul Charles Joseph Bourget , do poeta francês Alfred de Vigny, do filósofo grego Plutarco e do historiador brasileiro João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes. Em todas as citações pode-se perceber a forte influência dos escritores franceses, como era típico na época e também, um tom de revolta e de crítica tão adequado aos escritos de Lima Barreto:

> **Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá:** "Só há grandeza no silêncio: tudo o mais é fraqueza" (A. de Vigny)" e "O que fere o coração é o silêncio" (Bourget).
> **Triste fim de Policarpo Quaresma:** "O grande inconveniente da vida real e o que a torna insuportável ao homem superior é que, se, para ela transportarmos os princípios do ideal, as qualidades se tornam defeitos, de tal modo que freqüentemente o homem íntegro aí se sai menos bem que aquele que tem por causas o egoísmo e a rotina vulgar" (Renan)
> **Clara dos Anjos-** "Alguns as desposavam [as índias]; outros, quase todos, abusavam da inocência delas, como ainda hoje das mestiças, reduzindo-as por igual a concubinas e escravas". (João Ribeiro)
> **Numa e Ninfa-** Esta nação (a egípcia) grave e séria conheceu primeiro a verdade da política, que é devolver a vida cômoda as pessoas felizes".(Bousset) e "/.../ que uma divindade o tinha julgado digno de sua aliança; e, esposo da ninfa Egéria, cumulado dos dons do seu amor, tornara-se, passando os dias junto dela, um homem feliz e sábio no conhecimento das coisas divinas" (Plutarco).
> **Recordações do Escrivão Isaías Caminha-** "Meu coração profundo parece-se com essas abóbadas das igrejas, onde o menor ruído se dilata como imensa voz". (Guyau).

Muitos desses autores estão presentes na biblioteca particular de Lima Barreto, chamada de *Limana,* catalogada pelo próprio escritor em 1917. Como foi relatado por Francisco Assis Barbosa, um dos intelectuais que tiveram contato com a coleção de livros após a morte do autor:

> A "Limana" reflete, contudo, a própria formação intelectual de Lima Barreto. Ali estão os autores prediletos do escritor, a começar por Balzac e a terminar em Descartes, com o *Disccours de la Méthode* /.../. Lá também estão: Rousseau, Renan, Spencer, Taine, Brunetière, Guyau, Bouglé /.../, além dos teóricos ou simples vulgarizadores do socialismo ou do anarquismo, como Benôit – Malon, Hamon, Malato, Eltzbacher, Kropótkine. Do grupo dos escritores de ficção, fora Balzac, encontram-se Cervantes, George Eliot, Maupassant, Anatole France, Dostoievski, Tolstoi, Thékov, Turguêniev /.../ e o nosso Machado de Assis.[216]

Repare que, em seu acervo, há um grande número de obras de autores positivistas como, por exemplo, Anatole de France. Lima Barreto buscou nesse intelectual a inspiração para praticar uma escrita militante ("/.../ quase todas as suas obras, se não visam a propaganda de um credo social, têm por mira um escopo sociológico. Militam")[217]. No entanto, deixa registrado que o termo *militante* foi utilizado pela primeira vez por outro escritor que admirava: Eça de Queirós ("O Eça, por quem não cesso de proclamar a minha admiração, empregou-o, creio que nas *Prosas Bárbaras*, quando comparou o espírito da literatura francesa com o da portuguesa"[218]). Barreto inspira-se nesses autores para fazer de seus escritos um meio de se discutir a sociedade e não de preocupações meramente estéticas. Como expôs Cavalcanti Proença, Lima Barreto "/.../ compreendeu que o assunto artificial criava o estilo artificial"[219]. O romancista, então, assessorado por teóricos como Anatole de France e Eça de Queiroz construiu o seu argumento crítico em relação a literatos como, por exemplo, Coelho Neto que só se preocupou com:

---

[216] BARBOSA, 1975, p. 310-11.
[217] BARRETO, *Impressões de Leitura,* p. 72.
[218] BARRETO, *Impressões de Leitura,* p.73.
[219] PROENÇA, 1973, p. 51.

> o estilo, com o vocabulário, com a paisagem, mas que não fez do seu instrumento artístico um veículo de difusão das grandes idéias do tempo, em quem não repercutiriam as ânsias de infinita justiça dos seus dias; em quem não encontrou eco nem clamor das vítimas da nossa brutalidade burguesa, feita de avidez de ganho, com a mais sinistra amoralidade para também edificar, por sua vez, uma utopia ou ajudar a solapar a construção social que já encontrou balançando[220].

Frente à postura militante barretiana um olhar mais astuto do leitor pode perceber que o autor não se apóia em nenhum teórico brasileiro. O suporte teórico de Lima Barreto está bem fundamentado em literaturas de três países: Portugal, Rússia e França. Por isso, uma explicação se faz necessária: segundo Lima Barreto, os escritores dessas nações conseguiram dar uma dimensão universal a temáticas individuais. Por essa razão seus escritos possuem a característica de ligar a humanidade como se fosse uma só, vencendo, assim, o provincianismo reinante na sociedade do qual cada intelectual faz parte.Vale lembrar que, todo ser humano tem um modo próprio de ver o mundo. Essas "visões particulares", quando entram em conflito, geram guerras, brigas, intrigas. Desse modo, de acordo com Lima Barreto, a Literatura tem a função de despertar o ideal de SOLIDARIEDADE HUMANA, ou seja, produzir no sujeito a sensação de que o OUTRO possui sentimentos idênticos. Ademais, a idéia de união derrota um grande ícone propagado pelo capitalismo: o individualismo. E o que os autores militantes fazem é, justamente, provar, a partir de histórias individuais, que as dores, os percalços, enfim, a trajetória do ser- humano tem como base os mesmos sentimentos, as mesmas sensações de vitória ou de fracasso[221]. Por isso, o importante é mostrar que há, sim, mais aproximações do que diferenças entre os indivíduos. Lima Barreto, com isso, reverbera essa visão de mundo:

> Portanto, meus senhores, quanto mais esse poder de associação for mais perfeito; quanto mais compreendermos os outros que nos parecem, à

---

[220] BARRETO, *Impressões de Leitura,* p. 76.

[221] Lembre-se que na época que Lima Barreto viveu essa conotação MILITANTE, ou seja, universalizante da obra liminiana não foi bem interpretada. Por isso, viam no excesso de biografismo algo ruim, ou seja, um *romance à la clef.* Esse rótulo, obviamente, foi, em muitos casos, intencional.

> primeira vista, mais diferentes, mais intensa será a ligação entre os homens, e mais nos amaremos mutuamente, ganhando com isso a nossa inteligência, não só a coletiva como a individual. A arte, tendo o poder de transmitir sentimentos e idéias, sob a forma de sentimentos, trabalha pela união da espécie; assim trabalhando, concorre portanto, para o seu acréscimo de inteligência e de felicidade.[222]

Ainda dentro dessa concepção de Literatura militante, pode-se encontrar a justificativa do romancista ter transportado para os seus escritos personagens reais. Como observou Sônia Brayner, Lima Barreto buscou em Guyau a idéia de que o herói na literatura é um ser social. Um personagem real, nessa formulação teórica, seria um portador de ideais que atrairiam leitores. Por essa forma, os receptores dos romances poderiam se identificar com personagens reais. Isaías Caminha ou Clara dos Anjos eram tipos que fariam com que algumas pessoas sentissem que o sofrimento dos personagens eram deles também. Isso, então, despertaria uma maior conscientização crítica da realidade da população. Lima Barreto, assim, atingiria o seu objetivo: fazer o indivíduo ter consciência do seu papel no mundo. Dessa forma, como um intelectual orgânico, o romancista produz um despertar crítico em pessoas que não se rebelam contra a opressão da burguesia.

Não se deve deixar de incluir nesse rol de leituras de nosso escritor, a influência marcante de Miguel de Cervantes. Aliás, Lima Barreto foi um dos poucos intelectuais brasileiros a ler a obra de Cervantes no original. A maior parte dos estudiosos da época tinham contato com a obra espanhola através de estudos interpretativos e não com o texto original[223]. Desse modo, a leitura de Barreto se mostra mais fiel à proposta de Cervantes, na medida em que se trata de uma leitura fiel ao original e não de uma simples apreensão de um conceito por via de textos derivados da obra. Será que esse é o

---

[222] BARRETO, *Impressões de Leitura*, p. 67.

[223] Segundo Monica Velloso, ocorreu "/.../na Espanha e em outros países uma impregnação difusa e popular do quixotismo, muitas vezes alheia até mesmo à leitura da obra original". *In:* VELLOSO, 1996, p. 133.

motivo de Policarpo Quaresma ter uma grande semelhança com Dom Quixote? Lima Barreto, afinal, mostrou na semelhança dos personagens uma releitura à altura do original hispânico.

A semelhança mais visível entre Policarpo Quaresma e Dom Quixote é relativa ao fato de ambos serem sonhadores e por suas idéias estarem em descompasso com o mundo que os cerca. Os dois personagens representam um mundo fundamentado nos valores do amor, da generosidade e do heroísmo. Por causa disso, diz-se que no mais conhecido romance barretiano há um quixotismo nas entrelinhas[224]. Citando Ferreira Gullar,

> A expressão *quixotismo* incorporou-se ao vocabulário de todas as línguas para designar o comportamento daqueles que sobrepõem a fantasia à realidade, o idealismo ao realismo, o desprendimento às conveniências[225].

Uma boa análise sobre essa temática foi feita por Oliveira Lima na época em que foi lançada a primeira edição do livro. O crítico nomeia Policarpo como "Dom Quixote nacional" e realiza uma comparação entre o personagem cervantino e aquele construído por Lima Barreto:

> Ambos são tipos de otimistas incuráveis, porque acreditam que os males sociais e sofrimentos humanos podem ser curados pela mais simples e ao mesmo tempo mais difícil das terapêuticas, que é a aplicação da justiça da qual um e outro se arvoraram paladinos. Um levou sovas por querer proteger os fracos; o outro foi fuzilado por querer na sua bondade salvar inocentes. Visionários ambos: assim tratou o marechal de ferro o seu amigo Quaresma e trataria Dom Quixote, se houvesse lido Cervantes[226].

De acordo com o espanhol Miguel de Unamuno[227], o herói é um ser solitário, um cavalheiro andante que está condenado ao escárnio, à zombaria. Por isso, D. Quixote,

---

[224] Nota-se que, como já foi dito, Lima Barreto absorveu os ideais de Cervantes e não se desviou da mensagem original da obra espanhola. Porém, muitos autores deturpam esse conceito de quixotismo, agregando valores distantes do texto real. Isso também acontece com a expressão bovarismo, debatida no tópico 4.1, que vem ganhando conotações estranhas à filosofia de Gaultier.

[225] GULLAR, Ferreira. "Nota do tradutor" *In:* CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote,* 2002, p. 7.

[226] LIMA, Oliveira. Prefácio de *Triste Fim de Policarpo Quaresma,* p. 9-10.

[227] Na obra de Unamunno há um belíssimo texto chamado de "El sepulcro de Don Quixote" em que o narrador se dirige a um interlocutor nomeado com o pronome TU ou com a expressão "Mi buen amigo". Certamente, Unamunno está se referindo ao intelectual moderno. Intelectual esse que tem uma missão

assim como Policarpo Quaresma, são tidos como insanos. Ambos os personagens possuem projetos que vão contra a realidade do mundo. Citando Cury,

> Essa atitude quixotesca diante da sociedade é tomada toda vez que o indivíduo permanece confinado numa contradição intransponível e inviável dentro do sistema. A incapacidade de um comportamento reformular o sistema o reduz a um comportamento excêntrico e deslocado[228]

Aliás, o próprio Lima Barreto foi questionado por ter uma literatura ousada e que desafiava o conceito de VERDADE de sua época. Realmente, muitas vezes, aqueles que proferem a verdade dentro do sistema vigente são tidos como loucos. Lembre-se que, em Shakespeare, os personagens loucos diziam a verdade. Hamlet, por exemplo, fingia-se de louco para anular-se na sociedade e conseguir vingar a morte de seu pai. A sua loucura era construída, ou seja, ficcional. Todavia, a diferença de Hamlet para Lima Barreto é que o personagem de Shakespeare percebeu que a "loucura" é um modo de a sociedade diminuir o "poder de fogo" daqueles que atrapalham o poder e, espertamente, usou isso a seu favor. Já Lima Barreto, sofreu com o rótulo de louco que a sociedade lhe imprimiu. Assim, suas verdades ganhavam ares de "delírios" e não de argumentos ditos com o uso da razão. A normalidade é essencialmente construída pela ideologia reinante de uma época. Além de Dom Quixote, Policarpo Quaresma e Hamlet, outro exemplo importante seria um dos mais complexos personagens machadiano: Quincas Borba. Machado de Assis colocou a teoria do humanitismo na mente de um louco. E a grande ironia do narrador é que essa doutrina dita por um louco faz sentido no mundo.

Além da questão da loucura e seus diversos exemplos na Literatura mundial, a obra *Dom Quixote,* recentemente escolhida como o melhor livro de todos os tempos,

---

solitária em busca do que metaforicamente chama de *resgate do sepulcro de D. Quixote*. Nesse resgate, o intelectual em uma verdadeira cruzada será alvo de zombarias (o autor se refere aos "Estúpidos bachilleres", isto é, aos bacharéis que tentarão impedir essa caminhada). Mas o intelectual deve sempre prosseguir a sua jornada guiado por uma estrela brilhante que o conduzirá ao resgate dos valores quixotescos. *In:* UNAMUNO, 1952.

[228] CURY, 1981, p. 83.

também pode ter sido absorvida por Lima Barreto no seu próprio posicionamento como escritor. O grande personagem de Cervantes traduz na prática que é pelo riso que se faz a quixotização do mundo. Nessa visão, elaborada por Unamuno[229], os intelectuais revelam a verdade através do riso. O humor seria, então, o modo mais fácil de fazer um comentário crítico chegar à população.

Com isso, Lima Barreto demonstrou com sua fina ironia, que em uma cidade dominada pela farsa, só o riso teria algum efeito sobre as pessoas: "Nada de violências, nem barbaridades. Troça e simplesmente troça, para que tudo caia pelo ridículo. O ridículo mata e mata sem sangue"[230]. Assim, da mesma forma que Afrânio Peixoto fazia a literatura SORRISO, Lima Barreto realizava a literatura pelo RISO. O autor de *Os Bruzundangas* inseria, dessa forma, a sua escrita em uma vertente crítica, que, ao invés de sorrir, ria daquela configuração de mundo. A caricatura humoresca feita pelo romancista carioca, em sua vasta produção literária, queria ver o que havia por detrás dos sorrisos da burguesia. Como bem disse Eça de Queirós, um autor louvado por Lima Barreto:

> Quem são os grandes precursores da Revolução na literatura? Os grandes escarnecedores:Rabelais, Cervantes, Lesage, Voltaire. De Gargantua ao Casamento de Fígaro, por quem é conduzida à campanha social e revolucionária? Quem desprende a idéia puramente racional dos mitos retóricos do paganismo e dos mistérios confusos do cristianismo? Quem vive conduzindo a civilização para a justiça? Os que riem: Pantagruel, Dom Quixote, Gil Blas, Candide.[231]

Lima Barreto, através do riso, desmascara todo o jogo teatral das elites. Ridiculariza o espetáculo da burguesia brasileira que era todo encenado em língua francesa, com direito a cenário novo (a Avenida Central), figurinos importados (roupas parisienses) e com entrada proibida a quem não tivesse posses. Portanto, fica evidente

---

[229] UNAMUNO, Miguel de. *Vida de Don Quijote y Sancho.* Buenos Aires: Editora Esparsa- Calpe Argentina S.A (Coleción Austral), novena edición, 1952.
[230] BARRETO, "Negócios de maximalismo" *In: Coisas do Reino de Jambon,* p. 119.
[231] QUEIROZ, Eça, *op cit* FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de, 1995, p. 16-7.

que a influência da figura burlesca de Dom Quixote vai além da caracterização de Policarpo Quaresma. Ela está enraizada no modo como o escritor enxergou a sociedade de seu tempo.

Um comentário final sobre a relação entre a obra espanhola e a brasileira é o fato de que ambas são escritas de combate. Luta essa, também direcionada a modelos de literatura de seus países do qual discordavam. Essa questão foi bem discutida por Cavalcanti Proença:

> O livro de Cervantes se opõe a Amadis de Gaula. O manchego acredita no herói da Távola Redonda e o imita nos atos e até nos pensamentos. E sempre se dá mal, choca-se com a realidade e não desiste, é a loucura mansa./.../ o *Policarpo Quaresma* se opõe ao *Porque me ufano do meu País*, de Afonso Celso. O seu breviário são as descrições favoráveis a exaltação estarrecida dos cronistas ante a nova terra. Rocha Pita à frente com o "em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno". Isso aparece logo no primeiro capítulo definindo o herói Policarpo. E daí por diante é um constante chocar-se com a realidade da terra sáfara, da politicagem, das formigas saúvas, tão desgraçadas quanto a política.[232]

A visão do que seria arte e literatura para Lima Barreto está pontuada melhor na conferencia "O destino da Literatura". Na palestra, que não chegou a ser proferida, o escritor tem como referencial vários teóricos já citados como, por exemplo, Taine, Guyau e Brunetière. O foco principal de Barreto, nesse texto, se guia pela procura da resposta frente a seguinte pergunta: "Em que pode a Literatura ou a Arte contribuir para a felicidade de um povo, de uma nação, da humanidade, enfim?"[233] . Para Lima Barreto, a arte tem uma função social de reforçar o ideal de solidariedade humana:

> /.../ quanto mais compreendermos os outros que nos parecem, à primeira vista, mais diferentes, mais intensa será a ligação entre os homens, e mais nos amaremos mutuamente, ganhando com isso a nossa inteligência, não só coletiva como a individual. A arte, tendo o poder de transmitir sentimentos, trabalha pela união da espécie; assim trabalhando, concorre portanto, para o seu acréscimo de inteligência e de felicidade.[234]

---

[232] PROENÇA, 1973, p. 80.
[233] BARRETO, *Impressões de Leitura,* p. 55-6.
[234] BARRETO, *Impressões de Leitura,* p. 67.

Percebe-se que, Lima Barreto traz a tona um rico debate sobre a finalidade da arte, principalmente a literária. O escritor, que é taxado de não ter sustentação teórica, nos fornece uma conceituação com respaldo de críticos influentes de sua época. O romancista trabalha com conceitos retirados da obra de Guyau, Tolstói, Hegel, Brunetière e Dostoievski. Nesse último autor, inclusive, toma como base a obra *Crime e Castigo* para debater a questão do que seria o "belo" na Literatura. E, recorrendo a Taine, revela que a beleza nesse grande livro russo não está no estilo, mas sim nas idéias propagadas pela história. Conforme as palavras da pesquisadora Irenísia de Oliveira, a definição de Literatura de nosso romancista está inserida na crítica ao padrão excessivamente estético da prosa e da poesia de então. Sendo assim,

> Boa parte de nossos escritores do período, segundo o autor, tinham desistido de investigar profundamente a alma humana e as relações sociais, menosprezavam o legado mais importante da tradição do romance europeu e distanciavam-se da possibilidade de constituir uma grande literatura, como a russa, por exemplo.[235]

Dessa forma, o texto *O Destino da Literatura* possui uma importância decisiva para se refazer o percurso de leituras do autor. Nessa singular conferência, pode- se entender o porquê de o romancista realizar uma literatura social e vê-se, também, um debate intenso com a corrente de pensamento positivista. Toda a fundamentação teórica de Lima Barreto está bem esclarecida nesse documento literário. Mas, a importância maior, e até a mais irônica, foi identificada por Irenísia de Oliveira: "o escritor ´sem estilo', como ele é encarado muitas vezes, propôs uma das discussões mais produtivas para se pensar o estilo na literatura brasileira"[236]. Sem dúvida, o escritor carioca, ao criticar o estilo artificial de sua época não realizava uma explanação movida a causas pessoais, como queriam relativizar os seus críticos. O romancista fez na sua Literatura um trabalho consciente tanto na sua forma como no conteúdo. A função social de sua

[235] OLIVEIRA, 2005, p. 150.
[236] OLIVEIRA, 2005, p. 159.

escrita era reforçada por uma linguagem clara, acessível a uma gama maior de leitores. Todo o seu discurso, portanto, põe em "suspeita", como definiu Irenísia de Oliveira, um estilo artificial e longe da realidade de seu país.

É indispensável ilustrar que, além da busca de conhecimento em obras literárias, Lima Barreto tinha outra rica fonte de estudo: os jornais. Como o próprio romancista registrou:

> Leio com cuidado os jornais do dia, como já tenho repetido muitas vezes. Não perco uma seção deles, principalmente as elegantes, as do parlamento e das grandes associações. /.../
> O jornal é uma fonte de estudos para mim. Nele tenho aprendido muito, menos elegância, porque, ao que parece, Deus não quer que eu tenha esse dom extraordinário.[237]

Na verdade, o jornal fornece a Lima Barreto temas para suas crônicas, contos e romances. O romancista afirma, com entusiasmo, que "quando queremos ler um jornal com cuidado, fazemos descobertas portentosas"[238]. Na leitura dos periódicos, o escritor tem contato com o pulsar de sua cidade, na medida em que, seja em uma coluna de classificados ou em um artigo de um literato, toda a sociedade, com suas contradições, está presente. Por isso, revela que lia, recortava e arquivava a famosa coluna "a pedidos" do *Jornal do Comércio*, visto que buscava nessa leitura "elementos para estudo da vida doméstica, comercial e sentimental de nossa sociedade"[239]

O importante é que Lima Barreto não buscava conhecimento de mundo apenas nas publicações brasileiras. Mesmo sendo um homem de recursos financeiros limitados, o escritor pedia, constantemente, a amigos que lhe fornecessem periódicos estrangeiros. Em carta a Noronha dos Santos, que estava passando uma temporada na Europa, Lima Barreto recomenda ao amigo: "Não ponhas fora os jornais que comprares; manda-

---

[237] BARRETO, "Alto Comércio", *Vida Urbana*, p.249.
[238] BARRETO, "Novidades", *Vida Urbana*, p. 207.
[239] BARRETO, *Vida Urbana*, p. 243.

mos”[240] . O autor de *Numa e Ninfa* tinha, assim, contato com jornais e revistas como *Figaro, Révue Bleu, Mercure de France, Nouvelle Révue Française, Journal des Débats* e a *Révue des Deux Mondes.*

O fato de Lima Barreto ser um colecionador de retalhos de revistas e jornais, nacionais e estrangeiros, e de registrar de forma fragmentada as suas impressões sobre essas publicações, fez com que a pesquisadora Carmem Lucia de Negreiros vislumbrasse um ponto de interseção entre o autor brasileiro e outro grande filósofo: Nietzsche. Nas palavras de Carmem Negreiros, Lima Barreto “/.../ estabelece um diálogo tenso com muitos conceitos e idéias do filósofo, e isso pode ser percebido, em tons diversos, desde as anotações de leituras, artigos, crônicas até a composição de alguns de seus principais personagens de ficção”[241]. A leitura de obras como o *Diário Íntimo* e *Diário do Hospício* possui uma especificidade: “Nesse processo, cada fragmento pode repetir, completar, contradizer, pontuar todos os outros, numa sintaxe não linear, de ritmo variado”[242]. A leitura do mundo que Lima Barreto expressa em seus diários se faz pelo fragmento. Cabe comentar que no conto “Como o homem chegou”[243] há como epígrafe a ilustre frase de Nietzsche em *Assim falava Zaratustra*: “Deus está morto; a sua piedade pelos homens matou-o”. Há, como afirma Carmem Negreiros, um diálogo tenso com a obra de Nietzsche, especificamente na noção de humanidade.[244]

---

[240] BARRETO, 3/4/1909, *Correspondência,* tomo 1,p. 71.
[241] FIGUEIREDO, Carmem. 2004, p. 159.
[242] FIGUEIREDO, Carmem.2004, p. 160.
[243] Como foi citado em nota à edição do *Diário Íntimo,* “Abusando do álcool, Lima Barreto passou a sofrer alucinações. Após uma crise violenta, os irmãos acharam melhor mandá-lo para a casa de um tio, em Guaratiba, o que foi feito. Lá chegando, as crises se repetiram e cada vez mais fortes, obrigando o irmão, Carlindo, que já trabalhava na polícia, a remetê-lo num carro-forte para o Hospício Nacional dos Alienados. Lima Barreto conservava sempre uma grande mágoa disso. A impressão de viajar num carro de preso, de Guaratiba até a Praia Vermelha, foi tão forte que escreveu o conto ´Como o homem chegou’ /.../” *In:* BARRETO, Diário Íntimo, p. 173.
[244] Para saber mais sobre o diálogo entre Lima Barreto e Nietzsche conferir o excelente artigo de Carmem Lucia Negreiros: “Uma corda sobre o abismo: diálogo entre Lima Barreto e Nietzsche” (ver referência no final deste trabalho).

É importante mencionar que, segundo Sonia Brayner, na obra *Impressões de Leitura,* "há a documentação mais importante sobre o pensamento literário de Lima Barreto." [245] Na opinião abalizada de Osman Lins:

> Vê-se, nas *Impressões de Leitura,* ser incapaz de ignorar um só livro que lhe venha nas mãos, mesmo um estudo ortográfico; interessa-se pela agricultura; pelas narrativas populares; pelas cantigas de roda; pela Filosofia; pelos movimentos operários; pelos loucos; pelo jogo do bicho e pelas relações do nosso povo com os animais; ocupa-se seguidamente de problemas urbanísticos e arquitetônicos, inclusive de edifícios em ruínas e, ante as paisagens, não lhe escapavam sequer os matizes do verde; tanto observa os enterros como as mutações da moda.[246]

Percebe-se que, em *Impressões de Leitura*[247], há a configuração de um intelectual curioso frente aos novos autores que surgem e, ao mesmo tempo, ansioso em não deixar de ler e responder aos escritores que lhe mandavam obras:

> O Senhor Ranulfo Prata teve a bondade e a gentileza de me oferecer um exemplar de seu livro de estréia *O triunfo*. Eu o li com o interesse e o cuidado de todos os livros de moços que me caem nas mãos, **pois não quero que um só de talento me passe despercebido.**[248]
> **(grifo meu)**

Ademais, apresenta ao leitor de seus textos suas impressões sobre o teatro brasileiro, literatos que ojeriza[249], exposições que visitara. Há um autor efervescente que, apesar de afirmar que tem uma vida desregrada[250], nos apresenta, no fundo, os bastidores da sociedade em que vivera. O notável nessas análises é o fato de que Lima Barreto põe em evidência escritores desconhecidos da intelectualidade da época, revelando, assim, uma bem construída visão de arte. Como tantas vezes repetiu, a literatura deve ser solidária, ou seja, visa uma comunhão entre as pessoas ("É um meio

---

[245] BRAYNER, 1979, p.148.
[246] LINS, 1976, p. 28.
[247] Em nota na edição de *Impressões de Leitura,* há o lembrete ao leitor de que "O título /.../ é do próprio Lima Barreto, pois foi com ele que encetou, no *A.B.C*, uma série de comentários sobre livros e autores" *In:* BARRETO, 1956, p. 47.
[248] BARRETO, *Impressões de Leitura,* p. 126-27.
[249] "Em anos como os que estão correndo, de uma literatura militante, cheia de preocupações políticas, morais e sociais, a literatura do Senhor Coelho Neto ficou sendo puramente contemplativa, estilizante, sem cogitações outras que não as da parte poética, consagrada no círculo dos grandes burgueses embotados pelo dinheiro" *In:* BARRETO, *Impressões de Leitura,* p. 76.
[250] "Entretanto os livros chovem sobre mim— coisa que muito me honra, mas com o qual me vejo atrapalhado, devido à falta de método na minha vida" *In:* BARRETO, *Impressões de Leitura,* p. 70.

de nos ligar, de nos fazer compreender uns aos outros, nesta vastidão de país que é o Brasil"[251]). E Lima Barreto passou essa sua teoria à prática ao dar voz àqueles que não teriam seus nomes e ideais divulgados sem a ajuda do escritor suburbano. Dessa maneira, elogia a linguagem clara de Perilo Gomes e de Gastão Cruls e, também, ressalta o "sentimento da cidade" de Enéias Ferraz e, encontra até espaço para escrever sobre um singular livro que uma ilustre senhora o enviara: *Noções de Arte Culinária.*

O grande volume de obras que chegam ao autor de *Numa e Ninfa* é tamanho que o escritor desabafa: "A oferta de livros não cessa de me ser feita. É coisa que muito me desvanece; mas muito me embaraça também".[252] E, em outro artigo chamado de "Livros" mostra apreensão em não dar conta dos materiais que recebe: "há mais de um mês — vejam só! — recebi o romance de meu amigo Ranulfo Prata — *Dentro da vida — e ainda não escrevi sobre ele uma linha".*[253] O importante a ser apontado é que a inquietude de Lima Barreto fornece ao leitor de hoje um rico panorama cultural e político da Bela Época. Também, demonstra que a concepção de arte liminiana é posta em prática nas diversas interpretações que fez de autores e livros que lhe chegavam às mãos. E, por último, comprova o quanto o intelectual suburbano, levava com seriedade o estudo de obras que não estavam inseridas no cânone literário brasileiro.

É relevante considerar que a vontade de Lima Barreto de adquirir conhecimento era tanta que não foi interrompida durante as suas internações no hospício. Esse período, inclusive, ainda rendeu dois frutos: as confissões dispersas em um diário e o esboço de um romance. Nas palavras de Beatriz Resende,

> O escritor que, em meio a situações limites, continua tomando apontamentos, continua escrevendo, agarra-se à idéia de que o sofrimento

[251] BARRETO, *Impressões de Leitura,* p. 176.
[252] BARRETO, *Impressões de Leitura,* p. 97.
[253] BARRETO, *Impressões de Leitura,* p. 70.

> vivido terá um fim, haverá uma saída. Escreve, então, para salvar sua escrita e, pela escrita, salvar sua vida.[254]

Nas estadias no prédio da Praia Vermelha, Lima Barreto tinha a autorização do Doutor Humberto Gotuzo para a utilização do seu gabinete com a finalidade de ter um local mais tranqüilo para escrever e ler. [255] Na segunda internação, mostra conhecer o acervo da pequena biblioteca, já que nota a falta de algumas obras que, possivelmente, deve ter consultado quando foi recolhido no hospício em anos anteriores:

> Logo ao entrar na seção, no meado de segunda-feira, notei que a biblioteca tinha mudado de lugar. /.../ sentei-me na biblioteca e estava completamente desfalcada! Não havia mais o Vapereau, *Dicionário das Literaturas;* dois romances de Dostoievski, creio que *Les Possédés, Les Humilliés et Offensés;* um livro de Melo Morais, *Festas e Tradições Populares do Brasil*. O estudo sobre Coulbert estava desfalcado do primeiro volume, a *História de Portugal,* de Rebelo da Silva também, e assim por diante. Havia, porém, em duplicado, a famosa *Biblioteca Internacional de Obras Célebres.*[256]

Percebe-se, no fragmento acima, um indivíduo tido como louco pela sociedade, analisando com extrema lucidez o conjunto de obras do qual é composta a biblioteca do hospício. Ao mesmo tempo, fica evidente a tal "sede de conhecimento" de Lima Barreto que não cessava até nos momentos mais difíceis de sua vida. Em uma de suas confissões em seu Diário escrito no hospício, relata que sua leitura, na infância, começou por Julio Verne, pois "Fez-me sonhar e desejar saber e deixou-me na alma não sei que vontade de andar, de correr aventuras, que até hoje não morreu, no meu sedentarismo forçado na minha cidade natal".[257]

O escritor, em sua busca pelo saber nas leituras dentro do hospício, deveria ter receio de que repetisse a frase do protagonista de *Recordações da Casa dos Mortos* ao deixar a prisão: "E que tristeza me possuiu quando tive que reconhecer até que ponto

---

[254] RESENDE, 1993, p. 174.
[255] A escrita foi vista como pelo analista como uma "válvula de escape" para a melhoria do estado psíquico de Lima Barreto.
[256] BARRETO, *Diário do Hospício*, p. 43-44.
[257] BARRETO, *Diário do Hospício*, p. 88.

estava eu alheio à vida atual! Era um membro mutilado da sociedade. Tinha que me habituar às inovações, travar conhecimento com a nova geração!"[258]

O importante a ser apreendido é que Lima Barreto era um leitor dotado de uma aguçada curiosidade intelectual. Não havia um livro ou periódico que o autor não desejasse obter. Além de que seus "textos-tutores", dispersos nas entrelinhas de sua obra, provam que não há criação a partir do vazio. O processo de formação de um leitor/ escritor provém de uma acumulação crítica. A obra literária de Lima Barreto, com isso, não deve ser julgada pela aparente simplicidade. Por trás dela, há fontes bebidas na psicologia, na história, na sociologia, na filosofia. Provando que toda grande obra de arte deve produzir não só uma revolução literária/estética, mas também psicológica, histórica, sociológica e filosófica.

4.3- Lima Barreto : as inspirações além do texto.

Nesta ultima seção é mister fazermos um percurso que irá além dos textos lidos por Lima Barreto. Serão nas caminhadas pela cidade ou nas conversas de bar que o nosso grande romancista revelará o seu mais rico material de pesquisa. Toda a força da literatura liminiana surgiu, notadamente, do seu caso de amor com o Rio de Janeiro.

De início, convém lembrar que Walter Benjamin, em *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo,* ao escrever sobre a figura do Flâneur recorre a uma interessante citação de Pierrre Hamp:

> **O artista busca a verdade eterna e ignora a eternidade que continua à sua volta**. Admira a coluna do templo babilônico e despreza a chaminé da usina. Qual é a diferença das linhas? Quando a era da força motriz pela combustão do carvão estiver finda, admirar-se- ão os vestígios das últimas chaminés como hoje se admiram os destroços das colunas dos templos

[258] DOSTOIEVSKI, 1952, p. 406.

> ...O vapor tão amaldiçoado pelos escritores lhes permite transferir sua admiração.... Ao invés de esperar chegar ao golfo de Bengala para aí procurar temas de êxtase, eles poderiam cultivar **uma curiosidade cotidiana em relação aquilo que os toca./**.../ Sair de casa como se viesse de longe; descobrir um mundo, que é aquele no qual se vive; começar o dia como se embarcasse de Cingapura, como se jamais tivesse visto o capacho de sua própria porta nem o rosto dos vizinhos do mesmo andar...; eis o que revela a humanidade presente e ignorada.[259] **(grifos meus)**

Na transcrição anterior, a primeira frase merece um destaque: "O artista busca a verdade eterna e ignora a eternidade que continua a sua volta". Em poucas palavras, poderíamos entender que muitos artistas ignoram a importância histórica do presente e se voltam ao passado em busca da chamada "verdade eterna", ou seja, a idealização de que nos modelos canonizados está o VERDADEIRO estilo de se fazer arte. Na *Belle Époque* carioca, por exemplo, muitos poetas escreviam reverberando os padrões da Antiguidade Clássica e esnobando um presente que exigia novos padrões para a arte. Além disso, um outro trecho que merece realce é, precisamente, quando o pensador francês explana que o artista deve ter uma curiosidade cotidiana, isto é, a cada dia deve olhar a vida sob um outro prisma. Pode-se descobrir uma nova curva em um monumento histórico, uma casa que nunca foi percebida, mas que sempre estava no trajeto. As imagens da cidade que nos cerca podem ser as mesmas, entretanto o nosso "curioso olhar" deve sempre modificá- las, descobrindo nos pormenores do cotidiano novas interpretações de uma mesma história. Esse é, realmente, o verdadeiro sentido da arte: fazer da vida um motivo constante de indagações, de observações, de transformações.

O leitor, com certeza, já deve estar refletindo sobre a ligação entre essa passagem e o objeto de estudo dessa dissertação: Lima Barreto. O nosso autor fez dessa "curiosidade cotidiana" a grande inspiração de sua arte. Poderíamos disser que o

---

[259] *Op cit :* BENJAMIN, 1989, p. 212-13.

COTIDIANO é um personagem vivo nos escritos do autor. Em cada linha dos textos de Lima Barreto há vida pulsando, a cidade é personificada. Toda essa vibração nasce por Barreto enxergar que o presente também é histórico. Lima Barreto afirmara certa vez que vivia na cidade e a cidade vivia dentro dele. Por isso, o autor fazia de sua "mania de andar" um modo de captar os pormenores da vida. O que chamavam de cópia do real, Lima Barreto via como transformação desse real. Nas suas andanças, seu olhar percorria a arquitetura da cidade, os costumes, a natureza. Todo o "sentimento de cidade", expressão do próprio Lima Barreto, pode ser bem definido recorrendo às belas palavras de Ferreira Gullar em seu "Poema sujo"[260]: "a cidade está no homem / quase como a árvore voa / no pássaro que a deixa". Desse modo, assim como o pássaro carrega a árvore dentro de si, Lima Barreto traz a cidade, no fundo de sua alma carioca, e a deixa voar nas páginas de suas composições literárias. O vôo - em que embarcam a observação, a curiosidade, o amor, o prazer, a revolta – segue seu rumo com um destino certo: o leitor.

Lima Barreto tinha dentro de si a mesma paixão de seu desafeto João do Rio: o prazer em observar a alma encantadora das ruas. O romancista sentia um irresistível prazer de andar horas e horas pela cidade.[261] Certa vez, menos de dois meses antes de morrer, após ficar um longo período em casa devido a um reumatismo acrescido de uma torção no pé, Lima Barreto sentiu uma grande vontade de caminhar pela cidade. Exatamente no dia sete de setembro o escritor deu o seu adeus à cidade que tanto amou.

---

[260] Ferreira Gullar escreveu esse poema, em 1975, na época em que estava exilado em Buenos Aires.

[261] Tendo um trabalho extremamente burocrático como amanuense, Lima Barreto andava para sair do percurso CASA-TRABALHO-CASA. Desejava fugir daquilo que Foucault chamou de biopoder, isto é, o poder controlador sobre os corpos. Deve-se lembrar que, muitas vezes, o desejo de andar era para fugir dos problemas familiares: "Tinha a mania de não entrar cedo em casa, com a luz do sol, porque, me aborrecia aquele dever de cumprimentar os vizinhos; porque, em casa, em face de toda a sua tristeza, logo me vinha a imagem cruel da catástrofe doméstica, da subversão, da minha vida, da sua impotência, do seu não valor." *Op cit:* MORAES, 1983, p.20.

Nas palavras de Barreto transcritas por Enéas Ferraz[262] fica evidente como esse último passeio era importante para o autor de *Clara dos Anjos:*

> /.../estou cansadíssimo. As pernas doem-me, tenho o corpo alquebrando e, entretanto, sinto quase um prazer em continuar a andar. É como se fosse uma necessidade. /.../ O que me faz andar assim é um eterno anseio que trago dentro de mim. Sinto sempre uma inquietação por ver e observar as coisas mais insignificantes. Tenho sempre uma vaga certeza de que vou ver coisas novas ou de que vou descobrir qualquer coisa. Muitas vezes, é já por mania de andar, simplesmente. Andando, parece que penso melhor. Bem no fundo, isso é nervo, não acha?[263]

Um fato singular também relacionado à mania de Lima Barreto de andar por horas no centro da cidade, passando por bairros como Botafogo, Copacabana, Tijuca, Engenho Novo, Méier e, enfim,Todos os Santos foi bem ilustrada por Luis de Câmara Cascudo. O jovem escritor não conseguiu acompanhar o fôlego de Lima Barreto em uma de suas caminhadas:

> Almoçou comigo numa rua transversal a Rio Branco /.../. Quando chegamos ao túnel de Copacabana já ia eu aos rastros, amaldiçoando a obediência. Andou toda a Atlântica, até Galeão, enfiou para a Gávea, Aí, com várias explicações, deixei-o. Voltei furioso e molhado. Lima continuou, pensando, ruminando, abstraído, insensível a distância. Só se deteve, disse-me, depois, na Tijuca.
> **Essa mania ambulatória justifica a precisão de suas figuras e a nitidez da paisagem, mesmo acidental com que ele enquadrava os temas dos contos e romances. [264] (grifo meu)**

O dado importante, muito bem percebido por Câmara Cascudo, é o de que, nessas "andanças", o escritor observava fatos curiosos do cotidiano da cidade e os incorporava na sua produção literária. Não fazia uma literatura de gabinete e sim uma escrita que captava em cores vivas os pormenores do cotidiano. Essa paixão por fazer grandes caminhadas pela cidade foi transportada para a ficção na caracterização do personagem Gonzaga de Sá. Sendo assim, na obra *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de*

---

[262] Enéas Ferraz escreve que tinha um ponto de afinidade com Lima Barreto: "sofria, como eu, do delírio da locomoção" in: FERRAZ, 1922, p.5.
[263] FERRAZ, Enéas. "A morte do mestre" *In: O Paiz,* 20/11/1922, p.5.
[264] CASCUDO, 1948, p. 1.

Sá, em um capítulo denominado "O Passeador", o narrador do romance revela suas impressões sobre o andarilho Gonzaga de Sá:

> O que me maravilhava em Gonzaga de Sá era o seu abuso que fazia da faculdade de locomoção. Encontrava-o em toda a parte, e nas horas mais adiantadas. /.../ Nas ruas da cidade, já não me causava surpresa vê-lo. Era em todas, pela manhã e pela tarde.[265]

A detalhada descrição do cenário suburbano surgia, também, das observações que o romancista fazia quando se sentava em um boteco perto de casa. De lá observava, não só as pessoas, mas também a natureza do subúrbio. Utilizando, assim, aquela "curiosidade cotidiana" em relação a um mundo que se transforma, através de seu olhar, a cada dia:

> Na Rua José Bonifácio canto da Estrada Real. Pela manhã gosto de ler os jornais num botequim por lá. Vejo os Órgãos, quando nas manhãs estão límpidas, tintos com sua tinta especial de um profundo azul-ferrete e vejo uma velha casa de fazenda que se ergue bem próximo, no alto de uma meia laranja, passam carros de bois, tropas de mulas com sacas de carvão nas cangalhas, carros de bananas, pequenas manadas de bois, cujo campeiro cavalga atrás sempre com o pé direito embaralhado em panos.
> Em certos instantes, suspendo mais demoradamente a leitura do jornal, e espreguiço o olhar por sobre o macio tapete verde do capinzal intérmino que se estende a minha frente.
> Sonhos de vida roceira me vêm; suposições do que aquilo havia sido, ponho-me a fazer. Índios, canaviais, escravos, troncos, reis, rainhas, imperadores – tudo isso me acode à vista daquelas coisas mudas que em nada falam do passado.
> De repente, tilinta um elétrico, buzina um automóvel, chega um caminhão carregado de caixas de garrafas de cerveja; então, todo o bucolismo do local se desfaz, a emoção das priscas eras em que os coches de Dom João VI transitavam por ali, esvai-se e ponho-me a ouvir o retinir de ferro malhado, uma fábrica que se constrói bem perto[266].

Nas suas manhãs passadas no boteco, entre um gole e outro de parati, o escritor escutava histórias do folclore do lugar e as registrava em suas crônicas. Desse modo, recorria a fontes orais para registrar histórias que, de outra forma, cairiam no esquecimento. Muitas vezes, ouvia casos relacionados à passagem de cortejos fúnebres em direção ao Cemitério de Inhaúma. O fato é que a Rua José Bonifácio, onde se

---

[265] BARRETO, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá,* p. 63.
[266] BARRETO, *Feiras e Mafuás, "Os enterros de Inhaúma",* p. 287-88.

localizava o boteco, possuía enormes crateras e depressões no asfalto. Segundo Barreto, as "elevações imprevistas" do calçamento fizeram até um defunto ressuscitar. Com isso, depois de o cocheiro ir para um lado e o defunto para outro, eis que o morto surge de pé e faz o seu último protesto:

> Desgraçada municipalidade de minha terra que deixas este calçamento em tão mau estado! Eu que ia afinal descansar, devido ao teu relaxamento volto ao mundo, para ouvir as queixas da minha mulher por causa da carestia da vida, de que não tenho culpa alguma; e sofrer as impertinências do meu chefe Selrão, por causa das hemorróidas, pelas quais não me cabe responsabilidade qualquer! Ah! Prefeitura de uma figa, se tivesses uma só cabeça havias de ver as forças das minhas munhecas! Eu te esganava, maldita, que me trazes de novo a vida[267].

Muitos de seus personagens saíram dessa aguçada observação da vida em sua volta. Como citou Francisco de Assis Barbosa, "Não seria em Laranjeiras ou em Botafogo que iria encontrar os seus personagens. Tinha que voltar as vistas para a gente dos subúrbios. E não demorou muito para compreender isso"[268]. Diversas vezes, sentado nesse boteco o autor via passar toda uma grande gama de seres reais que ganhavam, sob a pena do escritor, traços reais.

Como complemento, convém citar que, no próprio enterro de Lima Barreto, o escritor Enéas Ferraz, em uma bela crônica, relata que toda uma série de personagens reais despedia-se do ilustre morador do subúrbio:

> À tarde, o enterro saiu, levando lentamente pelas mãos dos raros amigos que lá foram. Mas, ao longo das ruas suburbanas, de dentro dos jardins modestos, às esquinas, à porta dos botequins surgia, a cada momento, toda uma *foule* anônima e vária que se ia incorporando atrás de seu caixão, silenciosamente. Eram pretos em mangas de camisa, rapazes estudantes, um bando de crianças (muitos eram afilhados do escritor), comerciantes do bairro, carregadores em tamancos, empregados de estrada, botequineiros e até borrachos, com o rosto lavado em lágrimas, berrando com o sentimentalismo assustado das crianças, o nome do companheiro de vício e de tantas horas silenciosas, vividas a mesa de todas essas tabernas .[269]

---

[267] BARRETO, *Feiras e Mafuás, "Os enterros de Inhaúma",* p. 290.
[268] BARBOSA, 1975, p. 134.
[269] FERRAZ, 1922, p. 5.

Foi, exatamente, pelo trem que o corpo de Lima Barreto foi transportado para o centro da cidade. O romancista dava adeus ao subúrbio pelo meio de transporte que tantas histórias renderam para os seus escritos. Com muito bom humor, o cronista registra os pormenores da viagem entre a Central e Todos os Santos:

> /.../ As conversas de trem são quase sempre interessantes. A mania dos suburbanos é discutir o merecimento deste subúrbio em face daquele. Um morador do Riachuelo não pode admitir que se o confunda com um do Encantado e muito menos com qualquer do Engenho de Dentro.
> Os habitantes de Todos os Santos julgam a sua estação excelente por ser pacata e sossegada, mas os do Méier acusam os de Todos os Santos de irem para o seu bairro tirar-lhe o sossego.
> Uma senhora diz à outra, no trem:
> - Jacarepaguá é muito bom. Gosto muito.
> - Mas tem um defeito.
> - Qual é?
> - Não tem iluminação à noite.
> - Você diz bem que é só à noite, pois de dia tem sol.
> As duas riram-se e, como nenhuma delas tivesse pretensões intelectuais, não houve zanga alguma entre elas[270].

Todas as cores de um dia qualquer se transformavam aos olhos do escritor. O mundo, a cada novo amanhecer, possuía ângulos, tonalidades, formas diferentes. Na descrição de um novo dia o romancista revela a sua sensibilidade em perceber as singelas mutações da vida:

> /.../ Dia de chuva.
> Três horas da tarde. O sol começa a aparecer. Espreita por entre as nuvens. Dentre as matas das encostas altas, erguem-se fiapos de nuvens. Parece que pelas matas há uma enormidade de caieiras de verão. Os fiapos saem como novelos de fumaça. O verde varia de matriz. Onde mato grosso escuro é; onde ralo ou campina, claro. Passa de um para outro matriz bruscamente.
> Mangueira.
> A montanha é alta. O verde vai esmaecendo e para cima há cambiantes azulados. O sol côa-se através das nuvens na altura da Tijuca. Há múltiplos matizes confundidos.
> Central.
> O sol mais forte. As nuvens franjam-se de ouro. Como doidas correm para as bandas de Petrópolis.[271]

Nessa bela citação o romancista vê as cores de um dia se modificarem durante, justamente, uma viajem de trem. No correr das estações o que é visto como monotonia

---

[270] BARRETO, "Os Outros" *In: Vida Urbana,* p. 115.
[271] BARRETO, *Diário Íntimo*, p. 78-9.

para uns, para Lima Barreto é uma nova paisagem. É com essa sensibilidade que o escritor percebe que a vida está em constante mutação. Por isso, a curiosidade do romancista se debruçava, também, pelo passado. Não por um tempo fossilizado, mas por algo que ainda possuía ecos no presente.

Concluindo, a curiosidade do romancista em sentir, ver e ouvir o presente e o passado, faz com que sua literatura incorpore os pormenores do cotidiano. A grande força da produção barretiana esta aí: na percepção de que o mundo se transforma, seja nas tonalidades de verde de uma montanha ou na percepção de que no cotidiano há sempre uma boa história a ser descoberta.

5- CONCLUSÃO:

> A fortuna crítica da obra de Lima Barreto aparece como um dos fenômenos mais desconcertantes da historiografia literária nacional.
> **(Carlos Nelson Coutinho)**[272]

Ao fim deste trabalho há a percepção de que na elaboração de trabalhos biográficos não se pode reconstruir com exatidão a identidade de um indivíduo. A conclusão a que se chegou é a de que não há personalidade homogênea, pois o ser-humano está sempre em estado de metamorfose. Por essa razão, em uma pesquisa enfocada em um biografado altamente autobiográfico, não se deve contar a sua vida como se fosse uma tradicional narrativa linear. Como foi observado durante essa dissertação, a "escrita de uma vida" é mais coerente se o pesquisador explorar a multiplicidade da personalidade do biografado. Bem como, no caso de o enfoque ser na trajetória de um escritor, a história de vida também está bem simbolizada na sua formação literária, ou seja, nos seus textos-tutores.

As discussões a respeito desse tema se iniciaram a partir da constatação de que muitos biógrafos desejam dar linearidade a algo que tem a sua magnitude nas contradições: a vida. O propósito do debate foi o de mostrar que a contradição é inerente ao indivíduo. Por essa razão, um biógrafo não consegue passar ao leitor a realidade de seu biografado se ignorar os "desvios" na trajetória de seu objeto de estudo. Biografias lineares, que seguem o princípio do começo-meio-fim, não abarcam a pluralidade e complexidade de um indivíduo. As verdadeiras histórias a serem narradas não estão em ordem cronológica, mas sim como Benjamim[273] se referiu "saturada de agoras". Um

---

[272] COUTINHO, 1974, p. 1.
[273] BENJAMIN, 1993, p.229.

grande trabalho biográfico explora essas contradições do indivíduo. Escrever um trabalho memorialístico não é organizar uma vida, mas sim ver nas contradições a verdadeira dinâmica do sujeito. A conclusão importante é a de que análises de contradições de um biografado não são "pedras no meio do caminho" do biógrafo. Pelo contrário, suas interpretações rendem um debate acalorado sobre o quanto o ser-humano carrega vários seres dentro de si.

Da constatação relatada no parágrafo anterior surgiu à enumeração de várias características, aparentemente contraditórias, da personalidade de Lima Barreto (ser burocrata e escritor, negro e intelectual). Os exemplos serviram para ilustrar que os posicionamentos de Barreto não são lineares, porque toda identidade é plural. E essa pluralidade não deve ser posta em linha reta, pois a vida tem como marca maior exatamente essa complexidade, esses altos e baixos, as retas seguidas de acentuadas curvas.

Outro ponto importante foi o de ver que muitas opiniões de Lima Barreto, em um julgamento apressado, se configuram como contraditórias. As colocações sobre o FUTEBOL e o MOVIMENTO FEMINISTA mostram ao leitor que a crítica liminiana não era relacionada diretamente a esse esporte ou as mulheres, mas a ideologia excludente que esses elementos simbolizavam. Por esse motivo, fica a lição de que uma interpretação de um objeto de estudo deve estar inserida no seu tempo histórico. O olhar de hoje não deve contaminar o estudo de episódios de uma época passada.

Essa dissertação também propôs mostrar ao leitor que os problemas na crítica de um texto ou de um autor podem ser mais problemáticos em produções autobiográficas. O discurso do autor a ser estudado não deve ser tomado como única fonte de pesquisa. Um dos motivos é o de que é muito difícil dar unicidade ao que o sujeito diz. A

interpretação que um indivíduo faz de si está sempre em desenvolvimento, não há muitas vezes uma coerência nessa "tentativas de entendimento". A solução mais adequada foi a de buscar nos fatos sociais o alicerce teórico para o estudo de obras memorialísticas.

Na segunda parte dessa dissertação a explanação iniciou-se com a apresentação de uma visão de que nas entrelinhas do pensamento de Lima Barreto há uma teoria da biografia. Essa constatação surgiu como complementação as idéias desenvolvidas no capítulo inicial[274], pois o romancista apresenta uma idéia de que não há como recontar a vida de uma pessoa com exatidão, o que é possível são apenas "impressões de leitura".

Em seguida, ficou evidente que Lima Barreto possui uma realização literária que dialoga com o contexto social. O escritor construiu uma forma literária (ser um personagem) como forma de criticar a superfície social que transitava (o teatral Rio de Janeiro da *Belle Époque*). Essa formulação teórica de Barreto comprovou a tese de que o contexto histórico não é um mero pano de fundo de uma obra literária. Entretanto, ao se transportar para a ficção o Lima Barreto personagem assumiu o lugar do Lima Barreto cidadão real. As características ficcionalizadas por Barreto ganharam *status* real. Os críticos preferiram analisar o INDIVÍDUO CONSTRUÍDO (personagem Lima Barreto) e não o INDIVÍDUO CONCRETO (o indivíduo Afonso Henriques). Na verdade, como Antonio Candido nos relatou, o romance é mais coerente do que a própria vida. Assim, aos olhos dos críticos é mais fácil ver coerências na obra ficcional do que na vida real.

Já em "Os textos- tutores de Lima Barreto" ficou evidente que o estilo de escrita simples e a confecção de personagens baseados em pessoas da época não faz com que o

[274] "A biografia e o biografado: reflexões sobre Afonso Henriques de Lima Barreto."

escritor tenha "ausência de uma formação filosófica sistematizada" como apontou Eugênio Gomes[275]. A influência de grandes ficcionistas como Dostoievski e Cervantes provam que a opção estilística do romancista carioca possui uma rica sustentação teórica. Além disso, o autor, tido como negligente por alguns críticos, era extremamente estudioso e estava a par dos mais recentes debates sobre a arte literária. Lima Barreto, de fato, tinha "sede de conhecimento" e mesmo não tendo recursos para viajar até a Europa em busca de mais cultura, fazia com que a Europa viesse até ele através da leitura de jornais e livros fornecidos por amigos. O fundamental nessa discussão é a de que o leitor não diga em tom adversativo: "Lima Barreto era um leitor sofisticado, mas tinha um estilo simples" e sim ostentando o seu discurso aditivamente: "Lima Barreto era um leitor sofisticado e tinha um estilo simples". Afinal, sofisticação e simplicidade não são características opostas.

Nesse trabalho o leitor pode observar que em Lima Barreto o cotidiano não é um elemento banal e repetitivo. São nas pequenas nuances do dia-a-dia que o escritor buscou a força de sua escrita. O essencial é a percepção de que a arte não é algo sagrado, visto que está presente a cada minuto em nossas vidas. No entanto, poucos – como Lima Barreto –perceberam que o "belo" não está no "Monte Parnaso"[276], mas sim nas nuances de verde de uma montanha.

Por conseguinte, a idéia essencial que fica para o leitor é a de que a riqueza da biografia de Lima Barreto está nas contradições de sua personalidade e no estudo das ricas influências literárias que recebeu. Lima Barreto construiu um estilo literário polêmico que abarcava algo fundamental: a historicidade da vida. Muitos críticos contemporâneos ao autor de *Os Bruzundangas* não viram nesse estilo literário liminiano

---

[275] GOMES, 1986.
[276] Monte na Grécia Antiga consagrado a Apolo e às Musas. Dizia-se que nesse Monte habitavam-se poetas.

uma revolução, mas sim uma cópia do real. Essa idéia se fez, exatamente, por esses estudiosos não perceberem que por detrás de uma escolha estilística há sempre um contexto histórico que a justifica.

APÊNDICE A: quadro sistemático dos principais teóricos sobre Lima Barreto.

Autor	Visão de Lima Barreto	Observações
Afonso Carlos Marques	Lima Barreto possuindo obras que merecem destaque devido a singularidade na percepção das questões sociais e pela coragem com que as tratava. O romancista preocupava-se com a identidade da Cidade, enquanto misturava sua biografia e seu drama pessoal com a construção de seus textos, visando profundamente a relação literatura e vida.Lima Barreto vivia a cidade e sofria por ela e sua gente, assim como se preocupava com as grandes questões nacionais.Lima Barreto como um historiador lírico da cidade.	
Agripino Grieco	Lima Barreto como o maior e mais brasileiro de nossos romancistas. Lima Barreto como o primeiro criador de almas no romance brasileiro. Lima Barreto sentiu, como nenhum outro escritor brasileiro, a tristeza e o humor que cabem na vida do pobre.Todo o Rio de Janeiro está na sua obra. É a nossa primeira autoridade neste assunto: o povo.	Um dos primeiros teóricos,contemporâneo a Barreto, a reconhecer o talento do romancista.
Alceu Amoroso Lima	Lima Barreto como o solitário e esquecido.Barreto escreveu para se libertar e não para se vingar. Sua obra é uma autobiografia não intencional, que aparece mais nas entrelinhas do que nas linhas.	
Alfredo Bosi	A biografia de Lima Barreto explica o húmus ideológico de sua obra: a origem humilde, a cor, a vida penosa de jornalista pobre e de pobre amanuense, aliadas a viva consciência da própria situação social, motivaram aquele seu socialismo maximalista tão emotivo em suas raízes quanto penetrante em suas análises. A grandeza de Lima Barreto reside justamente no fato de ter fixado o desencontro entre o ideal e o real.	
Antônio Arnoni Prado	Em Lima Barreto chocam- se, frente a frente, a visão do novo e a permanência do velho.Lima Barreto como a voz do inconformismo. O inconformismo de Lima Barreto sendo muito mais um protesto pela exclusão do que consciência histórica da ordem em crise. A condição de existência de Lima Barreto reduz-se à luta implacável para obter o reconhecimento do sistema que o exclui.	
Antonio Candido	Lima Barreto como um ficcionista irregular (seus textos são poucos elaborados ficcionalmente).Funde seus problemas pessoais com os problemas sociais. Literatura testemunhal (com muitos comentários, desabafos). Diz que Lima Barreto não via a literatura como arte. Literatura de Lima Barreto tendo um "ar de rascunho".	
Antonio Houaiss	Lima Barreto sendo alguém sofrido,idealista, dipsomaníaco,louco,humanitário,prepotente,fracassado,humilde, orgulhoso,imperfeito,sólido,harmônico,"beberrão mulato".Lima Barreto:enlace estreito entre a criação e a sua vivência	Houaiss fez a revisão dos textos da obra completa de Lima Barreto lançada pela

	experimental em seus escritos. Fracionamento da personalidade de Barreto nos seus vários personagens.	Brasiliense em 1956.
Astrojildo Pereira	Lima Barreto é considerado o mais importante dos nossos romancistas do começo do século XX.Lima Barreto como um romancista suburbano. Toda a sua obra está impregnada pelo espírito e topografia do subúrbio. Lima Barreto como um dos romancistas que mais se confessam. È um daqueles que menos se escondem e menos se dissimulam Havia nessa auto-flagelação de Lima Barreto algo de heróico. Esse homem, de fato, afrontou e atravessou os abismos da própria degradação física, mantendo intacto a dignidade de sua inteligência.	
B. Quadros	Lima Barreto sendo um boêmio. Revela que nos primeiros contatos com Lima Barreto (define-o como "Lima Barreto da primeira fase") não reparou traços de amargura. O que vira foi um sujeito alegre, despreocupado, sem grandes complicações pecuniárias bem diferente do que se tornou depois.	O interessante deste artigo está no fato de B. Quadros descrever um Lima Barreto jovem, que ainda não tinha largado os estudos em detrimento do trabalho.
Beatriz Resende	Lima Barreto como um escritor que fez a opção radical de permanecer ligado às camadas populares. Lima Barreto aproximando- se da idéia de intelectual de Gramsci. O escritor faz da linguagem que adota, popular e cotidiana, um uso ideológico.	
Broca Brito	Diz que Lima Barreto, no fundo, desejava a vida acadêmica que tanto criticava. Define Lima Barreto como um homem metódico, trabalhador e sério. Lima Barreto como um mestiço pobre e revoltado que procurava vingar-se da sociedade. Lima Barreto como uma figura quase ignorada no seu tempo.	
Carmem Lucia Negreiros	Lima Barreto como um escritor que deseja atingir a um público anônimo e não a uma elite culta e bem informada. Lima Barreto sentiu em si próprio o destino dos outros homens. Lima Barreto como um escritor de grande sensibilidade artística.	
Carlos Erivany Fantinati	Lima Barreto: um artista militante (artista que realiza obras que contenham um sentido revolucionário do ponto de vista social). A militância de Lima Barreto se assemelha a dos profetas e dos revolucionários.	
Carlos Nélson Coutinho	Lima Barreto é um divisor de águas na evolução literária brasileira. Ele propôs um novo Realismo. Lima Barreto compreendeu e formulou a necessidade de uma renovação do conteúdo humano, ligada a uma transformação revolucionária da sociedade.	Coutinho diz que o entusiasmo("uma simpatia calorosa") frente a obra de Barreto pode acabar fazendo com que não se valorize pontos essenciais de seus textos.
Denílson Botelho	Lima Barreto como alguém perplexo e inconformado com a permanência de uma lógica excludente do ponto de vista	Traça o perfil político de Lima Barreto.

	político, social e econômico.	Ênfase na produção de crônicas.
Eugênio Gomes	Lima possui um sentimento de inferioridade racial e social. Para Eugênio Gomes, os escritos de Lima Barreto contêm os resquícios de suas amarguras, decepções e revoltas. Isso acaba tumultuando a obra do autor, pois introduz elementos estranhos e prejudiciais à realidade do romance. Lima tendo uma personalidade negligente e ausência de uma formação filosófica sistematizada	Gomes não entende o porquê de Lima Barreto ter dado tanta ênfase a uma luta de competições que, embora cruel e desumana, só abatia os mais fracos e inaptos (Gomes estaria referindo- se à Lima Barreto como inapto e fraco?). Esse ensaio de Eugênio Gomes, na verdade, é tido como um dos piores já escritos sobre Lima Barreto.
Francisco de Assis Barbosa	Lima Barreto sofria por ser pobre e mulato. Escritor em conflito com o meio em que vivia. Lima Barreto fez a sua pregação revolucionária com a paixão dos grandes derrotados. A sua voz não disfarçava os acentos de angústia e desespero.	Trabalho de cunho documental, biográfico. Ressalta a luta do autor e as suas frustrações. Obra pioneira sobre a vida e obra de Lima Barreto
Gilberto Freyre	Lima Barreto teve uma vida de desajustado dolorosamente vivida. Lima Barreto era pobre e obrigado, pela sua condição econômica, a ser, em grande parte,sociologicamente homem de cor: sem oportunidade de transformar-se em mulato sociologicamente branco como foi o caso de Machado de Assis.	
Gregory Rabassa	Lima Barreto é um romancista cuja obra transcende uma temporalidade medida em décadas e que,sem dúvida, se erguerá (texto de 1954) como a melhor obra representante do romance do RJ no começo do século XX. Lima Barreto é mais reticente (omisso) como autor do que Machado.Em Barreto nunca podemos estar absolutamente certo de que as opiniões expressas são do próprio autor ou simplesmente as de seus vários personagens. Barreto foi o único escritor que preencheu os objetivos do modernismo primeiramente postulados na Semana de Arte Moderna em São Paulo.	Rabassa é um intelectual americano que estuda questões referentes ao Brasil.
H. Pereira da Silva	Lima Barreto como a grande alma amaldiçoada pelo estigma da cor e do álcool. O autor acredita que se Lima Barreto tivesse anel de doutor, não seria o criador de obras como *TFPQ* (seria apenas um doutor a mais). Reafirma aqueles que chamam Lima Barreto de "porrista". E acrescenta que Poe, Verlaine, Hoffmann também o foram. Lima Barreto, desde, *Recordações*	O autor diz que trata mais do lado humano de Lima Barreto do que da precisão biográfica.

	do Escrivão Isaías Caminha, revela rebeldia, inconformação, traços subversivos de nacionalismo.A aversão de Lima Barreto ao anel de grau estando ligada ao status social não alcançado.Diz que Lima Barreto possuía um vocabulário pobre e negligente (diz que, por exemplo, o vocabulário de João Ribeiro era rico).Lima Barreto foi pela cor, maltratado, açoitado pelo chicote dos brancos. Esse desprezo o feria bastante. No hospício, Lima Barreto ficava mais angustiado com os seus fracassos do que com a sua enfermidade. Era mais uma autopunição do que uma revolta.A alma de Lima Barreto foi uma chaga que sangrava a cada golpe recebido.Lima Barreto: morador suburbano, revoltado, alcoólatra, relapso funcionário público, boêmio, mal- ajambrado negro, mulato, porrista. Mas, o autor diz que não há outro autor a sua altura. Lima Barreto é autêntico e se há banalidades nos seus romances é porque é a própria vida é banal.	
Jackson de Figueiredo	Lima Barreto como um analista social que combatia, diferente do tímido Machado que se esquivava de julgamentos.	
João Antônio	**1ª parte:** *"Lima Barreto, pingente"*(palavras de João Antônio) Lima Barreto pagou caro pela coragem, valentia e gênio. Um homem de caráter paga caro na vida e depois dela. Escrever como e o que escrevia, já naquele tempo, significava restrições.Tudo em Lima é de uma atualidade alarmante. Sua obra é até hoje uma porrada seca e rente na nossa apatia, omissão e macaqueação dos modelos estrangeiros. **2ª parte:** Depoimento de Carlos Alberto Nóbrega. Lima Barreto:cultura larguíssima e sólida. Nas suas conversas encantava os ouvintes.O escritor demonstrava claramente que tinha amizade aos tipos humildes e muito pobres.Lima Barreto não era "beberrão", pois jamais tomou um porre. Nunca perdia a linha, o equilíbrio. Jamais gritava, nem dizia palavrões ou desaforos.Definição de Lima Barreto: visto em qualquer lugar, ou sentado ou em pé ou passando no meio do grupo, ninguém veria em Lima um homem fora do comum. Era mesmo, à primeira vista, o tipo do mulato comum brasileiro, de situação modesta e, deveria presumir- se senão um inculto, um indivíduo de instrução elementar. A única nota marcante de sua identidade era o olhar. Tinha olhos alongados, de um verde sujo com fundo amarelo e embaciados, baços. Eram olhos tristes.Ainda que Lima não fosse um cientista, um filósofo, um sociólogo, era um erudito bem informado a respeito das grandes doutrinas, manipulando- as, no decorrer da conversa tão adequadamente e com tanta sufísia de substância que, para muita gente, uma ou duas horas de contato valiam por lições facilmente compreendidas.	O autor João Antônio reproduz neste livro o depoimento de Carlos Alberto Nóbrega, um professor que conviveu com Lima Barreto e que, na época de sua entrevista estava internado em um sanatório sob a alegação de estar caduco, maníaco e esclerosado.Mas, o seu depoimento é de uma lucidez impressionante.
João Ribeiro	Lima Barreto como um dos melhores de sua geração. Lima Barreto como um grande romancista de cidade. É um escritor	João Ribeiro diz nesse artigo, datado de 1919,

	dotado de observação arguta, de imaginação. João Ribeiro afirma que se pudesse fazia entrar Lima Barreto pela porta principal da ABL. Reconhece, com isso, a importância do autor em uma época em que muitos o ignoravam e poucos o louvavam o e de estilo.	que Lima Barreto, dentro de pouco, se corrigir algumas imperfeições e negligências, logrará um dos primeiros lugares entre nossos prosadores.
José Maria Bello	Diz que os desvios gramaticais de Lima Barreto demonstram uma "boêmia da forma" em seus textos.	
Leandro Konder	Lima Barreto dedicou as atividades literárias e jornalísticas uma paixão rebelde que ainda hoje causa constrangimento às sensibilidades conservadoras mais delicadas (que lhe apontam incorreções estlísticas). Barreto, apesar das influências positivistas que lhe vinham de sua formação, não se entusiasmava com a "Ciência" e via com acentuadas reservas o discurso sobre a Civilização. A contestação radical do elitismo da estrutura social e apaixonada solidariedade plebéia aos de "baixo" tornam compreensível a simpatia com que Lima Barreto , mais tarde, no fim de sua vida, acolheu as notícias da redenção leninista, que chegaram da Rússia.	
Lucia Miguel Pereira	Lima Barreto como um romancista que aparecera na literatura brasileira rompendo com a estagnação reinante. Lima Barreto, como Machado de Assis, fala exclusivamente em termos de ficção, é através das suas criaturas que interroga a existência. Define Lima Barreto como mulato- igual a Machado-, mas de família de maiores recursos que o fundador da ABL. Lima Barreto e Machado de Assis usaram do romance para traduzir a sua posição diante da vida. A autora define Lima Barreto como "o violento Lima" e Machado como "dubitativo". Apesar de criador autêntico, Lima Barreto possui mais sensibilidade e dons de observação do que força de imaginação.	A autora é criticada por ter feito uma comparação entre Lima Barreto e Machado de Assis.
Luís Martins	Em Lima Barreto ocorria um dualismo psicológico, um conflito de personalidades. Como escritor era moderno, progressista. Já como ser social estava preso ao seu status, à sua condição de indivíduo do povo, aos preconceitos de sua classe. Ele pensava como um indivíduo do século XX e sentia como um remanescente do século XIX. O seu cosmopolitismo literário era um verniz que mal encobria as feições humanas e autênticas do suburbano.	
M. Cavalcanti Proença	Era um revolucionário por inconformação, por insubordinação contra o estado das coisas vigentes no seu tempo, protestava contra as injustiças individuais e coletivas, usava as únicas armas que podia manejar e nisso ele foi um dos melhores. Lima Barreto como um escritor de uma honestidade intelectual que gera nos leitores simpatia, admiração e estima. Lima Barreto não fez somente condenar. Estruturou as suas teorias, definiu	

	princípios e escolheu as diretivas formais que lhe pareceram adequadas à difusão de sua obra. Simplicidade era o seu norte. Desejava chegar ao povo, influir nele, melhorando- o com sua mensagem. As suas preocupações científicas lhe deram a convicção de que só na simplicidade pode haver clareza, correspondência entre pensamento e palavra.	
M. Oliveira Lima	Lima Barreto tendo uma linguagem simples e propositalmente desataviada. O romancista não procurava escrever bonito e sim de modo simples. Lima Barreto, como Manuel de Almeida, não possui influências, pois se contenta em ser ele próprio.	
Maria do Carmo Lanna Figueiredo	Define Lima Barreto como um autor mulato, rebelde e revolucionário.Lima Barreto como alguém adiantado ao seu próprio tempo. O escritor situava a cultura popular como função típica e eficaz no interior dos grupos sociais de que procedia, numa perspectiva muito próxima da moderna antropologia cultural. Lima Barreto descrito pela autora como combativo e diferente, com uma visão crítica e voltada para o povo inculto e oprimido do Brasil republicano. Barreto era leitor e conhecedor dos clássicos, mas adota outra resposta ficcional à mesma realidade.	
Manuel Bandeira	Bandeira diz que Lima Barreto era incorreto de linguagem, mas penetrante na observação dos costumes e da paisagem urbana e suburbana do Rio de Janeiro.	
Monica Velloso	Lima Barreto vivia o dilacerante conflito do papel do intelectual com o contato com a cultura popular (enquanto um intelectual se sente distanciado das camadas populares e, como homem do povo, não se vê no direito de criticar essa cultura). Lima Barreto, assim como Policarpo Quaresma, morre vítima da loucura e da incompreensão. Lima Barreto podendo ser inserido no que a autora chama de "humoristas boêmios" (intelectuais que ao lado da descontração, da irreverência, do humor, há uma mágoa de não serem devidamente reconhecidos por seus projetos. É o lado do solitário Quixote). Lima Barreto fazia da pobreza de seus trajes o marco de sua individualidade.É uma resistência aos padrões estético- comportamentais da época e o direito de se expressar na aparência o que sente no interior. Lima Barreto como um "escritor cidadão", ou seja, aquele que se empenha em fazer da sua obra um instrumento de ação pública.	
Nélson Werneck Sodré	Lima Barreto, apesar do seu desleixo, de suas insuficiências de criador, do abuso do traço caricatural, apresentou uma galeria de personagens numerosa, viva e colorida. Diz que a obra barretiana é desigual, pontilhada de graves defeitos, descuidada na forma e, muitas vezes, desconexa. Acrescenta que o mundo literário da época não o aceitou, pois o considerava um "marginal das letras", ou seja, alguém sem qualquer importância.	

Newton Freitas	Revela que Lima Barreto possui um estilo que tem como característica uma "forma boêmia".	
Nicolau Sevcenko	Lima Barreto como um escritor militante. A amplitude dos temas que a obra de Lima Barreto abrange só é comparável a de Euclides da Cunha (faz um retrato maciço e condensado do presente).	
Olívio Montenegro	Lima Barreto foi, entre todos os romancistas do começo do século XX, o que mais olhou para si mesmo. Lima Barreto sendo um autor de uma obra de constante e violenta revolta.Diz que Lima Barreto não foi um autor popular. Faltou a Lima Barreto uma imaginação que criasse fatos, cenas e figuras de seus romances. Define como o "grande pecado da obra de Lima Barreto" o fato de transformar o romance em obra de ação e não de imaginação. Revela que o autor possuía uma "injusta obscuridade".Personagens barretianos como caricaturas de mau gosto.	Acentua muito a revolta de Lima Barreto como justificativa para a sua Literatura. Mostra-se contra ao estilo militante de Lima Barreto.
Osman Lins	Não vê Lima Barreto como um escritor *menor* do que Machado de Assis e sim *diferente* dele. Lima Barreto não combate em seu próprio benefício . Os preconceitos e as injustiças despertam sua ira pelo que são e não pelo fato de atingirem a ele Barreto é um homem duplamente ferido: pelo destino e pela história.	Mostra que Lima Barreto é uma metáfora do isolamento em que a sociedade o encarcerou.
Osmar Pimentel	Lima Barreto definido como mestiço, jornalista, bêbado, burocrata, homem de caráter e romancista.	
Otto Maria Carpeaux	Afirma que Lima Barreto não foi desprezado em vida, pois suas obras forma registradas pela crítica e até mesmo pela acadêmica.Diz que essa glória acabou, justamente, durante o Modernismo, movimento literário do qual Lima Barreto fora precursor.Ressalta que, só a partir de 1940, a fama de Lima Barreto voltou a crescer.	
Paula Beiguelman	Lima Barreto não é o típico escritor que precisa ser lido "com um dicionário na mão". Sua limpidez e transparência podem ser ilusórias e, por vezes, os seus textos ocultam vários intertextos. Define Lima Barreto como o expoente máximo do grande realismo literário brasileiro e compara- o a Balzac. Lima Barreto foi aquele que traçou o painel da nossa Comédia Humana, apontando problemas ainda sem solução atualmente. Lima Barreto compartilhou o sofrimento do povo. Através de sua arte desejava despertar a consciência da nação. Criticava, inclusive, a passividade dos oprimidos ante a justiça social.	
Raul Antelo	Vê Lima Barreto como um boêmio. Lima Barreto é rebelde, um sublevado minoritário e espontaneísta, melancólico e irônico, que caminha com as massas, na inquietude e no inconformismo, mas que não questiona a autoridade.	
Regis de Moraes	Lima Barreto como um "mestiço genial". Lima Barreto possuía uma personalidade de fronteira: nem bem pode ser mulato, nem bem foi um branco. Lima Barreto como um homem de fronteira: viveu entre a realidade de humilde amanuense e o	Biografia que faz uma leitura de Lima Barreto de um modo não linear. O autor define o livro

	sonho de glória como escritor.Lima Barreto como alguém que precisa subjetivamente de seus momentos de lucidez e, ao mesmo tempo, de momentos de embriaguez;Lima Barreto tendo um heroísmo silencioso;Lima Barreto tendo uma alma inquieta.Lima Barreto precisa ser visto como o típico homem forte que morreu esmagado pela imagem que fez de si mesmo e pela imagem que a sociedade fez dele.Lima Barreto acreditava no poder das idéias.Lima Barreto era um sujeito pudico. Era muito moralista consigo mesmo.	como um depoimento de um leitor apaixonado.
Sérgio Buarque de Holanda	Em Lima Barreto, não só a sua vida pessoal – muito marcada pelo desmazelo/desleixo e intemperança – parecem inseparáveis de sua obra como, também, afetam muitos dos juízos (julgamentos), bons ou ruins, que podem ser feitos sobre seus livros. Segundo Buarque de Holanda, a verdade é que Barreto não teve o gênio que nele suspeitam alguns dos seus admiradores e nem é possível, sem injustiça, pôr Lima acima de Machado.	
Silviano Santiago	Grande lição de Lima Barreto: escrita popular e, ao mesmo tempo, crítica. Lima Barreto assumiu uma posição estética popular em uma literatura em que os critérios de legitimação do produto ficcional sempre foram dados pela leitura erudita. Lima Barreto tendo um pensamento com um pessimismo visceral.	
Sônia Brayner	Lima Barreto tendo uma concepção artística de caráter sociológico.	Excelente estudo sobre os autores que influenciaram Lima Barreto na sua concepção de uma arte militante.
Tasso da Silveira	Lima Barreto como um revoltado, misto de Heine e Max Twain. Ninguém sabe como o escritor tem vagares para escrever páginas de tão perfeita observação, no aparente desregramento de sua vida, despreocupado das conveniências sociais, perambulando constantemente pela cidade, parecendo ir diferente ao mundo que o cerca. E, ao mesmo tempo, armazenando como em placas fotográficas, todos os variados aspectos da vida social carioca. Lima Barreto tendo um grande poder de observação e uma faculdade admirável de fotografar episódios.	

APÊNDICE B- A caricatura de Lima Barreto por Hugo Pires.

Primeiro esboço de Lima Barreto feito ao natural, em 1919, no centro do Rio de Janeiro.

Hugo Pires, o autor da caricatura, era natural de Botucatu. Veio como bolsista da cidade do interior de São Paulo para estudar na Escola Nacional de Belas Artes (atual Escola de Belas Artes da UFRJ). Certamente, Hugo Pires teve contato com Lima Barreto durante a sua estadia na capital. Hugo de Avellar Pires morreu com mais de noventa anos. Era membro da Academia Botucatuense de Letras.

Segundo esboço de Lima Barreto. Nessa caricatura, Hugo Pires acentua os traços fisionômicos de Lima Barreto. E coloca o romancista com um traje mais elegante do que aquele apresentado na primeira versão.

Versão final da caricatura publicada na Revista *A Cigarra,* em 1919, e, também, reproduzida na obra *Clara dos Anjos*, em 1956, dentro das Obras Completas de Lima Barreto publicada pela Editora Brasiliense.

Ao contrário da primeira versão, desenhada a partir do Lima Barreto real, o desenho final mostra um autor com uma vestimenta mais alinhada. Repare que, inicialmente, o autor não trajava colete, camisa de gola e brilho no sapato. A impressão que se dá é, exatamente, que no esboço há um Lima Barreto mais boêmio, já na versão final o escritor apresenta uma imagem mais condizente com que as pessoas esperavam de um romancista de talento.

APÊNDICE C: *Em busca de uma memória*

por Luciana da Costa Ferreira.

Certa vez, ao ser convidada a proferir uma palestra sobre Lima Barreto, comecei a refletir se, realmente, havia homenagens a Lima Barreto no bairro em que nasceu. Sendo, também, moradora do bairro onde vivera Lima Barreto, comecei a minha "investigação" à la Sherlock Holmes.

Inicialmente, resolvi caminhar pelo bairro, imaginando como seria aquele lugar há um século atrás. Passo por um vendedor de vassouras e por um padeiro com sua bicicleta e sua famosa buzina. Vejo que, muitas tradições ainda se mantêm. Subo a ladeira da Rua Major Mascarenhas, acompanhada pelo olhar desconfiado de um senhor morador do local. Procuro a primeira casa de Lima Barreto e, pasmem, o que se vê é um condomínio de luxo, bem ao estilo dos "sky's scrapers" que nosso autor tanto abominava. Sigo adiante e vejo que o número de uma casa é compatível com o da famosa "Vila Quilombo". No entanto, não me animo. A "Vila Quilombo" perdeu seu ar simplório ao ser transformada em um lar dos padrões atuais. Percebi que o passado tinha sido apagado e o que restava era apenas um número. Pensei: como é triste dizer "naquele número morou um dos maiores romancistas do Brasil". Recorro a minha última tentativa: a casa da Rua Boa Vista, atual Elisa de Albuquerque. Subo mais uma ladeira e me pergunto: como Lima Barreto conseguia subir essas ladeiras sob os efeitos do parati? Já, quase vencida pelo cansaço acompanho os números... e não o acho.

Chego em casa e continuo a minha busca. Recorro ao catálogo telefônico. Será que existe uma Rua Lima Barreto? Procuro, procuro e, descubro que fica em Piedade, bairro próximo a Todos os Santos. Fico indignada: Por que em Piedade? Reparo que, grandes moradores da época em que Barreto vivera, possuem nomes de ruas próximas de onde moraram. Arquias Cordeiro, Getúlio, Dias da Cruz estão ligados historicamente ao logradouro do qual são patronos. Lembro de outro tipo de homenagem: um nome de Escola Municipal. Recorro à lista telefônica novamente. E está lá: Escola Municipal Lima Barreto, Realengo, Rio de Janeiro.

Retorno à palestra. O que vou dizer ao público? Não há homenagens ao nosso escritor em seu bairro? Alguém me diz: Mas a palestra não é na Biblioteca Popular Lima Barreto? Sim, mas a biblioteca tem na sua fachada os dizeres: Biblioteca do Méier. Sinto como se fosse um gol batendo na trave, já que uma esquina antes ainda é Todos os Santos.

Um ano depois dessa experiência, sou convidada, novamente, a realizar uma palestra em homenagem ao nosso romancista do subúrbio. Exatamente, na semana de aniversário do Méier e dos 55 anos da Biblioteca Lima Barreto me vejo fazendo uma homenagem ao autor que tanto me fascina desde a adolescência. Uma semana depois, recebo um telefonema de uma assessora da Secretaria Municipal de Cultura com a derradeira pergunta: Você nos ajudaria a escolher um local para a instalação de uma placa, que já está pronta, em homenagem a Lima Barreto? Um sorriso abriu-se em mim e tenho a oportunidade de fazer dessa busca da memória de Lima Barreto, não um triste fim, mas um fim feliz.

Por: Luciana da Costa Ferreira
Rio de Janeiro, 01 de julho de 2007

APÊNDICE D : A Biblioteca Popular do Méier – Lima Barreto

Uma das mais justas homenagens a Lima Barreto muito se assemelha ao escritor. Por fora, possui um "esbodegado vestuário" que, certamente, não impressiona em uma primeira olhadela. No entanto, por dentro, possui a sua riqueza maior. O leitor pode perceber, pela própria dica do título, que estamos falando da Biblioteca que tem como patrono o grande romancista de Todos os Santos.

A Biblioteca Popular do Méier foi inaugurada em oito de maio de 1952 na gestão do Prefeito João Carlos Vital. Sua primeira instalação foi na Rua Frederico Méier, nº 32, onde funcionou até 20 de dezembro de 1972. Posteriormente, mudou-se para o atual endereço: Rua Castro Alves, nº 155. Somente, em 1990, recebeu como Patrono Afonso Henriques de Lima Barreto.

Foto da Biblioteca Popular do Méier Lima Barreto

por: Luciana da Costa Ferreira.

Atualmente, a freqüência de leitores é de 680 pessoas por mês. São, justamente, esses colaboradores da comunidade que fazem com que o acervo da "pequena biblioteca" chegue a uma quantia estimada em 25 mil obras. No entanto, se um pesquisador quiser recorrer à instituição para saber mais sobre o autor de *Clara dos Anjos*, encontrará apenas uma prateleira a disposição. Sendo assim, a Biblioteca carece de doações de materiais sobre o escritor. Como fica localizada

próxima ao local onde o grande romancista morou poderia se tornar uma referência em obras produzidas sobre o romancista.

Além do grande apreço da comunidade há uma colaboração notável dos funcionários da Instituição. Muitos poderiam até ser personagens da obra do autor, na medida em que possuem aquela espontaneidade tão típica da gente dos subúrbios. Com isso, Lucimar, Fátima, Jonas, Beth e Jussara são os personagens reais de uma Biblioteca pequena de espaço, porém grande na imensidão que o nome Lima Barreto representa.

REFERÊNCIAS:

a) obras gerais:

- ANTELO, Raul. "Não há vagas para os Barretos" *In: João do Rio- O dândi e a especulação.*RJ: Livrarias Taurus- Timbre Editores, 1989, p. 89-92.

- ANTÔNIO, João (org). *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto.* RJ: Civilização Brasileira, 1977 .

- ASSIS, Machado de. "História de quinze dias". *In*: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Machado de Assis*: *obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, v. III, p. 344-345.

- BANDEIRA, Manuel. *Noções de História das Literaturas.* 6ªed., SP:Editora Fundo de Cultura S.A, 1969.

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A Vida de Lima Barreto*, 1881- 1922. 5ª ed., RJ: J. Olympio; Brasília:INL, 1975.

- _____.*Lima Barreto e a reforma da sociedade.* Pool, 1987.

- BARRETO, Lima. *Bagatelas.* SP: Brasiliense, 1956.

- _____.*Clara dos Anjos.* SP: Brasiliense, 1956.

- _____. *Coisas do Reino de Jambon.* SP: Brasiliense, 1956.

- _____.*Correspondência Ativa e passiva.* Vol I e II, SP: Brasiliense, 1956.

- _____. *Diário Íntimo.* SP: Brasiliense, 1956.

- _____. *Feiras e Mafuás.* Brasiliense, 1956.

- _____. *Histórias e Sonhos.* SP: Brasiliense, 1956.

- _____. *Impressões de Leitura.* Brasiliense, 1956.

- _____. *Lima Barreto*/ seleção e prefácio de Beatriz Resende. SP: Global, 2005 (Coleção Melhores Crônicas).

- _____. *Marginalia.* SP: Brasiliense, 1956.

- _____. *Numa e Ninfa.* SP: Brasiliense, 1956.

- _____.*O Cemitério dos vivos.* SP: Brasiliense, 1956.

● _____. *Os Bruzundangas.*5ª ed., RJ: Ediouro, 1997.

● _____. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha.*10ª ed., RJ: Ediouro, 1996.

●_____. *Triste Fim de Policarpo Quaresma.* SP: Brasiliense, 1956.

● _____. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá.* SP: Editora Ática, 1997.

●_____. *Vida Urbana.* SP: Brasiliense, 1956.

● BARTHES, *O Rumor da Língua***,** 2ª ed., SP: Martins Fontes, 2004.

● BEIGUELMAN, Paula. *Por que Lima Barreto.* Brasiliense, 1981

● BELLO, José Maria. "Lima Barreto" *In: Á margem dos livros.* RJ: Anuário do Brasil, 1923 p. 154-156.

● BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo,* 1ªed., SP: Brasiliense,(Obras Escolhidas: vol 3), 1989.

●_____.*Magia e Técnica, Arte e Política:* Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. 5ª ed., SP: Editora Brasiliense, (Obras Escolhidas: vol 1), 1993.

● BORBA, Osório. "O inexplicável ostracismo de Lima Barreto"*in: A comédia literária.* RJ: Alba Editora, 1941, p. 111-15

● BOTELHO, Denílson. *A pátria que quisera ter um mito* O Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto. RJ: Secretária Municipal das Culturas. Coleção Biblioteca Carioca, vol 44, Série Literatura, 2002.

● BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica". *In:* AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord). *Usos & abusos da história oral*. 5ª ed., RJ: Editora FGV, 2002, p.183- 191

● BRAYNER, Sônia. "Lima Barreto: mostrar ou significar?" *In: Labirinto do espaço romanesco: tradição e renovação da literatura brasileira, 1880-1920.* RJ: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1979, p. 145- 176.

● BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil-* 1900. 3ª ed., RJ: J. Olympio, Departamento de Cultura da Guanabara, 1975.

● CANDIDO, Antonio *et alli.* "A personagem do romance".*In: A personagem de ficção.*2ªed., SP:Editora Perspectiva, 1970, p. 53- 80.

● CANDIDO, Antonio. . "Os olhos, a barca e o espelho*" In: A educação pela noite e outros ensaios.* SP: Ática, 1987, p. 39-50

● CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados:* O Rio de Janeiro e a República que não foi. SP: Companhia das Letras, 1998.

● COUTINHO, Carlos Nelson. O significado de Lima Barreto na literatura brasileira. *In:* COUTINHO, C. N. e outros. *Realismo e anti- realismo na literatura brasileira.* RJ: Paz e Terra, p.1, 1974.

● CURY, M. Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de Jambon:* as classes sociais na obra de Lima Barreto. SP: Cortez, 1981.

●DAMAZIO, Sylvia F. *Retrato social do Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1996, p. 125-6.

● DOSTOIEVSKI, Feodor. *Recordações da casa dos mortos.* 3ªed., RJ: Livraria José Olympio Editora, 1952.

● DREUX, Wilson. *Meyer, um século de história* (1888, 1989)- Origem, desenvolvimento, aspectos. RJ: Gráfica Themis LTDA, 1ª ed., 1990.

● ENGEL, Magali Gouveia. "Relações entre os gêneros em Lima Barreto". (texto fornecido no original pela autora) . Pode ser encontrado *In: Revista Saúde, Sexo e Educação*, RJ, Ano X, n.25, 1994, p.6-11.

● FANTINATI, Carlos Erivany. *O Profeta e o Escrivão*: Estudo sobre Lima Barreto. São Paulo: ILPHA-HUCITEC, 1978.

● FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*.RJ:Tempo Brasileiro, 1995

● _____. *Lima Barreto e a reforma da sociedade.* Recife: Pool Editorial S.A, 1987.

●FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna..*O Romance de Lima Barreto e sua recepção*.Belo Horizonte, MG: Editora Lê, 1995.

● FLAUBERT, *Madame Bovary,*SP: Abril Cultural, 1979.

● FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas:* uma arqueologia das ciências humanas. SP: Martins Fontes, 1992.

● FREIRE, Gilberto. "O *Diário íntimo* de Lima Barreto" *In: Vida, forma e cor.* 2ªed., RJ: Record, 1987, p. 256-262.

● FREITAS, Newton. "Lima Barreto" *In: Ensayos Americanos.* Buenos Aires: Schapire, 1944.

●GARRATY, John .“The material of biography”, *in: The nature of Biography*, New York: A Vintage Book A Caravelle Edition, 1964, pgs 177-179.

● GAULTIER, Jules de. *Le Génie de Flaubert , Lê Génie de Flaubert.* Paris: Mercvre de France,1913.

● _____. *Le Bovarysme. Memóire de la crítique. Suivi d'une étude* de Per Buvik. *Le principe bovaryque.* Paris: Presses de L'Université ParisSorbonne, 2006.

● GOMES, Eugênio. “Lima Barreto” *In:* COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 3ª ed., RJ: José Olympio; Niterói: UFF, 1986, p. 218-25.

● GULLAR, Ferreira. “Nota do tradutor” *In:* CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote,* 2002.

● HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Em torno de Lima Barreto”. *In: Cobra de Vidro*. SP: Perspectiva: Secretaria da Cultura,Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978, p.131- 146

● HOUAISS, Antônio. “Sobre Lima Barreto e seu biógrafo” *in: Crítica Avulsa* BA: Publicações da Universidade da Bahia, série II, nº 23, 1960, p. 272-82.

● LEVI, Giovanni.”Usos da biografia” ”. *In:* AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord). *Usos & abusos da história oral*. 5ª ed., RJ: Editora FGV, 2002, p. 167-182.

● LIMA, Alceu Amoroso. Prefácio. *In:* BARRETO, Lima. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá,* SP: Brasiliense, 1956.

● LIMA, Oliveira. Prefácio. *In:* BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma.* SP: Brasiliense, 1956.

● LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco* SP: Ática, 1976.

● MARTINS, Luís. “O suburbano Lima Barreto” e “Lima Barreto e o feminismo” *In: Homens e livros.* SP: Conselho Estadual de Cultura/ Comissão de Literatura (Coleção Ensaio),p. 23-26, p. 27- 30

● MONTENEGRO, Olívio. Prefácio. *In:* BARRETO, Lima. *Coisas do Reino de Jambon.* SP: Brasiliense, 1956.

● MORAES, Regis de. *Lima Barreto.* São Paulo: Editora Brasiliense S.A, (Coleção Encanto Radical), 1983.

● PEREIRA, Astrojildo. *Romancistas da cidade: Macedo, Manuel Antônio e Lima Barreto. In:* HOLANDA, Aurélio Buarque de (coord). *O Romance brasileiro-* de 1752 a 1930. RJ: Edição O Cruzeiro, 1952, p. 37-73.

● PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro- 1902- 1938. RJ: Nova Fronteira, 2000.

●_____. "O jogo dos sentidos: Os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro" *In:* CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo (orgs). *A História Contada:* capítulos de história social da literatura no Brasil. RJ: Nova Fronteira, 1998, p. 195-6.

● PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise* RJ: Cátedra; Brasília, INL, 1976.

● PROENÇA, M. Cavalcanti."Lima Barreto" *Augusto dos Anjos e outros ensaios.* 2ª ed., RJ:Grifo; Brasília, INL, 1973 (Coleção Litera 3), p. 47-85.

● RABASSA, Gregory. "Lima Barreto" *in: O negro na ficção brasileira* (Meio século de História Literária). RJ: Edições Tempo Brasileiro, 1965.

●RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos.* Rio de Janeiro. Editora UFRJ: Editora UNICAMP.1993.

●_____. "A representação do Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto" *In: Sobre o Pré- Modernismo.* RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa. Centro de Pesquisas. Setor de Filologia. 1988,p. 107-114.

●_____. "Lima Barreto: a opção pela marginalia"*in: Os pobres na Literatura Brasileira.* SP: Brasiliense, 1983 p. 73-78

● RIBEIRO, João. "Lima Barreto" *in: Crítica.* RJ: Publicações da ABL, vol III (autores de ficção), 1959.

●ROCHA, Clara.*O espaço autobiográfico em Miguel Torga.* Coimbra: Livraria Almedina, 1977.

● SANTIAGO, Silviano. "Uma ferroada no peito do pé" *in: Vale quanto pesa*: ensaios sobre questões político- culturais.RJ: Paz e Terra, 1982 (Coleção Literatura e Teoria Literária; vol 44), p. 163-181.

● SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. "Lima Barreto e as contradições sociais de seu tempo" *In:* SANTOS, Afonso Carlos Marques dos (coord). *O Rio de Janeiro deLima Barreto,* RJ: RIOARTE, 1983, v.2.

● SANTOS, Joel Rufino dos. "Sociedade e problema racial na obra de Lima Barreto" *In:* SANTOS, Afonso Carlos Marques dos (coord). *O Rio de Janeiro de Lima Barreto,* RJ: RIOARTE, 1983, v.2.

● SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão:* tensões sociais e criação social na Primeira República. SP: Brasiliense, 1999.

● SILVA, H. Pereira da. *Lima Barreto: escritor maldito.* RJ:Civilização Brasileira; Brasília,INL, 1981.

● SODRÉ, Nélson Werneck. *História da Literatura Brasileira-* seus fundamentos econômicos; 3ª ed., RJ: Livraria José Olympio Editora, 1960 (Coleção Documentos Brasileiros, nº 23).

● UNAMUNO, Miguel de. *Vida de Don Quijote y Sancho.* Buenos Aires: Editora Esparsa- Calpe Argentina S.A (Coleción Austral), novena edición, 1952.

● VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*: turunas e quixotes. RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

b) periódicos consultados:

● ADDOR, Carlos Augusto. "Ilusões revolucionárias", *Revista de História da Biblioteca Nacional,* nº 12, setembro de 2006, p. 34.

● AMADO, Jorge. "Lima Barreto *escriptor* popular" *in: A* Manhã, RJ, 02/07/1935, p.3

●AUGUSTO, Sérgio. "E isso é isso", *In: O Pasquim*, nº 207, Rio de Janeiro, 19-25 de junho, 1973.

● CASCUDO, Luiz da Câmara. "Lima Barreto" *In: Diário de Notícias*, RJ, 16/10/1948.

● FERRAZ, Enéas. "A morte do mestre" *in: O Paiz,* 20/11/1922, p. 5.

● FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. "Uma corda sobre o abismo: diálogo entre Lima Barreto e Nietzche" *in:* Revista *Alea:* Estudos Neolatinos, Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas/ Faculdade de Letras- UFRJ, v.6, n.1. RJ: junho de 2004, p. 159, 173.

● Jornal *A Noite.* "Lima Barreto", RJ, 02/11/1922, p. 1, s/a

● Jornal *Correio da Manhã.* "A morte de Lima Barreto", RJ, 3/11/1922, p. 3, s/a.

● Jornal *O Imparcial*. "Morreu Lima Barreto", RJ, 2/11/1922, p. 10, s/a

●_____. "Foi sepultado, ontem, o corpo de Lima Barreto", RJ, 03/11/22, p.3, s/a.

● Jornal *O Paiz.* "Lima Barreto", RJ, 03/11/1922,p.4, s/a.

● LAMEGO, Valéria. "Lima Barreto: críticas duras e pseudônimos" *In: Jornal do Brasil, Caderno B,* RJ: 02/07/2000, p.1- 2.

● MARTINS, Marília .“Nas ondas da memória” (entrevista com John Banville) *in: Prosa e Verso, O Globo,* 14/04/2007, p. 1-2.

● *O Jornal,* “Lima Barreto- A sua morte”, RJ, 03/11/1922, p.3, s/a.

● OLIVEIRA, Irenísia Torres de. “O estilo sob suspeita: preocupações modernas na obra de Lima Barreto” *in: Terceira Margem:* Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. UFRJ, Ano IX, nº 12, 2005, p. 150-159.

● SOIHET, Raquel. “Mulheres em busca de novos espaços e relações de gêneros” *in: Acervo:* revista do Arquivo Nacional, v.9, n. 1-2 (jan./ dez. 1996), RJ: Arquivo Nacional, 1997.

● SOUZA, Ronaldes de Mello e. “Introdução à poética da ironia” *in:* Linha de Pesquisa, RJ, vol. 1, nº 1, outubro de 2000, p. 27-48.

c) artigos consultados *on line* :

● BOTELHO, Denílson. “Como ser jornalista no Rio de Janeiro do início do século XX: o caso de Lima Barreto” Disponível em: http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/handle/1904/17348 Acesso dia 9/6/07 às 19:35.

● CALLIGARIS, Contardo. “Verdades de autobiografias e diários íntimos”. Disponível em: http://www.fgv.br/revista (Revista *Estudos Históricos,* tema: Arquivos Pessoais, nº 21, 1998/1). Acesso em: 15/11/06 às 13:50.

● Enciclopédia virtual Wikipédia. Disponível em*:* http://pt.wikipedia.org acesso dia 30/ 06/ 07 às 12:05

●PIRES, Victor Hugo da Costa**.** “Hugo Pires” Disponível em: http://br.geocities.com/hugopiresart/galeria2.htm. Acesso em: 30/06/07 às 12:13.

●“O teatro de Shakespeare”, sem autor. Disponível em: http://educaterra.terra.com.br/voltaire/artigos/teatroelizabetano.htm. Acesso em: 5/07/07 às 10:40.

●ZILLY, Berthold. “Lima Barreto e a cultura nacional”. Disponível em: http://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=482 Acesso em: 10/07/06 às18:00

d) crédito das ilustrações:

I. Reprodução fotográfica do Jornal Correio da Manhã. Fotografia do original por Luciana da Costa Ferreira. *In:* Acervo da Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos.

II. Caricatura de Lima Barreto- Reprodução *In:* BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos.* SP: Brasiliense, 1956, p. 2

III. Livro *O Bovarismo.* De Jules de Gaultier *In:* http://perso.orange.fr/selene.star/bovarysme.htm, Acesso em: 05/04/07, às 19:06.

IV. Caricatura de Lima Barreto 1, *In:* http://br.geocities.com/hugopiresart/galeria2.htm. Acesso em: 30/06/07 às 12:13.

V. Caricatura de Lima Barreto 2, *idem ibidem* ilustração IV.

VI. Caricatura de Lima Barreto**,** *idem ibidem* ilustração II.

VII. Foto da Biblioteca Popular do Méier Lima Barreto. Fotografia por Luciana da Costa Ferreira, 04/06/2007.